

POLLY HOLMES
AUTORA PREMIADA

Cupcakes
e
Maldições

Assassinos do Cupcake



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

POLLY HOLMES
AUTORA PREMIADA

A woman with long, wavy red hair is the central figure. She is wearing a white, button-down shirt with a V-neckline and dark jeans. She holds a single cupcake with yellow frosting on a small white plate in her right hand. The background is a warm, golden-brown interior, possibly a bakery or cafe, with shelves and other people blurred in the background.

*Cupcakes e
Maldições*

Assassinos do Cupcake



Table of contents

1. [Capa](#)
2. [Folha Rosto](#)
3. [Direitos Autorais](#)
4. [Capítulo Um](#)
5. [Capítulo Dois](#)
6. [Capítulo Três](#)
7. [Capítulo Quatro](#)
8. [Capítulo Cinco](#)
9. [Capítulo Seis](#)
10. [Capítulo Sete](#)
11. [Capítulo Oito](#)
12. [Capítulo Nove](#)
13. [Capítulo Dez](#)
14. [Capítulo Onze](#)
15. [Capítulo Doze](#)
16. [Capítulo Treze](#)
17. [Vem aí Cupcakes e Cadáveres](#)
18. [Melting Pot Café](#)
19. [Sobre a Autora](#)
20. [Informações Leabhar](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)

Cupcakes e Maldições

POLLY HOLMES
AUTORA PREMIADA
Assassinos do Cupcake

1ª Edição


Leabhar
2024
Ribeirão Preto/SP



Direitos Autorais



Título Original: Cupcakes and Curses
The cupcake Capers #2
Copyright©2019 por Polly Holmes
Copyright da tradução©2024 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Mônica Martins
Revisão: Carla Souto Maior
Diagramação e Capa: Labellaluna Web®

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA

P777lb

Holmes, Polly.

Título: Cupcake e Maldições (recurso eletrônico) - ©2024 Leabhar
Books Editora Ltda- Ribeirão Preto - SP

Tradução de: Cupcakes and Curses © 2019 Polly Holmes

Formato: Livro digital

Veiculação: Digital

ISBN 978 65 5444 268 8

1. Contemporâneo. 2. Austrália. 3. Martins, M. I. Título

80754

CDD 82-32
CDU 134.3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda. Rua Sete de setembro. 1851 conj. 1 CEP: 14025-200 - RP/SP - Brasil

E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com

Capítulo Um



O suor escorria da testa de Clair McCorrson enquanto estacionava seu velho Toyota vermelho de forma abrupta em frente à Sweets Mansion. Observou o BMW cinza-escuro do Sr. Hapworth, estacionado do outro lado da rua. As palavras Hapworth Settlement Agents estavam gravadas na porta em letras prateadas brilhantes. Clair mal podia conter a alegria.

— Não acredito que em questão de minutos essa linda mansão será nossa.
— Era o local perfeito para expandir os negócios e abrir uma nova cafeteria especializada em cupcakes, a CC's Cupcake Haven.

Clair vinha trabalhando muito desde que abriu a CC's Simply Cupcakes com sua irmã, Charlotte, há três anos. Foi Charlotte quem fez o negócio prosperar, com seus deliciosos e premiados cupcakes, enquanto Clair mantinha o lado comercial sob controle. A irmã mais nova, Cassidy, ficou fora da cozinha e se concentrou em sua empresa de design de interiores. O que mais amava na CC's Simply Cupcakes era comê-los. As habilidades de Cassidy impressionaram os moradores da cidade. Principalmente a linda decoração da loja, com tema vintage chique.

Estavam todas de acordo. Era hora de expandir o negócio. Com Charlotte assumindo o comando da loja em Ashton Point e Cassidy focada na empresa de design de interiores, Clair ficou livre para fazer da CC's Cupcake Haven sua própria história de sucesso. Teve o empréstimo bancário aprovado e estava pronta para iniciar as reformas assim que a compra do imóvel fosse oficializada.

Mal podia acreditar na sorte quando o corretor de imóveis local encontrou a velha mansão em questão de dias, a um preço bem razoável, considerando o atual mercado imobiliário na Austrália.

— Graças a Deus Charlotte ama esta casa tanto quanto eu — murmurou enquanto saía do carro equilibrando a caixa prateada de cupcakes em uma mão, e a bolsa e o celular na outra. — Espero que goste de doces, Sr. Hapworth — disse para si mesma, com a boca ainda salivando por causa dos cupcakes de anis que havia provado antes de sair da loja. Tinha sido ideia de Charlotte fazer cupcakes personalizados com o logotipo da empresa do Sr. Hapworth como agradecimento.

Embora Cassidy estivesse visitando os pais em Nova York, compartilhava da mesma opinião. Não podiam perder a oportunidade de comprar a casa quando descobriram que pertencia originalmente a uma mulher chamada Sweets. De acordo com Charlotte, foi um presságio.

Era para ser.

Clair apertou o passo, subindo o pavimento elevado perto do frágil portão do jardim. Prendeu a respiração quando a caixa de guloseimas balançou em sua mão, quase caindo no chão. — Uau, isso foi por pouco. Charlotte nunca me perdoaria se eu estragasse suas obras-primas. — Olhou para o celular e viu que eram 19h15. — Se tem uma coisa que odeio é chegar atrasada. — Seus nervos estavam à flor da pele.

As palavras do Sr. Hapworth reverberaram em sua mente: *‘Não há razão para não fecharmos o negócio. Não se preocupe com nada, minha querida. Cuidarei de tudo.’*

Não teve mais notícias dele, então tinha certeza de que tudo havia corrido como planejado.

Ao se aproximar da porta com vitral colorido, franziu a testa, procurando pelo Sr. Hapworth. Combinaram de se encontrar na varanda às 19h. Mordeu o lábio inferior. *Talvez ele estivesse esperando lá dentro.*

Devo bater ou simplesmente entrar? Mamãe sempre disse para nunca entrar sem ser convidada. A mãe sempre lhe ensinou boas maneiras. Sorriu para si mesma. Embora seus pais morassem em Nova York, ainda sentia a falta deles todos os dias, especialmente da mãe. Inspirou profundamente o ar salgado e bateu no vidro.

Silêncio.

O sussurro de uma brisa quente do mar passando pelas árvores próximas chamou sua atenção. Bateu mais uma vez na porta, agora um pouco mais forte. O frio do vidro temperado era um forte contraste com a noite quente de verão. — Sr. Hapworth, o senhor está aí? É Clair McCorrson.

A medida que o vento aumentou, o farfalhar das árvores se transformou em um rugido surdo, como se estivessem persuadindo-a a entrar. Era para encontrá-lo aqui às 19h, e seu carro estava estacionado na frente da casa. Então, ele só podia estar lá dentro.

A ansiedade a estimulou a entrar em ação quando girou a velha e frágil maçaneta. O rangido agudo da porta raspando no piso parecia com unhas arranhando um quadro-negro.

— Uau — disse, o corpo inteiro se encolhendo com o som familiar. — Esta porta é sem dúvida a primeira coisa a ser consertada.

Olhou para dentro e levou um momento para seus olhos se ajustarem à semiescuridão. Os raios dourados do pôr do sol, desaparecendo aos poucos, entrando pelas janelas da frente, forneciam luz suficiente para iluminar partes do interior sombrio. Embora já passasse das 19h, ainda estavam no horário de verão na costa central de Nova Gales do Sul, o que significava que haveria luz até por volta das 21h. Uma noite australiana amena e perfeita.

— Sr. Hapworth, o senhor está aqui? — chamou, perto da porta. Mais uma vez, o silêncio. Ao entrar, Clair observou a casa quase vazia. Sua mente disparou, animada com os planos que já havia traçado. Esperava que, quando Cassidy comesasse o projeto da decoração, conseguisse acentuar o charme

único, mantendo a maior parte da mobília antiga deixada pelo proprietário. Encaixaria perfeitamente com sua marca vintage sofisticada.

Um arrepio percorreu sua espinha, como se alguém tivesse acabado de passar por cima de seu túmulo.

Alguma coisa está errada. Onde ele está? E por que não veio me encontrar? Sentiu um arrepio na nuca.

Avançando para dentro da casa, chamou mais uma vez. — Sr. Hapworth, é Clair McCorrson. Trouxe alguns cupcakes deliciosos para o senhor. — De repente, congelou, as palavras presas no fundo da garganta. Todo o ar saiu de seus pulmões quando encontrou o corpo do Sr. Hapworth, curvado na base da escada.

— Sr. Hapworth — disse quase em um sussurro. O olhar atormentado sem vida a encarando. Suspirou e levou a mão à boca, abafando um grito iminente. Em seguida, olhou para baixo, ainda sem acreditar e suas mãos começaram a tremer quando avistou a poça de sangue espesso sob a cabeça do homem. Não havia dúvidas. James Hapworth estava morto.

O sangue gelou em suas veias. Nunca tinha visto um cadáver de verdade, além de sua querida avó, quando compareceu ao funeral. Aquilo era diferente, outro extremo da situação. Não era nada como nos filmes. Permaneceu imóvel pelo que pareceu uma eternidade. Sua mente disparou com o que fazer a seguir, um milhão de pensamentos bombardeando-a de uma só vez. *O que costumam fazer nos filmes? Correr.*

Fugir dos problemas nunca era a melhor solução, sua adolescência a tinha ensinado essa lição. Percebeu a borda de um aparador desgastado à direita da sala de estar. Conseguiu colocar a caixa de cupcake no chão antes de deixá-la cair. Seus dedos tremiam tanto enquanto ligava para a polícia, que quase deixou o celular cair. — Acalme-se.

Ao longe, o rangido da porta da frente era como o estrondo de um trovão vindo do mar. Ela girou e se deparou com o cano de uma arma. Aterrorizada com a perspectiva da morte, sentiu o coração disparar.

— Não se mova. — A voz severa de Robert manteve-a congelada no lugar.

— R-Robert? — perguntou, ainda tremendo.

— Clair... Clair McCorrson?

— Sim, Robert, sou eu. — Clair olhou para o cano de aço da arma. — Pode tirar essa arma da minha frente? Está me assustando.

— Não posso. Recebemos uma denúncia anônima de que aconteceu um assassinato nesta casa. — Olhou ao redor e por cima do ombro de Clair, analisando a cena à sua frente. — E pelo que parece, estão certos.

Clair olhou para o corpo sem vida. O tom misterioso de Robert a fez prender a respiração. — Não pode estar pensando que tive algo a ver com a morte do Sr. Hapworth.

— Sr. Hapworth, o agente imobiliário? — Robert ergueu a sobrancelha, desconfiado.

Clair ficou boquiaberta, os joelhos trêmulos mal a sustentavam de pé. *Ah,*

meu Deus, ele pensa que fui eu quem matou o pobre homem. — Sim... Combinamos de nos encontrar aqui, mas eu me atrasei. — continuou, a voz subindo um tom a cada palavra. — Estava prestes a ligar para você. Está vendo? — disse, enquanto segurava o celular.

Robert fez uma pausa, abaixando a arma devagar. — Se importaria de mudar de lugar e se afastar do corpo?

Com prazer. Sua cabeça latejava com tanta força que ela pensou que fosse explodir.

Robert guardou a arma no coldre. Verificou o corpo em busca de sinais de vida, pegou o rádio e ligou. Abriu um bloco, pigarreou e perguntou: — Pode me dizer o que aconteceu?

O som estridente do celular ecoando pela casa silenciosa era como um bando de cacatuas. Ele franziu a testa enquanto olhava o número na tela. — Preciso atender.

— É claro. — Clair assentiu apertando as mãos trêmulas.

Robert a conduziu para a sala de estar, longe da cena do crime. — Pode esperar aqui enquanto atendo esta ligação? Depois podemos conversar.

— Está bem — concordou Clair, desejando que a ligação fosse rápida. *Parece que não tenho muita escolha.* Robert parou na porta da frente, sem desviar os olhos dela, a voz tão baixa que ela mal conseguia entender uma palavra.

— Pode falar, estou ouvindo...

Não acredito que isso está acontecendo. Sabia que não deveria ter lido meu horóscopo hoje. — A vida vai te surpreender com algo inesperado. *Algo inesperado.* Continuou esperando Robert terminar a ligação, a imagem distorcida do corpo presa em sua mente.

O cheiro pungente de sangue encheu suas narinas. *Por que alguém iria querer matar o pobre Sr. Hapworth?* Pensou por um momento e, em seguida, entendeu a situação.

Minha nossa. Com a denúncia anônima, vão pensar que o matei. Meios, motivo e oportunidade, não é isso que dizem no CSI? Não tinha motivo para matá-lo, mas as outras variáveis podiam parecer questionáveis, uma vez que foi encontrada sozinha com o corpo em uma casa vazia, cheia de armas em potencial. *Dois em três, seriam suficientes para condená-la por assassinato?*

Não se eu tiver como me defender.

Robert ainda falava ao celular, a atenção agora desviada para o corpo. Clair tinha apenas mais quarenta minutos de luz do dia. Era agora ou nunca.

Ignorou a angústia em seu peito e observou a sala como se estivesse admirando a decoração antiga. Se fosse questionada, podia fingir que estava planejando as reformas. Estremeceu, sentindo um arrepio percorrer seus braços, como se pudesse sentir o espírito da Sra. Sweets na sala.

Era como se o tempo tivesse parado. Uma densa camada de poeira cobria os móveis antigos que ainda restavam na casa. Parecia tudo exatamente igual à última visita que fez com o Sr. Hapworth. Seu olhar caiu sobre a mesa do

telefone na entrada da sala de estar.

O que...? Um fraco raio de sol brilhou na superfície limpa. Um círculo perfeito do tamanho da base de uma garrafa de vinho. Não havia nada. O que quer que estivesse ali, agora não estava mais. *Poderia ter sido a arma do crime?*

Robert pigarreou. — Desculpe por isso. Clair, não cabe a mim julgar, mas precisa vir comigo até a delegacia para responder algumas perguntas.

— Delegacia? No banco de trás da viatura de polícia? Mas eu não fiz nada. Acabei de chegar, cerca de dez minutos antes de você. Bati várias vezes na porta e como não houve resposta, decidi entrar e encontrei o Sr. Hapworth caído no chão... morto.

— Pode ser que sim, mas com a denúncia anônima, precisamos investigar.

— Agora, se vier comigo, podemos esperar na minha viatura até o legista chegar para buscar o corpo — disse Robert, guardando o celular no bolso.

— Espere. — Clair parou, mordendo o lábio.

— O que disse? — perguntou Robert, erguendo uma sobrancelha.

Deveria contar sobre o objeto que havia sumido? A verdade sempre vence tinha sido o lema na casa dos McCorrson desde que aprendeu a falar. Neste caso, não tinha tanta certeza e negou com a cabeça. — Nada.

Robert segurou a porta da frente aberta. Clair se arrastava como se caminhasse sobre melaço. Olhou por cima do ombro uma última vez para a mesa do telefone, quebrando a cabeça sobre o objeto desaparecido. Talvez estivesse tirando conclusões precipitadas e houvesse uma explicação simples.

Clair se encolheu ao sair da casa e entrar no banco de trás da viatura da polícia como se fosse uma criminosa. Graças a Deus não era em plena luz do dia, para qualquer espectador intrometido presenciar.

Enterrou o rosto nas mãos. *Isso não pode estar acontecendo. Simplesmente não pode. Devo estar em algum tipo de pesadelo. A qualquer minuto, vou acordar e ver o sorriso atrevido de Charlotte rindo de mim, dizendo-me para parar de ser tão boba.*

Devia um grande pedido de desculpas à irmã. Não devia ter ignorado as preocupações de Charlotte quando ela esteve na mesma situação há poucos meses. Charlotte foi acusada injustamente de adicionar cianureto em seus próprios cupcakes. Aquilo parecia um absurdo, até agora.

O flash vermelho e azul de outro carro de polícia se aproximando a fez erguer o olhar. *Eu me pergunto se vão perceber a marca do objeto da mesa.* Aquilo era claramente um pesadelo bem realista.

Depois de conversar com os recém-chegados, Robert ligou o carro e seguiu para o sul, em direção à delegacia. Os olhares dos dois se encontraram no espelho retrovisor. — Como você está?

Por um momento Clair o olhou, confusa. *Considerando que minha vida se transformou em um filme de Agatha Christie, estou bem.* — Como estou? Como acha que estou? — gritou.

— Não precisa ficar histérica. — O aborrecimento era evidente no tom da

voz de Robert. — Em situações como essa, o melhor a fazer é manter a calma.

— Talvez para você, mas de onde estou sentada, a vida parece muito sombria no momento. Você acha que sou uma assassina, embora não tenha provas. — As mãos de Clair tremiam em seu colo.

— Nunca disse isso. Só estou fazendo meu trabalho. Você foi encontrada ao lado de um cadáver. O protocolo determina que precisa ser levada para interrogatório e o detetive Anderson está ansioso para falar com você, considerando o telefonema anônimo e tudo o que aconteceu.

Clair se recostou no banco e cruzou os braços, desanimando a cada segundo. — Gostaria de dizer ao nosso precioso detetive Anderson exatamente o que ele pode fazer com seus protocolos.

— Vou fingir que não ouvi isso — disse Robert baixinho, os olhos focados na estrada.

— Finja o quanto quiser, mas se pensa que vai me culpar pelo assassinato do Sr. Hapworth, pense melhor a esse respeito. — Clair ficou sentada em silêncio pelo resto do caminho. Sua mente repassou em detalhes cada passo da noite, tantas vezes que sentiu náuseas.

Quando Robert a escoltou para a sala de interrogatórios, sua mandíbula estava cerrada e seu corpo rígido.

A verdade sempre vence.

Sentia a tensão na base de seu pescoço. Tinha trabalhado duro para construir uma reputação naquela cidade e não estava disposta a deixar que um pequeno mal-entendido a destruísse. Capturou o olhar severo do detetive Anderson quando ele entrou na sala.

— Clair, prazer em vê-la. Gostaria que fosse em melhores circunstâncias. — Ele apontou para a cadeira na frente dela. — Por favor, sente-se e vamos acabar com isso o mais rápido possível.

— Agradeço por isso — respondeu Clair, enquanto se sentava. — Está sendo uma noite muito angustiante.

— Por que não começa do início? — disse ele, abrindo o bloco de anotações.

Clair brincou com a bainha da blusa por baixo da mesa. Por dentro, estava com os nervos fervilhando. — Não há muito o que dizer. Recentemente, compramos a Sweets Mansion para abrir uma nova cafeteria especializada em cupcakes, a CC's Cupcake Haven. Estava indo encontrar o Sr. Hapworth, às 19h para receber os documentos finais da compra. Me atrasei e cheguei por volta das 19h15. O carro dele estava estacionado do outro lado da rua, então eu sabia que ele havia chegado, mas não estava na varanda, onde combinamos de nos encontrar. Presumi que devia estar esperando dentro da casa, mas não imaginei que estaria morto. Juro. — Tomou um gole da água gelada que estava na mesa, aliviando a secura da garganta.

— Prossiga.

— Bati na porta e não houve resposta. Chamei-o pelo nome, e ninguém respondeu. A porta estava destrancada, então entrei e o chamei outra vez.

Continuei sem resposta e foi quando o vi caído no chão... Estava imóvel e havia muito sangue. Tive certeza de que estava morto. — Clair apertou os olhos por um momento. Relembrar a imagem serena de sua avó no velório é a maneira como uma pessoa deve deixar este mundo. Velhice, não assassinato.

— Clair, você está bem? Precisa de uma pausa? — perguntou o detetive, a voz cheia de compaixão.

— Não. Estou bem. Quero acabar logo com isso para que eu possa ir para casa — respondeu, abrindo os olhos.

O detetive assentiu e continuou: — De quem foi a ideia de se encontrarem na casa?

Clair fez uma pausa e estremeceu, o ar de repente parecendo uma manhã gelada de inverno. — Minha.

Anderson ergueu a sobrançelha e rabiscou notas ilegíveis enquanto Clair falava. — Por que se encontrarem tão tarde da noite? Sei que é horário de verão, mas com certeza você estava apreensiva em estar sozinha no escuro. Afinal, não há eletricidade desde que a Sra. Sweets faleceu.

— Eu sei, mas achei que seria uma boa ideia finalizar todos os detalhes no lugar onde minha próxima aventura estava prestes a começar. Tirar uma foto na frente da casa para pendurá-la quando a loja abrir, essas coisas. O Sr. Hapworth só estaria disponível às 19h e como ainda é horário de verão, não escurece completamente até as 21h, então haveria muita luz. Não era como se fosse uma reunião demorada, e eu nem tinha a intenção de entrar. Era apenas o tempo de pegar os documentos, tirar uma foto... — Clair deu um tapa na testa e suspirou. — Os cupcakes.

— Cupcakes?

— Sim, deixei os cupcakes na casa. Charlotte fez cupcakes de anis para o Sr. Hapworth, personalizados com seu logotipo prateado. Sei que havia outras pessoas interessadas na propriedade. Eram uma espécie de agradecimento a ele, por me ajudar a conseguir a propriedade. Deixei-os no aparador do hall de entrada.

— Eu não me preocuparia com isso, a menos que Charlotte esteja assando cupcakes com cianureto desta vez. Por favor, continue. — O tom presunçoso irritou Clair.

— Como disse, fui até lá para fechar o negócio. É isso. Assassinato não estava exatamente no topo da minha lista de tarefas.

— Então, não havia nada incomum na casa quando você entrou?

— Não. Como disse, estava tudo em silêncio... Quase gelado.

— Viu alguém perto de casa quando chegou? Talvez dentro do carro ou dirigindo?

— Havia alguns carros passando na rua, nenhum que eu reconhecesse, mas não prestei muita atenção. Estava lá por uma única razão. — A frustração lhe consumia lentamente.

Anderson colocou um saco de evidências sobre a mesa. — Esses são os documentos que deveria receber?

Clair examinou a primeira página com atenção. Uma mancha de sangue encobria metade das palavras. — Sim. São os meus documentos. O que acontece com esses papéis agora? — perguntou, soando mais rude do que pretendia.

— Por enquanto são evidências — respondeu ele, enquanto continuava escrevendo.

— Evidências? Não pode retê-los. Sinto muito pelo Sr. Hapworth, mas ele ia fechar a compra e me entregar esses documentos quando nos encontrássemos esta noite. O que devo fazer agora? Não é como se ele tivesse um sócio a quem eu pudesse recorrer.

— Terá que esperar até tudo se resolver e o assassino do Sr. Hapworth estiver na prisão.

Ele não pode estar falando sério.

O primeiro pagamento do empréstimo venceria dentro de um mês, e Clair iria à falência se a cafeteria não entrasse em funcionamento o mais rápido possível.

— No seu lugar, em vez de me preocupar em começar sua próxima aventura, eu estaria preocupado em ir não para a cadeia por assassinato.

Assassinato? Clair sentiu o sangue sumir do rosto. *Não matei ninguém.* — Guarde essas palavras, detetive Anderson, não irei para a cadeia por assassinato. Sou inocente.

O detetive se levantou e fechou o bloco de anotações. — Vou lhe dar o mesmo conselho que dei à sua irmã, Charlotte, não faz muito tempo. Não se envolva em problemas ou em qualquer situação que a coloque em perigo. Deixe a investigação para os profissionais.

Clair encarou o detetive, a raiva queimando em suas veias. — E veja como tudo terminou. Se bem me lembro, foi Charlotte quem resolveu o mistério dos envenenamentos por cianureto e lhe entregou o assassino embrulhado para presente. Se não fosse pela investigação dela...

— Acho que a palavra correta é ‘bisbilhotar’, e ela teve sorte de termos chegado a tempo ou o desfecho poderia ter sido bem diferente — interrompeu o detetive, pegando o saco de evidências da mesa.

— Chame do que quiser, mas se Charlotte não tivesse feito o *seu* trabalho, ela poderia ter sido presa no lugar do verdadeiro assassino, que quase conseguiu incriminá-la.

O detetive estreitou os lábios e Clair pôde ver o rosto dele enrubescer. — Mesmo assim, deixe a investigação para a polícia. Não saia da cidade e se precisarmos interrogá-la outra vez, entraremos em contato. Robert vai levá-la para casa.

— Está bem. Mas se sou suspeita de assassinato, gostaria de ser mantida informada, já que meu futuro está em jogo.

— Entraremos em contato — repetiu ele, segurando a porta aberta. — Quanto a mantê-la informada, normalmente não contamos aos suspeitos o que descobrimos até termos provas concretas para dar ordem de prisão.

— Suspeitos? Veremos — disse Clair, enquanto saía furiosa da sala de interrogatório, jogando os cachos ruivos por cima do ombro.

Capítulo Dois



Clair estava tendo um sono agitado. Suas pálpebras tremiam enquanto dormia. Adormeceu pensando nos eventos da noite passada.

— Ré Clair McCorrson, acusada de assassinato. Como se declara?

— Inocente, Meritíssimo — Clair gritou do banco das testemunhas, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

Ataques histéricos de riso irromperam da galeria de visualização. Ela se virou e viu sua família no fundo do tribunal. Mas não eram mais sua família. Eram palhaços ameaçadores, rindo e gritando acusações.

— Não, não, não. Eu não o matei. Parem com isso. Parem de rir de mim — implorou.

Aquilo os fez rir e gritar seu nome ainda mais. Não conseguia respirar. Não conseguia controlar o pesadelo que se desenrolava diante de seus olhos.

Um palhaço verde-limão risonho, com uma cabeleira crespa, rosa brilhante, disparou feito fogos de artifício do lugar onde estava e gritou obscenidades, dizendo seu nome como o rugido de um leão furioso. A voz era igual a de Charlotte, mas não podia ser. — Clair...Clair...Clair...Clair...

Clair se abriu os olhos e se sentou na cama, ofegante, a voz de Charlotte ecoando em sua cabeça. O pulso acelerado. Estava hiperventilando.

— Clair, você está bem? Acalme-se e respire devagar — disse Charlotte, em pânico. — Respire fundo algumas vezes.

Clair fechou os olhos, a dor no peito diminuindo enquanto sua respiração voltava lentamente a um ritmo confortável. — Minha nossa! — *Graças a Deus foi apenas um pesadelo e não a realidade. Ainda.*

Charlotte se sentou ao pé da cama. — Estou tentando lhe acordar faz tempo. Deve ter sido um pesadelo horrível. Suponho que tenha algo a ver com isso? — Charlotte segurava a primeira página do jornal.

— O que... O Assassino do Cupcake ataca novamente? — Clair estreitou os lábios e suspirou, levando a mão ao peito, a dor aguda retornando dez vezes pior. — Não sou uma assassina, muito menos a assassina do cupcake.

— Esqueceu de me contar algo ontem à noite? — Charlotte ergueu uma sobrancelha.

Clair arrancou o jornal das mãos da irmã, lendo ansiosa cada frase. Sentiu a cabeça latejar sob o peso das acusações impressas.

— Na noite passada, a polícia encontrou Clair McCorrson ao lado do corpo do agente imobiliário local, James Hapworth. *Não acredito no que estou lendo.* — Um encontro secreto em uma casa abandonada, marcado pela Sra.

McCorrson. Existem rumores que a velha mansão está amaldiçoada. Terá o espírito da Sra. Sweets retornado para assombrar os habitantes de Ashton Point? Uma ruiva em particular? Clair é tão inocente quanto afirma ou será que planejou maliciosamente o assassinato perfeito?

Amaldiçoada... Assassinato perfeito? Existe uma placa em nossa loja que diz: 'culpem as irmãs McCorrson por todos os assassinatos em Ashton Point?'

— Não quero ser maldosa, mas acho que mereço algumas explicações. Sabia que a casa estava amaldiçoada antes de fazer a oferta?

Clair jogou o edredom em Charlotte e fechou o roupão. — Não seja ridícula, maldições não existem. Uma bobagem. Isso tudo é demais para minha cabeça antes do café da manhã. — Levantou-se e foi para a cozinha, Charlotte logo atrás.

— A vida é sempre uma diversão para as irmãs McCorrson — brincou Charlotte.

— Isso não é brincadeira. — Clair se virou e balançou o jornal diante da expressão divertida da irmã. — Estão dizendo que matei o Sr. Hapworth.

— Está bem, me desculpe. — Charlotte levantou as mãos em defesa.

Café. Tudo sempre parece melhor depois do café, pensou, continuando sua jornada até a cozinha.

— Diga-me se isso é diferente de quando me acusaram de colocar cianureto nos cupcakes do casamento de Beth e depois publicaram a notícia na primeira página? — Charlotte cruzou os braços e esperou pacientemente.

Clair fechou os olhos, pressionando os dedos nas têmporas. *Café. Preciso de cafeína*. — Por favor, Charlotte, pode ao menos esperar até que eu tome um café? Não dormi bem.

— Claro. Pode me servir uma caneca também.

Clair se ocupou na bancada da cozinha, o corpo tenso. *Onde conseguiram as informações? E por que colocaram meu nome no jornal, quando não há provas concretas? As notícias correm rápido em cidades pequenas, mas aquilo bateu o recorde*.

Soltou um suspiro de alívio quando o líquido com aroma de avelã deslizou por sua garganta e a aqueceu. Seu cérebro estava voltando a pensar de forma racional. — Desculpe.

Charlotte parecia confusa.

— Desculpe-me por explodir agora e por ter sido tão indiferente quando você estava surtando com as acusações de assassinato.

— Obrigada — Charlotte sorriu amorosamente.

— No fim das contas, você conseguiu um namorado.

Charlotte enrubescceu. — Eu sei, tive muita sorte. Quem diria que o casamento do ano de Ashton Point poderia ter sido tão desastroso e maravilhoso ao mesmo tempo? — Clair não pôde deixar de sorrir com a felicidade da irmã. Foi Liam, o padrinho de Lincoln, quem ajudou Charlotte a provar sua inocência, roubando seu coração no processo.

Clair releu a matéria, examinando cada palavra. Ouviu rumores sobre uma maldição, mas nunca deu muita atenção ao assunto. Agora gostaria de ter feito isso. — Aqui diz claramente que matei o Sr. Hapworth.

— Sim, mas as pessoas saberão que é mentira.

— Será? Como podem ter certeza? Estão dizendo que planejei tudo e marquei o encontro de propósito, tarde da noite na mansão. Diz até que fui afetada por algum tipo de maldição. De qualquer forma, isso me faz parecer culpada. — Fez uma pausa, respirando fundo.

Seu olhar caiu sobre o nome da jornalista. — O que não entendo é como Christina Jacobs sabe tantos detalhes sobre os acontecimentos da noite passada. Quando voltei da delegacia já passava das 23h. E não havia muitas pessoas por lá. Pelo que percebi, apenas Robert e o detetive Anderson estavam de plantão. Até Alison, a recepcionista, já tinha ido embora.

— Suponho que tenha seu jeito jornalístico sorrateiro de descobrir as coisas e, como é dona do *The Chronicle* há mais de dez anos, provavelmente sabe muito mais sobre esta cidade do que pensávamos. Deve ter contatos secretos escondidos nos lugares mais inusitados. Talvez devêssemos ter perguntado a ela sobre a Sweets Mansion antes de fazer uma oferta.

— Mesmo assim, vou descobrir como conseguiu a informação tão rápido. Não acredito que Robert ou o detetive Anderson tenham contado a ela. — Era difícil controlar a frustração que crescia a cada segundo.

— Essa situação pode ficar muito pior se não for tratada de forma adequada — disse Charlotte. — O desastre do cianureto já foi ruim o suficiente, e agora isso. Existe um limite até que as pessoas comecem a perder a fê em nosso negócio e trabalhamos muito para deixar isso acontecer.

Clair cerrou os punhos enquanto ouvia Charlotte. Sem contar que precisava de dinheiro extra para fazer o primeiro pagamento do empréstimo. — Prometo que não vou deixar isso acontecer. Não fiz essa coisa horrível e provarei se for necessário. Quanto mais cedo resolver essa situação, melhor.

— Pode contar comigo! — disse Charlotte, em um tom sensacionalista

Clair encostou na bancada de pedra da cozinha, pensativa, olhando para a irmã. Não pôde deixar de refletir sobre o objeto que estava faltando na mesa do telefone.

— O que foi?

— Não sei. Reparou o que havia na mesa do telefone na entrada da sala de estar quando fizemos a última visita à casa?

— Não posso afirmar, porque estava no paraíso admirando a cozinha de tamanho comercial. Por que a pergunta?

— Ontem à noite, enquanto esperava Robert terminar uma ligação, notei que havia um círculo limpo, sem poeira. Era óbvio que estava faltando algo.

— Acha que pode ser a arma do crime?

Clair assentiu, mas antes que pudesse continuar, o som da campainha interrompeu a conversa.

— O que pode ser agora? — perguntou Clair, erguendo as mãos, e olhando

mais uma vez a manchete do jornal. *Por favor, que não seja um intrumetido, querendo fazer mais fofocas, ou pior, a imprensa.*

— Quer que eu atenda?

— Não, pode deixar. Não posso dar chance para as pessoas pensarem que estou me escondendo atrás da minha irmãzinha quando as coisas ficam difíceis.

Clair tocou a maçaneta da porta sentindo um frio no estômago. *Por favor, não me deixe fazer papel de boba.*

Corrigiu a postura e abriu a porta. — Pois não... — Congelou quando o homem à sua frente se virou. As palavras ficaram presas no fundo de sua garganta.

Se esse homem for da imprensa, pode me entrevistar quantas vezes quiser.

Ficou olhando para os lindos e profundos olhos azul mediterrâneo, por trás dos óculos grossos de armação preta. Seu cabelo estava despenteado na medida certa para parecer um modelo.

Ele empurrou os óculos para cima no nariz. — Clair McCorrson?

— Sim. — Clair sentiu um frio no estômago.

O homem a olhou de cima a baixo. Arrepios percorreram cada centímetro de seu corpo sob aquele olhar. — Gostaria de fazer algumas perguntas sobre James Hapworth. — O tom suave quase a fez ceder, mas se advertiu mentalmente.

Não se deixe enganar pela boa aparência e voz jovial. — Sinto muito, não é um bom momento e não estou muito disposta a dar entrevista.

— O que disse? — Ele ergueu a sobrancelha, confuso.

Clair recuperou o foco e cruzou os braços. Poder e força dispararam por seu corpo. — Sinto muito, independente do que está escrito naquele jornal idiota. Estou extremamente ocupada e tenho certeza de que conseguirá obter informações em outro lugar.

— Acho que você entendeu errado. — As palavras dele pareciam sinceras.

— É mesmo? Não veio me perguntar o que aconteceu ontem à noite na Sweets Mansion?

O homem se mexeu no local e seus movimentos nervosos levaram Clair ao limite. — Sim, vim falar sobre esse assunto, mas não sou da imprensa, se é isso que está pensando. — Ele passou a mão pelo cabelo despenteado. — Meu nome é Mason... Mason Hapworth. James Hapworth é... Era meu pai.

Clair ficou de queixo caído e sentiu o sangue congelar. *Mason Hapworth?* Ficou tensa e apertou o vestido. — Ah. — Sabia que James tinha um filho, mas eles não se davam muito bem. Aparentemente, não conseguiam se entender e ele havia deixado Ashton Point fazia alguns anos. Pelo menos, era o que tinha ouvido pela cidade. Sempre que Clair mencionava a família, o Sr. Hapworth era reservado. — Sinto muito por sua perda.

— Obrigado. A polícia me informou sobre a morte do meu pai ontem à noite e achei que seria melhor encontrar pessoalmente a mulher que dizem ser a suspeita do assassinato — disse Mason, sem desviar o olhar.

— Mas não é verdade. Não matei seu pai. Foi um terrível mal-entendido.
— Suas mãos ficaram úmidas e ela tentou manter a respiração controlada, mas falhou miseravelmente. — Tudo o que saiu no jornal é mentira.

— Jornal? Não faço ideia do que está falando. Vim dirigindo ontem à noite de Surfers Paradise e falei com um tal de detetive Anderson na delegacia esta manhã.

— Ah. Suponho que ele tenha dito que sou a culpada, graças a essa maldição estúpida. Tenho certeza de que agora todos na cidade também estão convencidos disso.

— Não faço ideia de a qual maldição está se referindo. O detetive me informou que ainda não recebeu o resultado da autópsia, mas que estavam interrogando alguém sobre o ocorrido. E se recusou a me dar mais informações. — Ele fez uma pausa e não havia como confundir a determinação em sua voz. — Faz quase dez anos que deixei a cidade, mas parece que as coisas não mudaram muito por aqui. É um caminho sem volta quando a fofoca se espalha. Não demorou muito para descobrir a quem o detetive Anderson estava se referindo. Então, aqui estou, pessoalmente. — Ele deu um passo à frente, encarando-a com os olhos azul mediterrâneo. — Você teve algo a ver com a morte do meu pai?

Levou uma eternidade antes de Clair conseguir falar. — Não, não, não. Não tive absolutamente nada a ver com a morte de seu pai, juro. — *Será que ele vai acreditar?* — Posso explicar o que aconteceu.

— Explicar? Você foi encontrada sozinha, em uma casa vazia, ao lado do corpo ensanguentado.

— Sim, eu estava lá, mas...

Mason ficou parado, o olhar fixo. — Mas o quê? O que você pode me explicar que a polícia não conseguirá descobrir com a investigação?

— É tudo um simples mal-entendido. — Clair sorriu, esperando aliviar a tensão crescente. — Um simples mal-entendido sobre estar no lugar errado, na hora errada.

Ele fez uma pausa e franziu a testa. — Meu pai não era a pessoa mais fácil de se conviver. Sei que tinha inimigos, mas você não parece ser um deles.

— E não sou. Ele era meu agente imobiliário, apenas isso. Juro.

— Você não parece alguém que tiraria a vida de outra pessoa. E para finalizar, não a conheço — disse com a voz rouca, depois se virou e foi embora.

Clair congelou enquanto observava o homem se afastando. E falou a primeira palavra que surgiu em sua mente. — Café.

Mason parou e se virou ao ouvir o som agudo da voz dela. — O que disse?

A voz de Clair saiu trêmula. — Podemos nos conhecer e então você não terá motivos para pensar que eu poderia fazer algo tão horrível como matar alguém. Prometo que não vou tomar muito do seu tempo e você disse que dirigiu a noite inteira. Se você for como eu quando viajo, deve estar precisando desesperadamente de cafeína. E uma boa dose. — Clair mordeu o

lábio inferior enquanto esperava a resposta. Não faria mal ter mais uma pessoa que acreditasse na sua versão dos fatos.

Mason franziu a testa como se estivesse considerando a proposta. O canto de seus lábios se ergueu em um sorriso tímido. — Você está certa sobre uma coisa. Preciso de um bom café. Acho que posso ouvir sua versão da história.

Clair recuou para manter a porta aberta. — Por favor, entre e explicarei tudo com um Nespresso de avelã.

Mason sorriu e avançou em direção a ela, o corpo musculoso preenchendo o espaço entre a porta. Fez uma pausa e a olhou fixamente. — Obrigado, Clair.

Clair respirou fundo. O aroma picante de sua loção pós-barba a pegou desprevenida. Ela balançou a cabeça. *Pare com isso, mulher. Não faz tanto tempo assim desde que teve um namorado.* Pensou o quanto sua vida amorosa era patética. Não era à toa que estava salivando por causa de um desconhecido. Um desconhecido que acabou de perder o pai. Aquilo era muita falta de sensibilidade de sua parte.

— Se preferir, podemos tomar um café no centro da cidade no Tea 4 Two Café.

Como se eu quisesse mais pessoas curiosas e intrometidas me observando. Estariam olhando por causa dos rumores ou se perguntando o que uma mulher como eu está fazendo em público com um cara como você?

— Desculpe-me. Estava pensando no choque que deve ter sido quando o detetive Anderson ligou para contar sobre seu pai.

— Sim, foi um choque mesmo.

Clair fechou a porta e passou por ele, prendendo a respiração. — Venha, vamos até a cozinha. — Mason a seguiu em silêncio como um gato furtivo marcando sua presa. Graças a Deus Charlotte havia se afastado. Clair se encolheu ao pensar em explicar por que deixou um homem estranho entrar em sua casa.

— Bela casa — disse Mason, quebrando o silêncio. — É sua?

Clair negou com a cabeça e indicou um lugar para ele sentar enquanto se ocupava com a máquina de café. — Não, é dos meus pais. Nos mudamos há cerca de três anos para ficar perto da minha avó. Era uma mulher muito independente e depois que seu segundo marido faleceu, ela se recusou a sair de casa porque estava envelhecendo, então viemos morar com ela.

— Qual era o nome dela? Talvez eu a conhecesse — disse Mason, brincando com o galheteiro na mesa da cozinha.

— Betty. Betty Brookson — respondeu Clair, enquanto colocava um café fumegante na frente dele.

Um sorriso caloroso se abriu em seu rosto. — B1 e B2 — disse baixinho.

— O quê? — Clair estava horrorizada que sua avó fosse chamada pelo nome de um personagem de um programa infantil de televisão. — Acabou de comparar minha linda avó com as bananas de pijamas?

— Desculpe. Não queria aborrecê-la. Eu me lembro dela. Era a mulher

mais doce e gentil. Lembro-me de como era feliz casada com Bob. Eram inseparáveis. Os dois se chamavam assim, B1 e B2. Até terminavam as frases um do outro.

Clair apoiou as mãos nos quadris, quebrando a cabeça para se lembrar de uma ocasião em que ouviu a avó ser chamada de banana. — Então como é que nunca ouvi esse termo? Moro aqui há três anos e ninguém se referiu a eles como B1 e B2.

Mason deu de ombros. — Não sei. Talvez tenha sido há muito tempo e as pessoas tenham esquecido, ou depois que Bob faleceu, não fosse mais apropriado. — Ele fez uma pausa. — Fiquei triste ao saber de sua morte no ano passado.

Clair de repente sentiu como se algo estivesse lhe esmagando o peito. Lágrimas queimaram seus olhos como ácido. A lembrança do funeral da avó era tão forte quanto há um ano. — Obrigada. É muita gentileza sua. Sinto muita falta dela. Não consigo imaginar o que você deve estar passando. Perdi minha avó já idosa. Pelo menos tive a chance de dizer adeus, mas perder o pai do jeito que você perdeu deve ser horrível. — Mason empalideceu e ela percebeu o quanto foi insensível.

— Nunca estamos preparados. — Ele fez uma pausa e pigarreou. — Se estiver pronta, gostaria que me contasse exatamente o que aconteceu ontem à noite. E, por favor, não esconda nenhum detalhe.

O aperto no peito de repente foi substituído pelo nó crescente em sua garganta. Clair umedeceu os lábios e repetiu a mesma explicação que havia dado ao detetive Anderson na noite anterior, mal respirando entre as frases. Quando terminou, sua cabeça latejava.

— Então, eu estava no lugar errado, na hora errada. E depois essa matéria absurda. — Fez uma pausa e deslizou o jornal na mesa. As palavras continuaram a fluir enquanto Mason lia. — Praticamente diz que sou uma assassina, o que não é verdade. Claro, foi minha ideia nos encontrarmos na casa, mas foi ele quem escolheu o horário. Não tive nada a ver com a morte de seu pai. Tenho certeza de que o *The Chronicle* gosta de publicar falsas acusações sobre as pessoas.

A expectativa borbulhava no estômago de Clair enquanto ele parecia refletir sobre suas palavras, os olhos grudados na primeira página do jornal. *Por que ele não visitava o pai?* — Espero que não se importe com a pergunta, mas por que nunca lhe vi pela cidade?

Mason continuou lendo enquanto falava, a voz sem emoção. — Meu pai e eu não tínhamos uma boa relação. Suponho que era mais fácil vivermos separados. Nunca fomos próximos, muito menos depois que minha mãe faleceu. Na verdade, mal podia esperar para me mudar assim que tivesse idade suficiente e pudesse me sustentar. Voltei cinco ou seis vezes no máximo, nos últimos dez anos. A comunicação era mais fácil por e-mail ou telefone.

— Ah.

Clair sentiu uma pontada de arrependimento. Estava tão concentrada em

seus próprios dramas na última vez que seus pais a visitaram que praticamente os ignorou. Uma situação que prometeu remediar na próxima vez que estivessem na cidade. Sentiu um aperto no peito só de pensar em perder um de seus pais. Talvez Mason precisasse de algo mais forte do que café.

— Pelo que me contou, neste momento, não tenho certeza se existem evidências suficientes para indicar que você teve algo a ver com a morte do meu pai. Além de estar, como você diz, ‘no lugar errado, na hora errada.’

— Concordo plenamente. — Clair suspirou aliviada.

— Acho que vou esperar até a polícia terminar a investigação para tirar minhas conclusões finais.

— Mas eu não — disse Clair, negando com a cabeça. — Pretendo provar a todos que sou uma vítima inocente nesta tragédia.

— O que está querendo dizer com isso? — Mason parecia preocupado.

Clair se levantou e colocou a xícara vazia na máquina de lavar louça. — Exatamente o que eu disse. Pretendo encontrar o culpado, antes que acabe vestida com uniforme verde na prisão até ficar velha, grisalha e enrugada.

Mason se levantou como se fosse protestar, arrastando a cadeira no piso. Suas palavras foram interrompidas por uma batida rápida na porta da frente. Charlotte apareceu no corredor, vestindo um suéter de algodão turquesa. — Quem pode ser dessa vez? — Ela fez uma pausa, as sobrancelhas levantadas, o olhar disparando de Clair para Mason. — Desculpe, não sabia que você tinha companhia.

— Esta casa está parecendo a Grand Central Station esta manhã. Charlotte, este é Mason Hapworth, filho de James Hapworth. Mason, esta é minha irmã mais nova, Charlotte. — O barulho crescente na porta da frente era pior do que o Dia das Crianças no Royal Show. — Um momento!

Clair abriu a porta e parou. O detetive Anderson estava em sua melhor imitação de Sherlock Holmes. Robert estava um passo atrás e pigarreou, enfiando o bloco de volta no bolso da calça. A julgar pela expressão em seus rostos, não era uma visita social. Clair quase podia ouvir seu coração batendo dentro do peito enquanto os dois ficavam ali em silêncio esperando que ela falasse. Então acenou com a cabeça para cada um dos homens. — Detetive Anderson... Robert.

— Bom dia, Clair. Podemos entrar?

— Claro. Não sei o motivo da visita, mas não tenho mais nada a declarar, além do que disse ontem à noite — respondeu, a ansiedade crescendo a cada segundo.

Anderson passou por ela e se dirigiu para a cozinha. Parou quando viu Mason. — Sr. Hapworth, não esperava vê-lo aqui.

— Tenho certeza de que não — disse Mason, o tom sério.

— Por que a visita domiciliar, detetive? — perguntou Charlotte, aproximando-se de Clair.

— Gostaria que estivéssemos aqui em circunstâncias mais agradáveis. — Suas palavras dobraram a tensão no ar. — Clair, conhece um homem chamado

Roland Trent?

Roland Trent? — O nome me parece familiar, mas não posso afirmar. — Ela se virou para Charlotte. — Já ouviu falar dele?

Charlotte fez uma pausa. Clair quase podia ver as engrenagens girando em sua mente. — Não era aquele empresário que se mudou para o Sampson Office Building em Watson's Creek há mais ou menos um mês? Tenho quase certeza de que ele estava envolvido no novo empreendimento imobiliário no qual o Sr. Hutson estava trabalhando antes de sua morte prematura.

Clair franziu a testa, voltando o olhar para o detetive Anderson. — Sim, acho que você está certa. Embora eu não o tenha conhecido.

— Onde estava, entre 1h e 3h desta madrugada?

Onde a maioria das pessoas normais estão. — Dormindo profundamente. Por que a pergunta?

— Alguém pode confirmar? — Suas palavras eram como uma faca de dois gumes, apunhalando-a no coração. Era o que gostaria de fazer. — Infelizmente, não.

— O corpo de Roland Trent foi encontrado atrás da lixeira nos fundos da CC's Simply Cupcakes nas primeiras horas desta madrugada. Foi assassinado.

— Assassinado! — As meninas disseram em uníssono.

— Isso é verdade? — A voz de Clair disparou uma oitava ou duas.

— Receio que sim. Agradeceríamos se nos acompanhasse até a delegacia para mais interrogatórios. Tenho algumas pontas soltas que precisam ser esclarecidas.

— Detetive, que outra evidência a polícia tem, que possa ligar Clair à morte deste homem? — perguntou Mason, enquanto avançava protegendo Clair.

— Como acabei de dizer, no momento estamos apenas colhendo algumas informações — respondeu Anderson, o maxilar tenso.

Charlotte deu um passo ao lado de Mason, cruzando os braços. Clair engoliu em seco ao ver a determinação em sua expressão. — Vai precisar fazer melhor do que isso.

Clair sentiu o estômago revirar, frustrada com a expressão irritada no rosto de Anderson. Aquilo era uma loucura, já que ela era inocente, as evidências confirmariam.

— Se for necessário, podemos obter um mandado de prisão — disse o detetive Anderson, olhando para Charlotte.

Clair soltou um leve suspiro e deu um passo à frente, o estômago ainda revirando, fazendo sua cabeça girar. — Isso não será necessário. Está tudo bem — falou, colocando a mão no braço de Charlotte. — Não tive nada a ver com nenhuma das duas mortes, então não tenho nada a esconder. Vou acompanhá-lo até a delegacia.

— Clair.

— Não, Charlotte. Este pesadelo já durou tempo suficiente. Quanto mais cedo for resolvido, melhor. — Em seguida, virou-se para Mason e sorriu. —

Obrigada pelo voto de confiança.

O sorriso dele era como um raio de sol rompendo as nuvens escuras da tempestade. — Não se preocupe, Charlotte e eu estaremos logo atrás — disse Mason tirando as chaves do carro do bolso, o olhar enviando uma mensagem para ambos os policiais: não mexam comigo.

Capítulo Três



— Por que está demorando tanto? Parece que ela está lá dentro há horas. — Mason andava pelo saguão da delegacia com os nervos tão tensos quanto um equilibrista.

Charlotte bufou. — Não se passaram horas. — Ela olhou para o relógio de parede. — Mas você está certo, ela está lá há bastante tempo. Não consigo imaginar por que precisam demorar tanto tempo assim.

Primeiro, a notícia da morte de seu pai, depois esse tal de Roland e agora Clair estava enfrentando sabe-se lá o quê. Mesmo que tivessem acabado de se conhecer, ele tinha a sensação de que ela não era capaz de tal atrocidade. Muito pelo contrário.

Mason se sentou ao lado de Charlotte e baixou a cabeça entre as mãos. *Ah, pai. Em que o senhor se envolveu?* Os eventos das últimas vinte e quatro horas estavam misturados em sua mente como um quebra-cabeça fora de ordem. A voz de Charlotte lhe trouxe de volta à realidade.

— Sinto muito sobre seu pai.

Ele relaxou na cadeira, descansando a cabeça contra a parede. — Obrigado. Não éramos próximos. Nossas vidas não combinavam, mas nunca desejei sua morte. — Mesmo que não houvesse amor entre os dois, era seu pai e não merecia ser assassinado.

— Claro que não — disse Charlotte, horrorizada. — Espero que encontrem o verdadeiro assassino.

De repente ele se levantou como se tivesse sido mordido no traseiro por uma formiga, incapaz de ficar parado por mais tempo. A preocupação bombeava em suas veias. — Vou até a cafeteria ao lado, esfriar a cabeça por alguns minutos. Quer um café?

Ela sorriu e assentiu. — Claro. Um *latte* com leite desnatado.

Mason assentiu com a cabeça e saiu da delegacia

Enquanto esperava o pedido, encostado no balcão, Mason observou ao redor. Parecia que a notícia de seu retorno havia se espalhado pela cidade. Uma sensação estranha, mas familiar, o atingiu quando olhares inquisitivos começaram a se voltar em sua direção. Não podia culpá-los. Havia voltado para Ashton Point algumas poucas vezes e a maioria das pessoas na cidade sabia que estava afastado do pai. Tinha sido assim nos últimos dez anos, desde seu aniversário de dezessete anos.

Uma doce voz vinda de trás o assustou. — Mason? Mason Hapworth?

Ele virou a cabeça e o sorriso da Sra. Stevenson iluminou a calçada. —

Ora, é você. Eu reconheceria esses lindos olhos azuis em qualquer lugar.

Mason sorriu. — Olá, Sra. Stevenson. Quanto tempo. A senhora está incrível e jovem como sempre.

— Ah, pare com isso. Você sempre foi encantador. — Ela ruborizou e seus olhos de repente se suavizaram ao apertar as mãos dele. — Sinto muito sobre seu pai. Sei que não tinham um bom relacionamento, mas ele o amava muito.

Amava? Talvez sim, de uma forma estranha. O amor pela família era insignificante quando comparado à próxima grande venda de imóveis. A versão de James Hapworth do amor familiar era melhor quando recebida à distância.

— Pretende ficar na cidade por muito tempo, querido?

— Apenas o tempo necessário para resolver os assuntos do meu pai.

— Não me aborreço com frequência, mas quando li aquela bobagem no jornal esta manhã, quase caí da cadeira de balanço. Aquela Christina Jacobs tem muito a explicar. Como ousa pensar que a pobre Clair teve algo a ver com a morte de James? As irmãs McCorrson são as pessoas mais doces da cidade e fazem cupcakes deliciosos. Engordei cinco quilos só de pensar nessas preciosidades. Já se conheceram?

Mason balançou de um pé para o outro, uma sensação desconfortável se instalando em seu peito. — Então, a senhora não sabe?

Ela franziu a testa adicionando mais algumas rugas à sua expressão. — Não sei o quê, meu querido?

Uau, os fofoqueiros de Ashton Point ainda não sabiam. — Encontraram o corpo de Roland Trent atrás da CC's Simply Cupcakes nas primeiras horas da madrugada. Foi assassinado. Estão interrogando Clair nesse momento, sobre ambos os assassinatos. — O gosto de bile subiu no fundo de sua garganta e ele se encolheu ao mencionar Clair e assassinato na mesma frase.

A Sra. Stevenson levou a mão ao peito como se tivesse levado um tiro. — Essa é a coisa mais absurda que já ouvi e acredite, já ouvi muitas. Ora, outro dia, vi aquele Roland discutindo com Stella Roseamund do Classic Curl e não acho que ele era um sujeito muito amistoso.

Roland Trent e Stella Roseamund? A última vez que falou com o pai, ele e Stella estavam juntos. Na verdade, isso tinha sido há bastante tempo.

Uma mulher gritou por trás da máquina de café. — Pedido de café para Mason.

Mason se virou e pegou a bandeja de cafés do balcão. — Se me der licença, Sra. Stevenson, preciso voltar para a delegacia. — Congelou quando o agarrou pelo ombro.

— Aquela pobre mulher não seria capaz de fazer mal a uma mosca. Prometa que vai ajudar Clair. Prometa que não vai deixá-la ir para a cadeia — disse a Sra. Stevenson, ainda o agarrando pelo ombro. — Na minha opinião, nenhum dos dois eram santos, então provavelmente há uma lista quilométrica de suspeitos.

— Obrigado pelo aviso. Não sei o que posso fazer, mas farei o possível

para ajudar Clair. — Ele retribuiu o abraço maternal.

— Tome cuidado, querido — disse a Sra. Stevenson, acenando por cima do ombro enquanto saía da cafeteria.



— Posso garantir que a verdade vai aparecer — disse Clair, enquanto saía da sala de interrogatório. *Mesmo que eu tenha que encontrar as respostas sozinha.* A raiva fervia como um caldeirão borbulhante em seu estômago. — Como ele ousa me dizer para não ficar aborrecida?

O detetive Anderson foi rápido em fazer acusações, mas quando Clair rebateu seu argumento, ele a abateu tão rápido quanto um cordeiro no dia de Natal.

Ela parou na porta do saguão, a mão gelada na maçaneta fria. *Mason ainda está aqui.* Enrubescou quando percebeu a preocupação no olhar dele. *Por que não podia tê-lo conhecido sem acusações de assassinato pairando sobre sua cabeça?*

Charlotte se levantou e disparou em direção à Alison, que estava sentada atrás do balcão, os lábios apertados.

Ah, não, isso não é nada bom. Clair empurrou a porta, chamando a atenção de Charlotte enquanto se movia.

— Ah, graças a Deus! — Charlotte jogou os braços ao redor do pescoço de Clair, quase derrubando-a. — Até que enfim, você está bem?

Clair se aconchegou no abraço amoroso da irmã. O aroma do xampu de morango invadiu suas narinas, enquanto o olhar profundo e penetrante de Mason fez seus joelhos fraquejarem. Afastou-se do abraço e sorriu para ambos. — Estou bem, sério. Apenas frustrada que alguém pense que eu poderia fazer isso com outro ser humano.

— Eu não penso isso. — O timbre profundo da voz de Mason a pegou de surpresa.

— Nem eu. O que aconteceu lá dentro? — perguntou Charlotte.

— Hum... — Clair fez uma pausa e seu olhar encontrou o de Mason quando ele se aproximou.

— Suponho que era sobre meu pai. Estou certo?

Clair assentiu.

— Se está preocupada que falar sobre ele me deixe desconfortável, não fique. Embora não fôssemos próximos, quero descobrir quem fez isso com ele. Talvez isso me ajude a entendê-lo um pouco melhor. Estou tão ansioso quanto Charlotte para saber o que aconteceu.

— Tem certeza?

— Não teria dito se não tivesse. — Ele ajeitou os óculos no nariz.

A voz profunda e gutural de Adele soou do bolso de trás de Charlotte, ecoando pelo saguão da delegacia. Ela corou, verificando a tela. — É Suzi — murmurou. — Oi, Suzi, tudo bem?

Mason parecia confuso e Clair sussurrou: — Suzi trabalha para nós na CC's Simply Cupcakes. Cuida do balcão da loja, deixando Charlotte livre para

criar, e Pierre ajuda na produção em regime de meio período. — Mason ficou abismado.

— Está falando sério? Não podem fazer isso! Quem eles pensam que são?

Clair cruzou os dedos mentalmente e rezou para que não fosse outro assassinato.

— Não, tudo bem. Vá buscar sua mãe no médico e depois lhe digo o que aconteceu. Estamos a caminho. Tchau. — Charlotte desligou e guardou o celular. O olhar assassino da irmã era páreo para o melhor supervilão. — Não vão acreditar nisso, mas Robert acabou de aparecer na loja com um mandado de busca. Aparentemente, têm motivos para procurar a arma do crime na CC's Simply Cupcakes.

Clair se irritou, prendendo a respiração. — Sério? Anderson trabalha rápido. Ele disse que iriam investigar mais a fundo minhas relações profissionais, mas não imaginei que estava se referindo à CC's Simply Cupcakes. — Se declarar inocente obviamente não serviu de nada. Olhando para a saída, ela se virou e disse: — Vamos, onde está o carro?

— Nos fundos da delegacia, ao lado do meu — respondeu Mason, passando à frente para segurar a porta. — Se importa que eu vá junto?

— De jeito nenhum. — Charlotte respondeu antes que Clair pudesse dizer uma palavra.

— Talvez você possa nos contar o que aconteceu lá dentro depois que resolver esse desastre com Robert na loja.

— Claro. — Clair deixou os olhos vagarem pela camisa preta de botões e notou que acentuava seus ombros largos. Imaginou o que havia sob a roupa e seu olhar capturou aqueles olhos azul mediterrâneo, fazendo seu coração derreter. *Ah, meu Deus, estou enfrentando uma acusação de assassinato e tudo que consigo fazer é cobiçar o filho da vítima.*

— Maravilha! — disse Charlotte, enquanto enlaçava o braço de Clair e a guiava escada abaixo.

— O que há com você? — perguntou Clair, diante do súbito entusiasmo da irmã.

Charlotte sorriu para Mason por cima do ombro e se virou para Clair com um brilho travesso nos olhos. — Não pode negar que não está feliz por ele estar vindo. É um colírio para os olhos. Na verdade, alguns diriam que é bem bonitinho, ao estilo Clark Kent, o Super-homem.

— Esse é o problema — sussurrou Clair. — Ele é muito fofo e eu deveria me concentrar na pessoa que está tentando me incriminar por assassinato, e não em procurar um namorado.

— Quem falou em namorado? — Charlotte parou de falar quando se aproximaram do carro. — Mason, fique por perto e nos siga até a loja.

— Está bem.

Quando Charlotte estacionou em frente à CC's Simply Cupcakes, Clair viu a comoção do lado de fora da loja e se encolheu. Mason parou atrás do carro da polícia, duas lojas à frente. — Ótimo, parece que o país inteiro está aqui

para ver o que está acontecendo.

As garotas estavam em pé de guerra mirando o policial logo à frente, seguidas por Mason. — O que significa isso, Robert? — Clair exigiu uma explicação.

Ele ergueu um pedaço de papel. — Está tudo aqui no mandado de busca.

Charlotte pegou o mandado e o leu de cima a baixo. — Aqui diz que estão procurando por um objeto redondo e sólido?

Igual ao objeto que faltava na mesa do telefone.

— Isso mesmo. — Robert estendeu o braço e as conduziu para longe da multidão que se aglomerava. — Tenho certeza de que Anderson está apenas tentando descartá-la como suspeita.

Clair ficou vermelha de raiva e sentiu o mundo desmoronando ao redor. — Ou me condenar por assassinato. Quanto tempo acha que isso deve demorar?

— Pode levar uma hora, pode levar o dia todo. — Robert deu de ombros.

— O dia todo? — gritou Clair. — Mas...

Mason se aproximou por trás e colocou a mão em seu ombro. O toque suave pareceu acalmá-la. — Talvez seja melhor deixá-los trabalhar. Tenho certeza de que podemos nos ocupar com outras coisas.

— Escute seu amigo. Se me der licença, preciso voltar ao trabalho — disse Robert enquanto se afastava.

Clair sentiu o calor subir pelo pescoço e se instalar em seu rosto. Mason também corou, ciente das palavras que tinha acabado de dizer.

Charlotte rapidamente arrastou Clair para o canto. Mason se juntou a elas, formando um cerco para se isolarem de ouvintes indesejados. — Clair, o que aconteceu na delegacia? — perguntou Charlotte.

Clair engoliu em seco. O frio no estômago não tinha nada a ver com o que estava prestes a dizer e sim com o homem lindo, de pé ao alcance de seus braços. — Aqui? Quer que eu conte o que aconteceu agora?

— Sim, quanto antes, melhor. Por que ficou tanto tempo com o detetive Anderson?

Antes de responder, Clair se certificou de que não havia ninguém perto o suficiente para ouvir. — Depois que respondi às perguntas de rotina, consegui obter algumas informações concretas. Não vão acreditar nisso, mas os dois homens foram mortos exatamente da mesma maneira. Trauma contundente na parte de trás da cabeça. — O pensamento a deixou enjoada.

— E acham que a arma do crime pertence à loja?

Clair deu de ombros. — Acho que sim, mas não vão encontrar nada. — Seus pensamentos se voltaram para o objeto que faltava na mesa do telefone. O assassino provavelmente já havia se livrado dele. — E o pior vem agora. Encontraram uma substância cinza espalhada sobre a camisa de Roland Trent e identificaram como glacê. Acreditam que seja dos cupcakes que você fez como presente de agradecimento para o Sr. Hapworth.

— Ah — Charlotte ficou constrangida.

— O que não consigo entender é como isso pode ter acontecido. Você

assou os cupcakes, eu levei ontem à noite e esqueci a caixa lá quando fui embora com Robert. A única coisa em que consigo pensar é que o assassino ainda estava na casa.

— Tem que haver outra explicação — murmurou Mason.

— E tem! — Charlotte se intrometeu.

Charlotte abaixou a cabeça, cerrando os dentes no lábio inferior. *Ah, não, o que foi que eu fiz?*

— Não foram os únicos cupcakes que assei ontem. Queria que ficassem perfeitos, então fiz alguns lotes a mais antes de vocês chegarem para provar. Suzi sugeriu colocá-los à venda, em vez de desperdiçá-los, e vendemos todos.

— Não tem ideia de quem os comprou? — Mason olhou para Charlotte preocupado.

Charlotte negou com a cabeça. — Não, pode ter sido qualquer um. Mas isso é bom — continuou, a voz ficando cada vez mais hiperativa enquanto falava. — Quando contar à polícia, terão que começar a procurar por outra pessoa.

— Talvez — disse Clair, em um tom pouco convincente. Olhou ao redor para a cena na frente da loja. A multidão parecia ter diminuído, mas a polícia ainda não tinha terminado a busca. *Obrigada, Senhor.*

— Quando estava tomando café mais cedo, encontrei a Sra. Stevenson. Em primeiro lugar, ela não fazia ideia de que você estava sendo interrogada. E mais importante, ela me disse que outro dia viu Stella Rosemund em uma discussão acalorada com Roland Trent.

Clair ergueu uma sobrancelha. — Sério? Isso é interessante. Acho que preciso ter uma conversa com Stella.

— Escute, Clair, você teve uma manhã bem difícil. Por que não deixa Mason levá-la para casa e eu fico aqui cuidando da loja?

A mente de Clair estava sobrecarregada de informações. Aquilo tudo era demais. — Tem razão.

— Claro que tenho. — Charlotte deu um abraço de despedida na irmã. — Ligo assim que tiver notícias.

Clair sorriu, acenou com a cabeça e seguiu Mason até o carro. *Como minha vida saiu de controle tão rápido?* Entrou no carro em silêncio, lembrando os acontecimentos das últimas vinte e quatro horas.

— Está muito calada — disse Mason, enquanto estacionava em frente à casa.

Clair sorriu, envergonhada. — Desculpe. Não queria ignorá-lo. Não consigo imaginar como deve estar se sentindo.

— Estou bem, mas sabe o que vai fazer você se sentir melhor? — Ele perguntou com um sorriso.

— Não, o quê?

— Café.

Aquela palavra lhe aqueceu o coração. *Ah, sim, Nespresso de avelã.* — Com certeza. — Ela fez uma pausa. *Mason estava esperando um convite para*

entrar? Por que eu não iria querer que entrasse? Afinal, ele adora um bom café.

— Me acompanha? — perguntou, rezando para que sua voz soasse calma.

— Achei que não fosse perguntar. — O brilho no olhar dele aliviou a crescente tensão em seu peito.

Quando Clair esvaziou a xícara de café até a última gota, os dois relaxaram em uma conversa casual. Era como conversar com uma melhor amiga, só que Mason era muito mais agradável aos olhos. Se ao menos pudesse bloquear o mundo e ficar conversando com ele pelo resto do dia...

Clair se levantou ao perceber que havia se passado quase uma hora e meia. — Obrigada por me ouvir. Estou me sentindo muito melhor agora, mas preciso decidir o próximo passo neste fiasco se quiser provar que sou inocente.

— Do que está falando?

Com a energia revigorada, Clair falou sobre sua lista de tarefas. — Para começar, preciso pesquisar mais sobre essa bobagem de maldição. Ouvi alguns boatos, mas não levei a sério, já que não acredito em maldições, bruxaria ou coisas do tipo. Agora estou pensando que deveria ter prestado mais atenção. Depois vou ao escritório de Roland Trent. Se os assassinatos estiverem conectados, pode ser que eu consiga descobrir alguma pista. Falar com Stella vai...

— Ei, ei, calma — disse Mason, arrastando a cadeira enquanto se levantava. — Sei que quer provar sua inocência e, apesar de não confiar no Departamento de Polícia de Ashton Point, eles são profissionais qualificados.

Profissionais qualificados? Ha! — Foi exatamente isso que disseram. Agradeço sua preocupação, mas se acha que vou confiar meu futuro, o futuro de minhas irmãs e a sobrevivência de nosso negócio à polícia, você está muito enganado.

— Então, vai arriscar e se colocar em perigo? — Mason cerrou os dentes.

— Não acho que vai ser tão ruim. Que mal pode haver nisso? E se eu conseguir encontrar informações que a polícia não tem, posso provar minha inocência mais rápido. — Ela se dirigiu para a porta. — Obrigada por me ajudar esta manhã, mas tenho certeza de que posso continuar daqui. Mais uma vez, sinto muito por sua perda e agradeço por acreditar na minha inocência — disse, segurando a porta aberta.

Mason ficou imóvel. — Acho que nada que eu diga vai impedi-la.

— Não.

— Uma mulher bonita como você deve ser protegida, e não colocar a vida em risco tentando pegar um assassino. Odiaria vê-la no fogo cruzado do que quer que meu pai ou esse Roland Trent estivessem envolvidos.

Clair ficou imóvel e respirou fundo. *Mulher bonita?*

— Deixe-me ajudá-la a encontrar a verdade. Você não deve ser culpada por algo que não fez — disse Mason, sustentando o olhar.

— Não posso lhe pedir para fazer isso. Está de luto por seu pai e a última

coisa de que precisa é brincar de detetive comigo pela cidade.

— É exatamente disso que preciso.

— Por que faria isso? Você nem me conhece.

— Embora meu pai fosse muito bom em seu trabalho, imagino que possa ter feito alguns inimigos. Alguém o queria morto. E sou muito inteligente quando se trata de resolver enigmas. É o que tenho feito a maior parte da minha vida. É por isso que trabalho com programação de computadores e sou bom no que faço.

Clair ficou parada, olhando para ele.

Charlotte quebrou o silêncio, aproximando-se da varanda. — Ouça o que ele tem a dizer, Clair. Se Liam não tivesse me ajudado, eu poderia nunca ter descoberto a verdade.

— O que está fazendo aqui? Deveria estar na loja.

— Terminaram a busca. Levaram algumas coisas. Não se preocupe, anotei tudo e eles assinaram um recibo. Vim pegar alguns itens de reposição para começar a fornada antes do pico de movimento da tarde.

— Acho que precisamos conversar sobre algumas coisas antes de você voltar para a loja — disse Clair, rezando para que Charlotte entendesse a dica.

— Agora não posso. Preciso voltar ao trabalho para atender a alguns pedidos de última hora. — respondeu Charlotte, arrumando uma bolsa de lona com itens de cozinha. — Além disso, Mason disse que iria ajudá-la. Tenho certeza de que vocês dois serão capazes de colocar as mentes para trabalhar e bolarem um plano.

Mason sorriu. — Charlotte está certa. Duas cabeças pensam melhor do que uma.

Clair suspirou. — Suponho que possa haver algumas vantagens em trabalharmos juntos. — Assim que disse aquilo, sentiu o rosto queimar e arregalou os olhos percebendo que as palavras tinham um duplo sentido.

— Ótimo — Charlotte uniu as mãos. — Está resolvido então. Agora, se me der licença, preciso ir. — Em seguida, caminhou na direção da porta da frente, olhando por cima do ombro uma última vez. — Ah, Mason, certifique-se de que minha irmã fique segura ou terá que se ver comigo.

Mason engoliu em seco. — Sim, senhora.

Clair revirou os olhos e deixou escapar uma risadinha. — Ela pode ser bem atrevida às vezes. — Suas palavras foram interrompidas por um som estranho que lembrava a música tema de *The Big Bang Theory*.

— Desculpe — disse Mason, enquanto procurava o celular. Sua expressão mudou e ele corrigiu a postura ao olhar a tela.

— Está tudo bem? — Clair parecia preocupada.

— Não sei. É Stella. — Mason rejeitou a ligação e guardou o celular no bolso. — Imagino que tenha ouvido falar que estou de volta à cidade.

— Por que isso seria um problema?

— Aparentemente, ela está de olho no meu pai há algum tempo. A última vez que nos falamos, ele mencionou que o relacionamento estava ficando

sério. Em uma cidade tão pequena, era de se esperar que a notícia se espalhasse como catapora.

— Sim, ouvi algo nesse sentido, mas não tinha certeza se você sabia — disse Clair, enquanto se encostava na bancada da cozinha.

Mason cruzou os braços, estufando o peito. — Estamos de acordo? Vai me deixar ajudá-la?

O brilho no olhar dele lhe chamou a atenção. — Sim, como você disse, duas cabeças pensam melhor do que uma.

— Ótimo. Agora que está resolvido, posso dar uma sugestão?

Clair assentiu, ansiosa para passar mais tempo com ele.

— Se dividirmos nosso tempo, podemos fazer mais coisas. — A ansiedade de Clair desaparecia a cada segundo. — Como tenho contato com Stella, talvez ela possa me dar algumas dicas sobre as atividades do meu pai e me ajudar a rastrear seus passos e, com sorte, posso conseguir algumas respostas.

Essa será uma conversa interessante.

— Vou procurar Stella sob o pretexto de discutir a propriedade do meu pai e você...

— Vou entrar na internet e fazer uma pesquisa aprofundada sobre essa suposta maldição para ver o que mais posso descobrir e se existe alguma verdade nisso.

— Não existe — disse Mason com um sorriso.

Clair ergueu as mãos de maneira defensiva. — Eu sei. Eu sei, mas não faria mal nos armarmos com o máximo de informações possível. — Olhou para o relógio de parede. — O que acha de nos encontrarmos aqui em duas horas? — *Ah, meu Deus, pareço Trixie Beldon.*

Mason pegou uma caneta e papel da mesa e escreveu seu número de celular. — Guarde isso. Se precisar de qualquer coisa, me ligue.

— Está bem. Caso eu esqueça de dizer isso mais tarde, obrigada por acreditar em mim. — Clair lhe deu um enorme sorriso.

— Não precisa agradecer. — Mason devolveu o sorriso antes de sair.

Por mais que tentasse, não conseguia controlar a ansiedade de passar mais tempo com ele.

Capítulo Quatro



Enquanto se afastava da casa de Clair, Mason digitou o número de Stella e apertou o viva-voz, temendo a conversa. Conheceu Stella há quase seis meses, quando o pai a levou durante uma de suas ‘incríveis oportunidades’ de negócios imobiliários em Gold Coast. Não foi exatamente a reunião de família que Mason esperava. O aroma enjoativo do perfume barato de Stella, combinado com a loção pós-barba dele, ficou impregnado em seu corpo muito tempo depois que eles partiram.

A fala arrastada de Stella surgiu na linha. — Alô?

— Stella, é Mason.

— Mason, até que enfim! — disparou Stella. — Sei que está de volta a Ashton Point. Por que me ignorou na cidade hoje?

— Ignorei? Do que está falando?

Ela bufou. — Eu o vi na delegacia, logo depois de seu abraço amoroso com aquela intrometida da Sra. Stevenson.

Mason ficou imaginando Stella vestindo leggings com estampa de oncinha, blusa de lycra rosa choque, cinco tamanhos menor e uma grossa camada de maquiagem endurecida. Era uma imagem clonada de Sylvia Fine, a mãe de Fran Drescher de *The Nanny*. Seu rosto racharia se tentasse sorrir. — Stella, no que me diz respeito, era mais importante falar com a polícia e resolver a situação da morte do meu pai.

De repente, Stella falou com um toque de astúcia. — Mason, querido, acho que seria mais importante vir até aqui e consolar uma pobre viúva de luto, não acha?

Viúva? Mason quase podia ouvir as batidas de seu coração enquanto assimilava aquelas palavras. Não esperava aquilo. *Por que diabos seu pai se casaria com aquela mulher terrível?*

— Ouviu o que eu disse? — perguntou Stella, de forma presunçosa.

— Sim, ouvi, mas estou tentando descobrir se você está delirando ou se está bêbada. — Mason inclinou a cabeça contra o encosto do carro.

— Que coisa horrível de se dizer. — Stella fingiu estar magoada. — Ainda mais para sua madrastra.

— Madrastra. — Mason sentiu o estômago revirar com o tom patético. — Não sei que tipo de piada de mau gosto está tentando fazer, mas você nunca será minha madrastra. Tenho certeza de que meu pai tinha motivos para se casar com você, mas eu tinha uma mãe, a quem amava muito.

— Não é brincadeira. James e eu nos casamos no mês passado, quando

estávamos em uma de suas viagens de trabalho em Sydney e tenho a certidão de casamento para provar.

Certidão de casamento? Mason beliscou a ponte do nariz. — Estou a caminho, então teremos tempo suficiente para conversar sobre seu casamento.

Mason parou ao entrar no pátio dos fundos da casa de seu pai, esforçando-se para conter a náusea. Tudo parecia falso. Apenas para manter as aparências. Era como uma foto premiada, direto da revista *Home Beautiful*. A piscina de seixos em forma de rim à direita, entre um pergolado de árvores tropicais verde-oliva, era o orgulho e a alegria de seu pai. À esquerda, havia uma ponte que levava a um santuário que abrigava uma cama dupla com quatro colunas, que estava praticamente escondida em meio a um aglomerado de agapantos azul-púrpura. O paraíso de qualquer jardineiro.

Mason ficou chocado ao ver Stella sentada no pátio, segurando uma taça de champanhe em uma mão e um aperitivo na outra, virando a cabeça quando ele se aproximou.

— Ora, se não é meu novo filho — disse Stella, enquanto girava na cadeira. O olhar gélido, fixo em Mason.

— Quando o inferno congelar, talvez.

— Não acredito que aquela McCorrson assassinou meu James. — Stella se levantou, fingindo enxugar as lágrimas.

— Não foi ela quem fez isso. — Mason começou ferver de raiva.

— Ah, não sei. Segundo o jornal, parece que a maldição daquela casa também a atingiu.

— O que você quer dizer com ‘também’? — perguntou Mason, duvidando das palavras de Stella.

— Aquela casa é amaldiçoada, estou lhe dizendo. — Stella bufou, pegando a garrafa de champanhe para encher a taça. — Sei que você não mora mais aqui há muito tempo, mas pensei que os eventos daquela casa tinham chegado à Surfers Paradise.

— Não acredite em tudo que está na internet.

Stella arregalou os olhos azul-gelo e engoliu em seco. — Não foi só na internet. Todos na cidade comentam, e não é algo recente. Aquela casa tem uma história e há rumores de que há muitos anos um dos antigos proprietários enlouqueceu e morreu de coração partido. A mulher encontrou o marido morto na piscina.

— Morto na piscina?

Stella assentiu com a cabeça franzindo os lábios preenchidos com colágeno. — Foi o que ouvi. É a maldição.

— Você tem uma imaginação muito fértil, Stella, mas não vim aqui para falar sobre maldições.

— Não há necessidade de usar esse tom mal-humorado comigo. — Stella franziu a testa e deslizou uma pasta na mesa em direção à Mason. — Aqui está, uma certidão de casamento conforme solicitado.

Repugnado pelo pensamento, ele examinou o documento o mais rápido

possível, confirmando que estavam realmente casados e direcionou a conversa para um tópico bem mais interessante. — O que pode me contar sobre Roland Trent?

— Roland Trent? Não tenho certeza se o conheço. — Stella parecia nervosa.

Mason enfiou as mãos nos bolsos. *Sério? Ou você ou a Sra. Stevenson estão mentindo, e sei em quem devo acreditar.*

— Desculpe-me. Então, o fato dele ter sido encontrado morto esta madrugada não deve incomodá-la.

— Morto? — Stella empalideceu e ficou em estado de choque por um momento. — P-por que isso deveria me incomodar? Como disse, não sei quem ele é.

Mason continuou, aproveitando o lapso de concentração. — Então, talvez possa me contar sobre os passos de James nas últimas semanas.

Stella ficou em transe, mantendo o olhar fixo nele.

— Stella? Stella? — chamou Mason, finalmente trazendo-a de volta à realidade. — Pode me contar sobre James?

— Está bem. Sente-se — disse Stella, apontado as mãos bem cuidadas em direção à cadeira vazia.

Finalmente posso conseguir algumas respostas, pensou Mason, sentando-se em frente à Stella.

— Então, o que você quer saber?

— Que tal suas atividades, para começar. Algo fora do comum? Apresentou alguma mudança de comportamento?

Stella fez uma pausa e negou com a cabeça. — Não que eu me lembre. James trabalhava demais, estava sempre fechando algum negócio. A maior parte do tempo ficava no escritório aqui em Ashton Point, mas ultimamente estava trabalhando cada vez mais no escritório de Watson's Creek. Era onde estavam as oportunidades mais lucrativas, assim dizia. Era muito focado no trabalho, exceto nas noites de quinta-feira, quando jogava na liga de boliche em Watson's Creek.

— O que foi que disse? Jogar boliche? Meu pai jogava boliche, tipo boliche de verdade?

Mason observou Stella engolir em seco com um movimento forçado.

— Isso mesmo. Boliche. Ouvi dizer que jogava muito bem — falou Stella, de forma presunçosa.

Que interessante. Mason sabia que James havia sofrido uma lesão do manguito rotador no ombro direito, em uma partida de golfe beneficente há alguns meses. *Como alguém podia jogar boliche com o ombro machucado?* — Costumava ir com ele?

— Entenda uma coisa, querido — Stella se inclinou para a frente. — Podemos ter sido casados, mas levávamos nossas próprias vidas. Eu tinha meus interesses, e James, os dele.

— O que mais ele fazia para passar o tempo, além de jogar boliche?

— O que está insinuando? — Stella se levantou, fuzilando Mason com o olhar.

— Quem disse que estou insinuando alguma coisa?

— Não importa. Não costumava ficar de olho nele. Era sua esposa, não sua mãe. A única coisa diferente que ele estava fazendo era um curso de relações públicas, em Watson's Creek TAFE. Investindo para garantir nosso futuro e tudo mais. As aulas eram todas as segundas-feiras à noite, então ele estava trabalhando no escritório em Watson's Creek desde o início das aulas. Às vezes havia algumas oficinas aos sábados. Não sei muito a respeito, o curso começou há cerca de um mês. Isso é tudo que sei.

A julgar pelo olhar incessante de Stella, Mason sabia que havia ultrapassado os limites. — Por enquanto. Entrarei em contato — disse ele, virando-se para sair. Não confiava nem um pouco em Stella e seus instintos geralmente estavam certos, mas não podia deixar de se sentir um pouco desconfortável com as mentiras descaradas daquela mulher.

Sentiu uma sensação estranha quando bateu na porta de Clair. Um sentimento a que não estava acostumado. Ainda estava pensando em suas palavras e se assustou quando a porta se abriu.

— Posso ajudar? — perguntou uma mulher loira, alta, erguendo a sobrancelha em tom questionador.

Não era Clair. — Hum... Clair está em casa, meu nome é...

— Mason Hapworth. — A mulher deixou escapar, com um sorriso no canto dos lábios.

— Sim, como sabe? — Mason parecia desconfiado.

A mulher cruzou os braços. — Clair mencionou que conheceu um homem bonito esta manhã, chamado Mason Hapworth, e como nunca o vi na cidade, estou supondo que esse homem seja você.

Bonito? Aceito o elogio. — Mason estava triunfante.

— Sinto muito sobre seu pai.

— Obrigado.

Ela fez uma pausa e esfregou o queixo, olhando-o de cima a baixo. — Embora Clair não tenha mencionado os óculos, você tem o olhar do Clark Kent.

— O que disse? — Mason ficou surpreso com o comportamento extrovertido da mulher.

Ela revirou os olhos. — Você sabe o que quero dizer. O cara bonito que tenta se esconder atrás dos óculos sexies. A propósito, sou Suzi, trabalho com Clair e Charlotte na CC's Simply Cupcakes.

— Prazer em conhecê-la, Suzi. Clair está em casa?

Suzi engoliu em seco, afastando-se da porta. — Ah, meu Deus, que grosseria da minha parte. Por favor, entre que vou avisá-la. Estava de saída. — Suzi fechou a porta com um movimento rápido e foi para a cozinha. — Sente-se — disse, apontando para a mesma cadeira em que Mason havia se sentado antes. — Vou chamá-la.

Mason havia se esquecido de como era receber a boa e velha hospitalidade de uma cidade pequena. Era algo do qual sentia muita falta, vivendo no centro frenético de Surfers Paradise, principalmente durante os meses de verão.



Três cafés e uma hora e meia depois, Clair estava sentada de pernas cruzadas na cama, o computador no colo, ainda absorta em sua busca na internet. — Ah, minha nossa... Sem chance! — murmurou, a mente trabalhando mais rápido do que sua mão podia digitar. — Fiz algumas pesquisas sobre a mansão, mas acho que não estava procurando nos lugares certos. — Deveria ter continuado cavando, o google tem uma maneira interessante de esconder as informações que precisamos, páginas e páginas de pesquisa.

Morava em Ashton Point há três anos e de alguma forma foi iludida pela história completa da Sweets Mansion. Embora não acreditasse em maldições, tinha que haver alguma verdade nessa nova informação. Encontrou alguns sites que mencionavam uma maldição, mas a maioria focava no trágico incêndio de 1878. Continuou passando de um site para outro. — Este aqui diz que um bebê de seis meses morreu no incêndio e seu espírito está preso na casa, enquanto este outro diz que era um parente distante da Sra. Sweets que escapou da prisão.

Talvez a casa esteja mesmo amaldiçoada.

— E este outro diz que ninguém morreu no incêndio, mas que tudo começou com um aquecedor a gás, que caiu e atingiu o tapete de lã. — Cada site dava um relato diferente. *Em que devo acreditar?* Uma sensação estranha lhe causou arrepios na nuca. Talvez devesse ter pesquisado um pouco mais antes de fazer uma oferta pela casa. Uma casa amaldiçoada não pode ser um bom local para os negócios.

— Charlotte? — Clair ergueu a cabeça ao se assustar com uma leve batida na porta.

— Não, é Suzi. Desculpe por interromper assim. Charlotte estava desesperada por seu livro de designs. Está com farinha e cobertura de chocolate até os joelhos, então me deu a chave para vir buscá-lo. Espero que não se importe.

Suzi era como uma irmã e se encaixou como uma luva no ambiente familiar, só faltava o cabelo ruivo. Mas tinha a agressividade de uma ruiva. — Claro que não me importo, sabe que é bem-vinda aqui a qualquer hora.

— Charlotte disse que mandaria uma mensagem avisando que eu estava a caminho.

Ela fez isso? Clair pegou o celular da mesa de cabeceira e verificou. — Opa, aqui está. Desculpe. Estava tão envolvida com esse negócio de maldição que nem ouvi a mensagem chegar.

Suzi se afastou da porta e entrou no quarto. Abriu um sorriso malicioso enquanto se sentava na beira da cama. — Sei que está ocupada, mas tem um homem lindo chamado Mason querendo vê-la. Está esperando na cozinha.

Mason, de volta tão cedo e na minha cozinha. Clair fechou os olhos e se recostou nos travesseiros macios. — Então você o conheceu?

Suzi assentiu com a cabeça, os olhos brilhando como os de uma criança na manhã de Natal. — Óbvio que sim.

— Admito que concordei com isso, mas não sei como trabalhar ao lado dele.

— Ah, pare com isso. Ele não é tão ruim assim. Na verdade, acho ele meio fofo. — Suzi riu.

— Exatamente. Ele é mais do que ‘meio fofo’. — concordou Clair, elevando a voz.

— Se não o achou atraente, tem alguma coisa errada com você.

Clair tentou colocar um freio no cabo de guerra que seu coração estava jogando para se concentrar no que era prioridade. Provar sua inocência. — Ele disse que queria ajudar, mas e se a morte de James realmente tiver algo a ver comigo? Não quero ser responsável por nenhuma outra morte na família Hapworth. Uma já é suficiente.

— Isso não vai acontecer. Mason é adulto. Sabe cuidar de si mesmo e, se está oferecendo ajuda, você deve aceitar.

— Tem razão, mas não posso me dar ao luxo de nenhuma distração no momento.

— Ah, Clair. Ele é atraente. E daí? Você já conheceu homens atraentes antes.

— Sim, mas...

Suzi balançou o dedo para Clair. — Não banque a senhorita inocente comigo, somos amigas há muito tempo. Se acha que não vai conseguir trabalhar com ele, ficarei feliz em ocupar seu lugar enquanto você ajuda Charlotte na loja. — A risada de Suzi irritou os nervos de Clair.

Sem chance.

Suzi continuou sem pestanejar. — Pode deixar o trabalho para o detetive Anderson, mas posso garantir que Mason é uma opção muito melhor, e tem um perfume ainda melhor. Mesmo que fique na cidade por um curto período. Que mal pode haver nisso?

Que mal pode haver nisso?

— Está bem. — Enquanto eu me concentrar na tarefa e não no homem, estarei segura. — Clair suspirou, resignada.

— Ótimo, agora preciso ir. Boa sorte! — disse Suzy, levantando-se da cama.

— Obrigada — Clair prendeu o cabelo e ajeitou a blusa. — Vou precisar de um pouco mais do que sorte. — Olhou para o céu. — Vovó, se a senhora puder me ouvir, estou precisando muito de ajuda nesse momento.

Capítulo Cinco



Clair pegou o notebook da cama e foi para a cozinha, a adrenalina pulsando em seu corpo. Parou por um momento na porta quando viu Mason sentado à mesa. Sua cabeça girava como a de uma adolescente tonta.

Suzi estava certa, ele fazia o estilo Clark Kent. Lembrou-se de suas próprias palavras: *Enquanto eu me concentrar na tarefa e não no homem, estarei segura.*

Clair reprimiu o crescente desejo e respirou fundo ao entrar na cozinha. — Mason!

Ele arregalou os olhos ao virar a cabeça. Ela se encolheu com o olhar duvidoso. *Não pensei que estava tão ruim assim.*

— Clair, que bom lhe ver de novo. Suzi me deixou entrar, espero que não se importe.

— Claro que não. — Ela respondeu, sorrindo.

— Como foi a pesquisa? — perguntou Mason, acenando com a cabeça para o notebook.

Finalmente um tópico sobre o qual poderia falar. Puxou uma cadeira e se juntou a ele na mesa, ignorando a pulsação acelerada. — Na verdade, havia mais informações do que eu esperava. — Reabriu o notebook nos sites e o virou na direção de Mason. — Tudo parece ter origem no incêndio de 1878. Como pode ver, existem vários artigos, cada um com uma versão diferente do incêndio e com uma vítima diferente. A maldição é mencionada algumas vezes, mas a verdade é uma incógnita.

Mason franziu a testa enquanto olhava cada artigo. — Entendo o que quer dizer.

Clair não conseguia tirar os olhos dele e se perguntou se ele já tinha usado lentes de contato. Assim poderia ver seus lindos olhos brilharem, em vez de ficarem escondidos atrás daqueles óculos de armação grossa. *Foco.*

— O que descobriu sobre Stella e Roland Trent? — perguntou, enquanto se dirigia para a cafeteira. *Mais café?* Seus níveis de energia já estavam fora de controle, e estaria a ponto de subir pelas paredes se ingerisse mais cafeína. Optou por beber água.

— Acho que a pergunta deveria ser ‘o que não descobri’ — respondeu, fechando o notebook.

— Como assim? — Clair estava intrigada.

— Você deve saber que meu pai e Stella estavam juntos. — Esperou que ela confirmasse antes de continuar. — Parece que se casaram há cerca de um

mês.

— Não acredito! Como mantiveram isso em segredo nesta cidade? — Podia ver o desdém no rosto dele.

— Tenho certeza de que metade do que ela falou era mentira. Segundo Stella, meu pai jogava boliche todas as quintas-feiras à noite, o que é impossível, pois lesionou o manguito rotador do ombro direito em um torneio de golfe.

— Ai, isso deve ser doloroso. — Clair fez uma expressão de dor.

Mason assentiu. — Exatamente. Ou ela está mentindo ou James estava mentindo para ela sobre seu paradeiro nas noites de quinta-feira. E depois, disse também que ele estava fazendo um curso de relações públicas todas as segundas-feiras à noite e alguns sábados, em Watson's Creek. Se mentiu sobre o boliche, pode ter mentido sobre o curso também. De qualquer forma, precisamos investigar mais a fundo.

— E Roland Trent? — Clair esfregou o queixo, digerindo cada palavra enquanto ele falava.

— Ela negou conhecê-lo, o que sabemos que é mentira, se acreditarmos na Sra. Stevenson, e eu acredito.

Uma energia renovada colocou Clair em ação. — Mais uma razão para verificar o escritório de Roland Trent. Tem que haver algo lá que possa ligá-lo a James ou Stella. — Ela jogou a bolsa no ombro e pegou as chaves. — Você vem?

Mason se levantou, a preocupação estampada no rosto. — Para o escritório de Roland Trent? Acha que isso é sensato?

— Sim. Pode ser a única maneira de descobrir a verdade e podemos usar seus conhecimentos de informática.

— Como vamos entrar no escritório? Pelo que sabemos, a polícia interditou o local.

Ela riu, indo em direção à porta. — Conheço o porteiro. Há pouco tempo montamos uma incrível exibição de cupcakes de sereia para o aniversário de oito anos de sua filha, e ele é muito grato. Vamos dizer que estamos procurando um local para um novo negócio. E pode acontecer de entrarmos na sala errada enquanto estivermos lá. — Um sorriso atrevido se espalhou em seu rosto e ela sabia que tinha marcado pontos extras. — Vamos? — perguntou, segurando a porta aberta.

— Parece que não vou conseguir fazê-la desistir, mesmo se quisesse.

— Não vai mesmo — respondeu Clair, enquanto fechava a porta.

— Quer que eu dirija? Poderíamos unir o útil ao agradável. Você vai me mostrando os pontos turísticos de Ashton Point. Tenho certeza de que muita coisa mudou desde que me mudei, há dez anos.

— Claro. — As palavras dele bombardearam seus pensamentos mais uma vez: *Enquanto eu me concentrar na tarefa e não no homem, estarei segura.*

Quando Mason estacionou em frente ao Sampson Office Building, em Watsons Creek, os nervos de Clair estavam tão emaranhados quanto uma

tigela de macarrão tagliatelle. Conversaram durante a maior parte do caminho. Quanto mais ele falava, mais ela se acalmava, como se estivesse evitando qualquer assunto que envolvesse compartilhar informações sobre si mesmo. E Clair não podia culpá-lo. Não é como se ele lhe devesse uma explicação ou algo assim. Perder o pai em circunstâncias tão questionáveis abala a estrutura de qualquer pessoa.

— E se você não conseguir encontrar as respostas que está procurando? — perguntou Mason, enquanto se dirigiam para a entrada.

— Nós, mulheres McCorrson, somos muito resilientes. Pensarei em outra forma de conseguir. — Clair piscou, o coração dando um pequeno salto quando uma covinha fofa surgiu na bochecha direita de Mason. — Não diga nada, apenas observe. O que pode dar errado?

Por favor, faça com que eu encontre as respostas que estou procurando. — Cruzou os dedos mentalmente e rezou.

Clair empurrou as portas de vidro duplas, e suspirou aliviada quando viu Arthur na recepção. Abriu seu melhor sorriso profissional e caminhou até a recepção. — Arthur, que prazer em vê-lo. Como está sua linda filha?

Arthur a olhou com ternura enquanto se levantava. — Clair! Ela está ótima, como sempre. Estou tão preocupado com você e toda essa agitação em torno do assassinato e maldições que está correndo pela cidade. Qualquer pessoa que acredite que você seria capaz de ferir alguém não pode ser bom da cabeça.

Clair sentiu um alívio com aquele voto de confiança. — Obrigada, Arthur. É bom ter pelo menos mais uma pessoa em Ashton Point que acredita na minha inocência.

— Bobagem. Tem muita gente que acredita. — Seu olhar encontrou o de Mason. — Posso lhe ajudar, senhor?

— Desculpe minha falta de educação — disse Clair, olhando para o lado. — Este é Mason Hapworth. Filho de James Hapworth. Veio dirigindo de Surfers Paradise quando soube da morte do pai.

— Prazer em conhecê-lo — Mason estendeu a mão.

Arthur saiu de trás da mesa e cumprimentou Mason. — Lamento sobre seu pai.

— Obrigado.

— Espero que não pense que essa jovem está envolvida no assassinato. — disse Arthur, cruzando os braços. Clair sentiu os joelhos fraquejarem ao encontrar o olhar magnético de Mason.

— Não acredito nem por um momento que essa linda mulher machucaria uma mosca, e muito menos que seria capaz de matar alguém e estou fazendo o possível para ajudá-la a lidar com essa situação e distrair a mente.

Clair pensou que seu coração fosse parar de bater quando ele sorriu.

Distrair? Enquanto eu me concentrar na tarefa e não no homem, estarei segura.

— Como estava dizendo à Clair hoje cedo, quando as coisas nem sempre

saem conforme o planejado, gosto de me concentrar no trabalho — continuou Mason, alheio a Clair, que permanecia imóvel.

— É mesmo? — perguntou Arthur, com um sorriso malicioso e voltou sua atenção para Clair. — Em que posso ajudá-la?

Com a atenção ainda focada em Mason, as palavras de Arthur eram como uma voz abafada tentando ser ouvida. *Linda mulher?*

Mason pigarreou e deu um passo, aproximando-se de Arthur. — Esta manhã, mencionei a Clair que estava pensando em abrir minha empresa de informática aqui na cidade e pensei que, como ela havia feito algumas pesquisas sobre o mercado imobiliário local, poderia me orientar. E estava certo, porque aqui estamos.

Empresa? Clair olhou para Mason, confusa, e sentiu uma vertigem. *Como deixei escapar essa informação?*

— Não é mesmo, Clair? — perguntou Mason, virando-se para encará-la. De repente, ele arregalou os olhos e moveu os lábios sem emitir som: — Não diga nada, apenas observe.

Percebendo o erro, Clair se concentrou e sorriu. *Essa foi a última vez que baixei a guarda. Hora de provar minha inocência.*

— É verdade e aqui é o lugar ideal. Em breve este prédio será o centro empresarial. Pensei em aproveitar o tempo que Mason vai ficar na cidade e levá-lo para ver alguns escritórios disponíveis. Tenho certeza de que são exatamente o que ele está procurando. Tudo bem, Arthur?

— Normalmente, o corretor de imóveis gosta de acompanhar o cliente — disse Arthur, com naturalidade.

Clair empalideceu. *Ah, não, ele não vai nos deixar entrar. E agora?*

Mason se intrometeu antes que ela pudesse pronunciar uma palavra: — Você está certíssimo e normalmente eu teria procurado a imobiliária, mas foi uma decisão impulsiva. Clair e eu passamos por um momento muito difícil e precisávamos de algo para nos distrair dos problemas. Pode nos ajudar, apenas desta vez?

— Isso significaria muito para mim, Arthur — completou Clair.

A tensão crescente era como pisar em ovos e Clair prendeu a respiração. Os lábios de Arthur se ergueram em um sorriso caloroso. — Não vejo problema. Afinal, para que servem os amigos? Aqui estão as chaves dos escritórios vazios no terceiro andar. Existem apenas quatro disponíveis.

— Obrigada, Arthur, você é um amigo de verdade — Clair deixou escapar um suspiro, pegou as chaves e se dirigiu para os elevadores com Mason. — Essa foi por pouco — sussurrou.

Seu coração batia como um cavalo galopando. Agora era hora de agir. Olhou de forma casual para o quadro perto dos elevadores. Roland Trent e Associados, oitavo andar. Mason já havia pressionado o botão para o terceiro andar quando ela disse: — Precisamos ir até o oitavo — sussurrou.

Mason lhe lançou um olhar sedutor. — Eu sei, mas Arthur espera que o elevador pare no terceiro andar e, se isso não acontecer, o que o impedirá de

verificar? Descemos no terceiro e vamos pela escada.

— Cinco lances de escada?

— Qual é o problema, alguém está um pouco fora de forma?

Fora de forma...Ha! Vou te mostrar quem está fora de forma. Aquele comentário a incomodou. — Não tem problema nenhum. Vá na frente e eu te acompanho.

Os pulmões de Clair imploravam por ar, um degrau após o outro, até que chegaram ao oitavo andar. Seguiu Mason escada acima, ignorando a queimação nos músculos das pernas. Nem o movimento do traseiro firme dele foi capaz de distraí-la da dor. *Ah, meu Deus, como fiquei tão fora de forma? A culpa é dos cupcakes de Charlotte. Prometo que, se sair viva dessa confusão, vou me limitar a dois cupcakes por dia e entrar na academia.*

— Está tudo bem aí atrás? — perguntou Mason, quando saíram da escada.

Clair notou que ele mal havia suado. — Está bem, eu desisto. Como pode não estar sem fôlego depois de subir todas essas escadas?

— Está com inveja? — Mason girou para encará-la, e continuou andando de costas pelo corredor.

— De jeito nenhum. Você é programador de computadores, certo? — Ele assentiu. — E fica sentado o dia inteiro atrás de uma tela. Como pode não estar exausto?

Mason parou de repente. *Ahhhh.* As pernas trêmulas de Clair ignoraram a mensagem que seu cérebro estava enviando. *Pare... pare... por favor, pare.* De repente se viu caindo nos braços dele. O corpo carregado de adrenalina se conectou com o dele e foi como se de repente estivessem presos em um momento. Os músculos dele ficaram tensos quando Clair agarrou seus ombros e se entreolharam.

— Você está bem? — Mason engoliu em seco e quebrou o silêncio.

Claro. Meu coração parece uma bomba-relógio, minhas pernas parecem ter acabado de atravessar a planície de Nullarbor e estou nos braços de um homem que perturba meus pensamentos. Por que não estaria bem?

Clair o empurrou com as mãos tensas. — Estou. Acho que as escadas foram demais para meus músculos. — Ela balançou as pernas rezando para aliviar a câimbra. — Você ainda não respondeu a minha pergunta. Por que não está exausto?

— Eu me exercito. Gosto de programação de computadores e adoro o que faço, mas um amigo que trabalha no mesmo prédio que eu, gosta de criar jogos. Nada com muitas mortes ou excesso de violência, ele cria vários mundos de fantasia que ensinam as pessoas a construírem sociedades onde possam ser autossuficientes e viver da terra. Isso inclui defesa pessoal. Ele montou uma academia no porão do nosso prédio e me deixa usá-la para treinar enquanto testa os movimentos para seus jogos com os colegas de trabalho.

Eu gostaria de testar seus movimentos. De onde diabos isso veio? Concentre-se na tarefa, não no homem. Clair sentiu seu coração se abrandar

um pouco mais em relação àquele homem. — Que trabalho incrível.

— É mesmo. — Ele se virou e continuou andando pelo corredor em direção ao escritório de Roland Trent, seguido por Clair. — Obrigado por concordar com minha pequena farsa.

— Farsa?

— Sobre abrir uma empresa de informática na cidade. Foi a primeira coisa que me veio à cabeça. — Ele parou em frente ao escritório de Roland.

— Não precisa agradecer. — *Claro, foi tudo encenação. Como se ele fosse deixar o alto padrão de vida de Surfers Paradise. Juro, que a partir desse momento, estarei cem por cento focada em provar minha inocência e nada mais.*

Com o senso de propósito renovado, Clair endireitou os ombros, respirou fundo, deu um passo à frente e congelou. — A porta — sussurrou. — Está entreaberta.

Clair apoiou o ouvido contra a porta, esforçando-se para ouvir se havia alguém lá dentro. Mason se juntou a ela, os lábios a poucos centímetros de distância. Sua loção pós-barba picante fez seu peito queimar e ela prendeu a respiração. *Foco, foco, foco.* Fechou os olhos e escutou com mais atenção. Era tudo o que podia fazer para evitar ficar na ponta dos pés e beijá-lo.

— Não consigo ouvir nada, e você?

— Não, mas fique atenta a qualquer movimento.

Os nervos de Clair pareciam elásticos, prontos para estourar a qualquer momento. Ela abriu a porta, o olhar procurando por qualquer presença indesejada. — Não tem ninguém — disse, entrando na sala.

— Vamos ser rápidos — Mason encostou a porta e sussurrou enquanto seu olhar caiu sobre o computador. — Não queremos que Arthur venha nos procurar.

— Tem razão. A pista para minha liberdade pode estar aqui, então vamos ao trabalho. Vou procurar no arquivo e você tenta encontrar alguma coisa no computador.

Mason assentiu e começou a trabalhar, seus dedos se moviam na velocidade da luz pelo teclado.

Clair sentiu como se a eletricidade tivesse queimado seu peito quando abriu a gaveta do arquivo. Queria pular e fazer um toca aqui no ar.

— O sistema de segurança é muito forte, o que me diz que ele está escondendo alguma coisa. Não vai ser fácil decifrar, mesmo com minhas habilidades avançadas, mas vou tentar — disse Mason, os olhos brilhando de determinação.

Clair começou a procurar nos arquivos, os nomes desconhecidos embaralhando sua visão. O som de Mason digitando foi se tornando distante. Estava quase desistindo quando encontrou exatamente o que estava procurando. *Bingo!*

Stella Roseamund. Talvez isso me diga por que mentiu para Mason. Pegou a pasta e seu coração afundou. *Vazia? Será que havia alguma informação pela*

qual valeria a pena matar?

Clair fechou o arquivo e se virou para ver se Mason teve mais sorte. Estava inquieta e antes que pudesse pronunciar uma palavra, um som agudo sinalizou a chegada do elevador, seguido por vozes abafadas pelo corredor. Uma sensação de mau presságio a atingiu quando as vozes se aproximaram.

Mason pulou da cadeira e disparou em direção ao som. Espiando pela porta entreaberta, teve uma visão perfeita do elevador. — São o detetive Anderson e Arthur e estão vindo para cá.

Claro que estão. Essa situação está indo de mal a pior. Clair entrou em pânico. — O que vamos fazer? — perguntou, imóvel. Em questão de segundos, invasão de domicílio seria adicionada à sua suposta lista de contravenções.

Mason fechou a porta com cautela e olhou ao redor do escritório. — Por aqui, rápido — disse, enquanto agarrava a mão dela, arrastando-a em direção a uma porta adjacente.

Por favor, esteja aberta, ela rezou. Estava.

Ficaram feito estátuas contra a parede. Era difícil respirar. Mason havia deixado a porta entreaberta para ouvir, mas era o coração acelerado de Clair que enchia seus ouvidos. *Respire, apenas respire.*

A voz de comando do detetive Anderson ressoou pelo pequeno escritório. — Obrigado. Isso é tudo. Eu assumo daqui.

— Está bem, detetive — disse Arthur.

Clair encostou a cabeça na parede e fechou os olhos. *Por favor, não encontre nada que aponte para mim.* Sentiu o estômago revirar. Não tinha certeza se era o medo de ser pega ou o toque da mão de Mason. Seus olhares se encontraram e por um momento se perdeu na tranquilidade que ele transmitia. Mason enrijeceu, o transe quebrado pela voz gravada de James Hapworth.

Roland, você está aí? Atenda, se estiver... Vou me encontrar com ela hoje à noite e tenho certeza de que posso convencê-la a mudar de ideia. Se isso não acontecer, podemos tentar de outra forma. Não se preocupe, vou cuidar de tudo. Cumpra a sua parte no acordo e tudo sairá conforme planejado. Confie em mim.

A mente de Clair disparou. *Encontrar com quem? Comigo? Que outra forma? E se era comigo que ia se encontrar, por que queria que eu mudasse de ideia?*

A tensão foi cortada pela voz aguda do detetive Anderson. — Parece que você e James Hapworth tinham negócios inacabados, não é, Roland?

Será que eu era o negócio inacabado?

Clair olhou de soslaio para Mason e seu coração derreteu ao ver a preocupação genuína no rosto dele. O som familiar da gaveta do arquivo a fez entrar em pânico. Seu olhar caiu sobre a pasta de Stella, que segurava com força. *Ah, meu Deus, como pude ser tão idiota?* Agora poderiam adicionar arrombamento, invasão e roubo à sua ficha criminal.

— Anderson falando. Tudo bem, estou a caminho.

O batimento cardíaco de Clair acelerou. O som distante do elevador confirmou a saída de Anderson. Um rugido ardente abriu caminho de seu peito até a garganta, lembrando-a de respirar.

— Vamos sair daqui. Não sei quanto a você, mas eu gostaria de uma bebida forte — disse Mason, apertando a mão dela.

— Parece uma ótima ideia.

Capítulo Seis



Conseguiram sair sem incidentes e sem Arthur desconfiar. — Não acredito que tenho mais perguntas do que respostas — disse Clair, empurrando o copo de cerveja vazio para o centro da mesa.

Mason deu outra mordida no hambúrguer, um fio de molho escorrendo de seu queixo. — Desculpe — disse ele, limpando-se com o guardanapo. *Como sou desajeitado. Não consigo nem comer um hambúrguer na frente dela sem sujar o rosto.*

Clair sorriu e engoliu um pedaço de seu hambúrguer. — Tudo bem. É isso que torna os hambúrgueres de Charlie tão deliciosos. O molho.

— Este hambúrguer é mesmo incrível — concordou Mason, olhando para Clair. Estavam sentados na parte externa do The Corner2 Pub. As papilas gustativas de Mason estavam no paraíso, para não mencionar seu estômago. A carne tenra estava temperada com especiarias picantes e o pãozinho tão fresco que desmanchava na boca.

— Eu avisei — disse Clair, balançando o copo vazio. — Os melhores hambúrgueres da cidade.

Mason acenou com a cabeça em direção ao copo dela. — Não pensei que você fosse o tipo de mulher que gosta de cerveja.

— Sinto muito por desapontá-lo.

Seu idiota, que maneira de conduzir uma conversa. — Não estou decepcionado. Na verdade, gosto que prefira cerveja. Há algo de especial em uma mulher que compartilha as mesmas preferências que os homens. — Um rubor fofo subiu pelo pescoço dela. Impossível que ela pudesse ser mais bonita. *Preciso sair de trás da tela do computador com mais frequência. Não há tempo para agir como um nerd agora.* — Tem certeza de que não havia mais nada interessante nos arquivos?

Clair suspirou e negou com a cabeça. — Não. Como disse, havia apenas a pasta vazia com o nome de Stella.

— Veja pelo lado bom. Isso confirma que os dois se conheciam.

— Sim, mas por que ela mentiu sobre conhecê-lo? — Mason sentiu a frustração de Clair. — Qual a relação que tinha com Roland Trent e por que mentir sobre isso, a menos que...

— A menos que o quê? — Mason ergueu a sobrancelha.

— A menos que tenha algo a ver com o assassinato dele?

A pergunta sinistra ficou no ar e eles continuaram a comer em silêncio. O ambiente do pub fervilhava com uma atmosfera acolhedora e amigável,

diferente dos pubs em Surfers Paradise.

Mason ficou tenso e riu para si mesmo. Como poderia saber, não é como se ir a bares fosse um evento regular. Era meio solitário e não tinha motivos para socializar fora do escritório ou da academia, até agora. Era a primeira vez que saía em muito tempo.

— O que é tão engraçado?

— Estava pensando em como este lugar é agradável. — Mason observou Clair enquanto ela olhava ao redor. O calor que enchia seus olhos lhe corroía o coração. Morava e trabalhava em Surfers Paradise, mas a conexão nunca foi forte o suficiente para considerar a cidade um lar.

— É um lugar muito especial. Não me vejo morando em outra cidade. Embora... — Ela franziu a testa. — Se não encontrar as respostas de que preciso, o único lugar que verei é o interior de uma cela de prisão.

Não se eu puder evitar. O estômago dele se contorceu com aquela possibilidade.

Clair mordeu o lábio inferior e ele quase podia ver as engrenagens girando em sua cabeça. Bebeu o último gole da cerveja. O líquido gelado deslizou pela garganta, esfriando seus pensamentos.

— Diga-me se entendi direito. Sabemos que Roland conhecia Stella, caso contrário, por que teria um arquivo sobre ela? Mas não sabemos *se*, e porque, mentiu sobre conhecê-lo. Sabemos também que Stella acredita que James jogava boliche durante a semana e que isso não é verdade por causa do ombro lesionado. Então, ou James estava mentindo para Stella ou ela estava mentindo para nós. A julgar pelo telefonema, sabemos que James ia se encontrar com uma mulher naquela noite. A questão é: quem é essa mulher?

— Talvez tenha sido você, mas quem pode afirmar que não era Stella ou outra pessoa? E se era você, sobre o que ele queria fazê-la mudar de opinião? A compra, a mansão ou algo completamente diferente? Enfim, acho que Roland está envolvido de alguma forma. Como estou me saindo até agora?

— Muito bem, mas temos ainda mais perguntas. Talvez Roland fosse o outro comprador. Parece que Stella e Roland fizeram negócios com James, mas será que era motivo suficiente para um deles o matarem? E se Roland matou James, quem matou Roland?

— Boas perguntas. E agora precisamos encontrar as respostas. — Mason se sentia frustrado.

— Não confio nem um pouco em Stella — disse Clair, recostando-se na cadeira. — Acho que devemos falar com alguém dessa liga de boliche. Só para confirmar. É um começo.

— Combinado. Vou fazer algumas ligações e ver o que consigo descobrir.

Clair assentiu e fez uma pausa, olhando para o prato vazio. — Hum, eu poderia... — O relógio de parede acima do bar tocou e ela congelou. Mason fez uma pausa, segurando o olhar. Clair olhou para o relógio. — Ah, droga. Deveria estar em casa há meia hora para ajudar Charlotte. Ela está projetando novos designs de cupcakes e queria me mostrar suas ideias. Desculpe-me, mas

preciso ir.

Mason observou os cachos ruivos em volta do pescoço esguio de Clair. Estava tão focado no trabalho que fazia muito tempo que não namorava ou desejava beijar uma mulher, mas abriria uma exceção para Clair. *Pare com isso, cara. O objetivo é inocentá-la do assassinato, não conseguir um encontro.* — Sem problemas. Que tal buscá-la amanhã por volta das 9h na sua casa e continuar de onde paramos?

— Ótima ideia. — Clair o presenteou com um sorriso que lhe aqueceu o coração.



— Não acredito que foi ao escritório de Roland Trent — disse Charlotte, enquanto Clair entrava na cozinha indo direto para a máquina de café. — Graças a Deus o detetive Anderson não a encontrou lá.

— Nem me lembre disso. — A lembrança fez Clair se arrepiar. — Da próxima vez, serei mais cuidadosa.

Charlotte ergueu as sobrancelhas. — Próxima vez?

Clair segurou a caneca de café quente, sentindo as mãos geladas começarem a aquecer. — Não pode esperar que eu pare de procurar por respostas. Você, entre todas as pessoas, deveria entender.

— E entendo, mas que tal me manter informada? Só no caso de precisar tirá-la da prisão. Pelo menos, saberei o motivo — disse Charlotte, com um brilho atrevido no olhar.

— Combinado. — O amor pela irmã aqueceu seu coração.

— Não precisava se apressar em voltar para casa ontem à noite, sabia? Eu poderia ter terminado os designs dos cupcakes sozinha.

— Eu sei. — Clair sentiu uma pontada no estômago. *Culpa?* — Eu disse que ajudaria e achei justo lhe contar o que Mason e eu descobrimos.

— Como foi o jantar com o Sr. Perfeito?

A pergunta desencadeou pensamentos de dar água na boca. *Senhor Perfeito, de fato. Lábios perfeitos. Cabelo perfeito. Bunda perfeita. Era lindo até com molho no queixo.*

—Ah, não. Você está apaixonada. — Charlotte sorriu.

Clair franziu a testa. Charlotte parecia ter acabado de resolver a fome mundial. — Do que está falando?

— Você gosta dele. — Charlotte riu, colocando uma colher de cereal na boca.

— É claro que gosto. Ele é um cara legal, está ajudando a provar minha inocência e acabou de perder o pai, pelo amor de Deus. — Clair rezou em silêncio. *Esqueça esse assunto, por favor, Charlotte.*

Charlotte apertou os lábios e franziu a testa. — Você sabe que não é isso que eu quero dizer.

A respiração de Clair ficou presa no fundo da garganta. Sua cabeça doía ao pensar em todas as razões pelas quais não deveria gostar dele, mas seu coração tinha vontade própria, e queria Mason. — Está bem, você venceu. —

Clair se juntou a Charlotte na mesa, com a cabeça entre as mãos. — Confesso. Gosto de Mason.

— É mesmo? Gostaria de estar por perto quando a cidade descobrir essa informação — disse Liam, encostado no batente da porta da cozinha.

Clair virou a cabeça e seu coração disparou ao observar o sorriso no rosto de Liam crescer. Engasgou-se e engoliu em seco. — Liam, você não pode contar isso para ninguém, está me ouvindo? — Em seguida disparou em direção a ele como uma tempestade que se aproximava, parando a centímetros de seu rosto. — Prometa que vai guardar segredo — disse, colocando o dedo no peito dele. Estava a segundos de transformar o status de sua irmã em solteira. — Já é difícil trabalhar ao lado dele, e se a cidade descobrir, não quero imaginar o que pode acontecer.

— Está bem, está bem. Nossa, eu só estava brincando. Juro. — Liam ergueu as mãos em defesa.

— É melhor que seja verdade. — O lado racional de Clair sabia que ele era confiável, mas seu instinto lhe dizia algo diferente. Voltou a se sentar, com o coração apertado. — Por que você tinha que chegar nesse exato momento?

— Sim, querido, por que está aqui tão cedo? Esqueceu? Mesmo que eu não esteja na escala hoje, Clair e eu vamos até a loja trabalhar em designs de cupcake para o jantar de gala do Dia do Fundador neste fim de semana. Achei que iríamos almoçar mais tarde — disse Charlotte entre garfadas.

Liam se sentou ao lado de Charlotte e se aninhou para lhe dar um beijo no rosto.

Ah, não. Clair sentiu um arrepio na espinha quando Liam ficou sério. — O que aconteceu? *Por favor, não deixe que tenha um corpo dentro da loja desta vez.*

Liam olhou de uma irmã para a outra, a preocupação estampada nos profundos olhos castanhos.

— Fale logo, querido. Agora estou começando a ficar preocupada.

— Alguma de vocês já leu o jornal?

Foi nesse momento que Clair notou que ele estava com um braço escondido embaixo da mesa. Sentiu uma mão imaginária lhe apertando a garganta. *Fique tranquila, pode não ser nada. Talvez haja uma liquidação de equipamentos para panificação e ele não quer deixar passar a oportunidade.*

— Sei que está com o jornal, caso contrário, por que tocaria no assunto? Mostre logo, Liam — disse Clair, preparando-se para outro ataque de mentiras.

— Está bem, pelo menos estão sentadas.

— É tão ruim assim? — perguntou Charlotte, apreensiva.

Liam deu de ombros. — É melhor tirarem suas próprias conclusões. — Ele ergueu o jornal para mostrar outra manchete devastadora ao lado de uma enorme foto de Clair, seis anos atrás em um comício de ativistas em defesa dos animais, parecendo que estava prestes a matar alguém.

A Assassina do Cupcake já matou antes!

Clair bufou e deu um longo suspiro. O coração afundou como uma pedra na água. — Não acredito nisso! — disse, puxando o jornal das mãos de Liam. Seu olhar percorreu o artigo, cada palavra era uma facada em seu peito. — Primeiro a matéria de ontem e agora isso!

— Que coisa mais ridícula. Essa manifestação foi há muito tempo e você não matou ninguém, pelo menos não que eu me lembre.

Clair umedeceu os lábios e engoliu a vontade de bater na cabeça de Charlotte com o jornal. — Claro que não matei. As coisas saíram um pouco de controle e acabei me envolvendo por acaso, mas não matei ninguém. Embora esta foto me faça parecer uma assassina enlouquecida.

— Aqui diz que você agrediu a polícia e, quando tentaram contê-la, você retaliou e atacou, deixando um homem inconsciente, que mais tarde morreu no hospital.

Isso não é verdade. Por que as pessoas insistem em dizer mentiras a meu respeito? Era impressão ou o ar na cozinha estava ficando mais denso? — Estou bem ciente do que o jornal diz, Liam, mas é mentira. É tudo mentira. Claro que eu estava lá e participei ativamente dos protestos. Mas de forma pacífica. Não estava nem perto das pessoas violentas e não ataquei ninguém, muito menos a polícia.

A adrenalina corria em suas veias enquanto o conhecido nome da jornalista deixava em sua boca o gosto amargo da repugnância. *Christina Jacobs, o que eu lhe fiz?* Clair fechou os olhos contra a súbita onda de raiva.

— Clair? Você está bem? — perguntou Charlotte, preocupada.

— Não, não estou bem. — A emoção obstruiu sua voz. Em seguida, abriu os olhos e respirou fundo. — Assim que as pessoas lerem o jornal, com certeza vão pensar que sou uma assassina. — De repente, levantou-se e o som agudo da cadeira arrastando no piso lhe causou arrepios. — Não vou desistir tão fácil. Ontem foi praticamente um beco sem saída. Acho que está na hora de fazer uma visita surpresa a Christina Jacobs. Não se preocupem, vou mantê-los informados — disse por cima do ombro enquanto ia para seu quarto.

Clair tentou lembrar o que tinha feito para ofender Christina, mas sua mente era uma tela em branco. — Não entendo — murmurou enquanto dava os retoques finais na maquiagem. Prendeu o cabelo ruivo em um rabo de cavalo na base do pescoço. Vestida com um top de chiffon verde-mar, jeans pretos e sapatos de saltos brancos, ela deu uma última olhada no espelho e sorriu. *Nada mal.*

O relógio de cabeceira marcava 8h05 da manhã. Tempo suficiente para encontrar Christina e estar de volta antes que Mason chegasse às 9h. Pegou o jornal, a bolsa e saiu.

Quando Clair estacionou em frente ao *Ashton Point Chronicle*, seus pensamentos estavam focados apenas no motivo pelo qual Christina estava atacando-a. Empurrou a porta, o rabo de cavalo ruivo ondulado voando com a brisa do mar. Se aproximou do balcão vazio e tocou a campainha várias vezes,

a impaciência levando vantagem. — Olá... Olá, tem alguém aqui?

— Aguarde um momento. — Ouviu uma voz masculina vinda de um escritório à direita.

Seu pulso acelerou. Tamborilando com as unhas no balcão, a impaciência crescia.

— Clair? O que está fazendo aqui tão cedo? — perguntou Daniel, enquanto se aproximava, segurando uma caneca fumegante de café fresco com aroma de baunilha. Seu segundo sabor de café favorito, depois de avelã.

— Acho que você sabe muito bem o que estou fazendo aqui. — E jogou o jornal no balcão, aberto na página do maldito artigo.

— Ah, isso. — Daniel deu de ombros. — É apenas uma história. Christina gosta de adicionar um toque pessoal às suas matérias. Os jornais vendem mais quando existe um pouco de controvérsia.

— Controvérsia? Igual a que você criou quando publicou aquela história falsa sobre Charlotte envenenando seus próprios cupcakes no casamento de Beth e Lincoln?

— Ei, minhas fontes estavam corretas na época. De qualquer forma, tudo acabou bem. Charlotte foi inocentada.

— Não graças a você. — Clair apontou para o jornal mais uma vez. — Tudo isso é mentira. Em seguida, ela também vai me acusar de ter matado Roland Trent. Onde está Christina? Quero falar com ela.

Daniel fez uma careta e balançou a cabeça. — Ela não está aqui. Volte mais tarde. Está na delegacia com o detetive...

Clair pegou o jornal e deu meia-volta. Não esperou Daniel terminar de falar. Quanto mais cedo chegasse à delegacia, mais cedo poderia resolver essa confusão.

Caminhou duas vezes mais rápido. O sol da manhã já esquentava a calçada sob seus pés. Um fio de suor escorria pelo seu pescoço até o decote. *Ótimo, isso é tudo de que preciso, manchas de suor na roupa. Não é o visual que imaginei.*

Clair passou as mãos úmidas pelos jeans e, quando chegou aos degraus da delegacia, estava suando como se tivesse acabado de terminar uma aula de ioga. As manchas eram visíveis sob os braços e, graças ao pescoço suado, o cabelo que se soltou do rabo de cavalo agora estava em cachos. Estava fervendo de raiva e não era apenas por causa do sol escaldante. *Eu juro, Christina, que se encontrar Mason parecendo um trapo molhado, não vou ficar muito feliz.*

Cruzou as portas da delegacia e foi atingida por uma onda de ar gelado. O alívio disparou por seu corpo. *Graças a Deus.* Em seguida, concentrou-se na loira alta atrás do balcão, enquanto deixava o ar frio penetrar em seus membros.

Quando se mudou para Asthon Point, Christina deixou bem claro que não tinha medo de falar o que pensava. Aparentemente, é isso que faz um grande repórter, pelo menos é o que ela faz questão de dizer. Desde que Clair

conseguia se lembrar, ela nunca passava despercebida e hoje não foi diferente. Uma loira estonteante saída de um filme de Hollywood dos anos 1940. Clair sentiu uma pontada de inveja. Christina exibia sua figura curvilínea em uma blusa creme, semitransparente e uma saia lápis azul marinho bem justa, expondo as belas pernas que pareciam se estender até as axilas.

Clair balançou a cabeça e se aproximou do balcão. — Christina, Daniel disse que eu poderia encontrá-la aqui. Se importaria de me dizer por que publicaria tais mentiras a meu respeito na primeira página do seu jornal?

— O que disse? — Christina se virou, alisando os longos cabelos loiros sobre o ombro. — Não sei do que está falando.

Queria tirar aquele olhar presunçoso do rosto dela com seu próprio jornal. — Ah, é mesmo? É disso que estou falando. — Clair tirou o jornal da bolsa e ergueu a primeira página. — Essas mentiras. Quero saber de onde tirou suas informações, porque isso não é verdade.

— Um repórter nunca revela sua fonte.

— Isso se você tiver uma fonte — rebateu Clair, jogando o jornal no balcão.

— Está me chamando de mentirosa? — Christina estreitou o olhar azul-gelo.

Clair piscou para afastar as lágrimas de frustração. — Se a carapuça serviu. Diga-me com quem conseguiu as informações.

Christina se inclinou olhando de soslaio para Clair. — Como disse, um repórter nunca revela sua fonte.

— Por que não há fonte, não é? Você inventou detalhes dessa história antiga para me fazer parecer uma assassina. Para fazer todos pensarem que eu seria capaz de matar a sangue-frio. Por quê? Por que publicar isso sem me consultar e descobrir a verdade? A menos que tenha outro motivo para publicar esse absurdo.

Christina corrigiu a postura e se afastou. — Você não sabe o que está dizendo. A fonte de um repórter deve ser protegida a todo custo.

Clair ficou indignada com o argumento de Christina. — Eu não matei James Hapworth e nem Roland Trent e as mentiras que você publica não vão encobrir os fatos, porque vou descobrir a verdade, Christina. Pode ter certeza disso.

— Senhoras, por favor. — A discussão acalorada chamou a atenção de Alison, a recepcionista da delegacia, que se aproximou do balcão. — Sei que estão nervosas, mas precisam se acalmar. Lançar acusações não vai resolver o problema.

— Eu assumo daqui, Alison — disse um homem e quando Clair se virou, viu o detetive Anderson de braços cruzados com uma expressão descontente no rosto. — Acho que já chega de escândalos na minha delegacia, não acham, senhoras?

Clair sentiu como se tivesse sido atingida no peito com um punho de ferro. Mal conseguia respirar em meio à raiva que a dominava. Abriu a boca para

falar, mas suas palavras foram interrompidas pelo tom falso de Christina.

— Claro. Que grosseria da minha parte. — Christina lançou um olhar falso de desculpas para Clair. — Por favor, me perdoe, Clair? Você tem razão. Eu deveria ter falado com você primeiro para verificar os fatos antes de enviar a matéria para impressão.

O que...? Clair ergueu a sobancelha, perguntando-se por que a mudança de comportamento repentina.

— Acho que me deixei levar pela minha curiosidade jornalística. Falando em fatos... — Os olhos de Christina voltaram a brilhar. — Detetive, enquanto estamos aqui, por que não nos atualiza? Então Clair poderá ter certeza de que vou publicar a verdade da próxima vez.

Fatos, sim. Será que ele tinha voltado ao escritório de Roland e encontrou o arquivo de Stella? Clair quase podia ouvir seu coração batendo no silêncio enquanto esperava a resposta. — Sim, o mínimo que você pode fazer é nos contar o que descobriu até agora. Afinal, é a minha vida que está em jogo.

— Na verdade, não tenho obrigação de dizer nada, mas, no espírito de cooperação, acho melhor manter todas as partes informadas sobre os acontecimentos. Mason Hapworth insistiu que a mantivesse informada. — Ele suspirou e as conduziu para fora do alcance da voz do público.

Clair sentiu a temperatura subir e desta vez não foi por causa do calor do dia. *Obrigada, Mason.*

— No momento, podemos confirmar que os dois homens foram mortos por um golpe na nuca com um objeto arredondado. Parece que a mesma arma ou algo semelhante foi usado, mas não tivemos sorte em recuperá-la. Não parece muito esperançoso, considerando a quantidade de móveis antigos e bugigangas que a Sra. Sweets deixou na casa quando faleceu. O assassino pode ter usado um objeto e depois tê-lo descartado. Não temos como saber. Ainda estamos trabalhando na conexão dos dois assassinatos. — Anderson se concentrou em Clair. — A busca no escritório de Roland Trent revelou uma informação interessante.

Clair respirou fundo para controlar a tensão. — É mesmo? — *A mensagem do telefone.*

— Sim, uma mensagem gravada de James, sobre um encontro com uma mulher. A princípio pensamos que estivesse relacionado a você, Clair.

— A mim?

— Sim, mas descartamos a hipótese, pois a mensagem foi gravada um dia antes do assassinato. Fizemos buscas nos escritórios de Hapworth e não encontramos nada.

O alívio durou pouco. Nenhuma arma do crime e nenhuma menção sobre o casamento com Stella. Será que ele sabia que eram casados?

— Nenhuma evidência incriminatória foi encontrada em qualquer lugar ou nos computadores. Confirmamos que possuía apenas os dois notebooks que foram apreendidos, mas esperamos encontrar o celular na casa dele. Estamos apenas aguardando um mandado de busca.

— Um mandado de busca? — perguntou Christina, ainda rabiscando em seu bloco.

— Aparentemente, James morou com Stella Roseamund pouco antes de sua morte e ela se recusou a nos deixar entrar sem evidências e um mandado de busca.

— Considerando que é a viúva, ela tem todo o direito de recusar — disse Clair.

Tanto Christina quanto o detetive Anderson a olharam como se tivesse acabado de confessar um crime.

— O quê? — disseram em uníssono.

— Então, vocês não sabiam? Eles se casaram recentemente. James nem teve a decência de contar ao próprio filho. — Clair fez uma pausa e de repente se deu conta do olhar penetrante de Christina.

— O que mais você sabe? — perguntou Anderson, em um tom frustrado.

Como se eu fosse contar a vocês dois. Provavelmente vão distorcer os fatos e me fazer parecer ainda mais culpada. — Não é minha função fazer o seu trabalho, detetive, mas sugiro que tenha uma boa e longa conversa com Stella. Tenho certeza de que ela sabe mais do que está dizendo sobre o paradeiro de James nos últimos meses e talvez possa lhe dar algumas respostas sobre Roland Trent. — Clair voltou a olhar para Christina. — Agora, você tem uma nova pessoa para atormentar. Se me derem licença, acho que já tive emoção suficiente por uma manhã. — continuou, colocando a bolsa no ombro.

Antes que pudessem detê-la, Clair saiu e estava indo para o carro, com os punhos cerrados. *Pelo menos essa pequena informação sobre Stella deve manter esses dois afastados por um tempo.*

Clair foi interrompida pelo som do celular na bolsa. Olhou para a tela e seu coração disparou. *Mason.* — Alô? — A voz tranquila dele a acalmou.

— Clair, é Mason. Não sei se você esqueceu que eu viria buscá-la às 9h. Estou aqui na sua casa.

Clair se engasgou e deu um tapa na testa. — Me desculpe. — Estava tão envolvida na discussão com Christina e depois com o detetive Anderson que perdeu completamente a noção do tempo. — Precisei lidar com uma situação, ou devo dizer alguém, e não podia esperar.

— Charlotte me contou. Como foi?

— Não muito bem. Mas pelo lado bom, descobri algumas informações interessantes com o detetive Anderson.

— Ah. — Mason fez uma pausa como se estivesse pensando no que dizer a seguir. — Charlotte mencionou que vocês precisavam ir trabalhar. Em vez de voltar para casa, o que acha de eu passar no Tea 4 Two, comprar café, alguns doces e encontrá-la na loja? Assim você pode me contar tudo o que aconteceu.

Clair sentiu o rosto enrubescer e o tom carinhoso dele aqueceu seu coração. Parecia um namorado preocupado. Interrompeu os pensamentos rebeldes. Mason estava ao seu lado para ajudá-la a provar sua inocência, não para encontrar uma namorada. Pelo menos quando ele chegasse, teria tido a chance

de trocar a blusa suada por uma das sobressalentes que mantinha no escritório.
— Está bem. Até daqui a pouco.

Capítulo Sete



O corpo de Mason vibrava em antecipação. Estava ansioso para ver Clair outra vez, só não tinha percebido o quanto até chegar na casa dela e não a encontrar. Seu coração disparou quando Charlotte o informou que ela estava perseguindo um demônio na forma de uma loira alta chamada Christina Jacobs. Após o incidente que tiveram no escritório de Trent no dia anterior, ele não queria que Clair corresse mais riscos.

— Pedido para Mason. — gritou uma voz rouca do outro lado do balcão. Sorriu para a mulher alta e corpulenta, pegou o pedido e voltou para o carro. Os novos proprietários do Tea 4 Two Café transformaram o que costumava ser um lugar medíocre em um excelente negócio. Não era um lugar movimentado quando ele morava em Ashton Point, embora raramente se aventurasse longe de seu computador. Como um adolescente idiota e com o rosto cheio de espinhas, não socializava muito com os habitantes locais. Estava mais interessado em desenvolver seus programas de computador e se mudar para longe do pai assim que tivesse idade suficiente.

A culpa rasgou seu coração. O pedido que a mãe lhe havia feito em seu leito de morte inundou seus pensamentos. *Prometa, querido... prometa que cuidará de seu pai. Vai ser difícil depois que eu partir, mas ele é um bom homem e o ama muito.*

Bom homem? O estômago de Mason se revirou e seu coração endureceu ainda mais. O amor que sentia pelo pai há muito tinha se desvanecido. Agora, Mason estava triste pelo tempo perdido. Tempo que o pai dedicou aos seus negócios ao invés da família.

Mason congelou quando estava prestes a sair para o estacionamento atrás do café. O tom sinistro das palavras de um homem o fez parar no meio do caminho.

— É melhor descobrir o que James fez com meu dinheiro ou talvez tenha o mesmo destino e acabe como ele. Morto.

Acabar como ele. Morto? O assassino de seu pai estava ao alcance das mãos? O coração de Mason acelerou. Imediatamente se escondeu atrás de uma prateleira de doces, fora da vista dos homens. Seus ouvidos estavam cem por cento atentos à conversa a poucos metros de distância.

O homem baixou a voz. — Sr. Edwardson, este não é o momento e nem o lugar para discutirmos negócios.

As vozes silenciaram e Mason prendeu a respiração por um momento, esperando que os homens não tivessem ido embora. Avistou Emmerson

Bancroft se afastando, indo em direção ao escritório de contabilidade do pai. Mason balançou a cabeça, imaginando como ela conseguia manter a aparência desde a escola primária. O mesmo cabelo loiro descolorido, os mesmos olhos castanhos. A única diferença era que agora era tão alta quanto ele. A atenção de Mason foi rapidamente desviada para as vozes masculinas, que agora pareciam mais baixas do que antes. Com cuidado para não ser notado, ele se inclinou o mais próximo que conseguiu, esforçando-se para ouvir.

— Escute aqui, Gorson, não vou desistir até conseguir algumas respostas.

— Você tem razão. James era meu sócio, mas nossa parceria era recente e estou na cidade há pouco tempo. Não trabalhamos nos mesmos projetos juntos. Ele não me contou sobre seu investimento, mas, pelo que sei, não tenho dinheiro para reembolsá-lo.

Sócio? Meu pai tinha um sócio? Mason arriscou um olhar na direção dos homens. Felizmente, nenhum deles o tinha visto. Não conseguia se lembrar de ter visto aqueles homens antes. O baixinho atarracado com o cabelo oleoso, penteado ao estilo anos 1960, que alegava ser o parceiro de negócios, arrastou os pés e um calafrio percorreu a espinha de Mason. Tinha um pressentimento sobre aquele homem e não era bom. Parecia tão sombrio quanto aparentava.

— Quero meu dinheiro de volta — exigiu Edwardson. — Não me interessa o que tenha que fazer para conseguir, mas você vai devolver o meu dinheiro, Sr. Gorson, ou não me responsabilizo por meus atos.

O Sr. Gorson suspirou e passou os dedos pelo cabelo oleoso. — Vou ver o que posso descobrir. Não prometo nada, mas vou investigar. Como disse, nossos projetos eram separados. James e eu não pensávamos da mesma forma quando se tratava de negócios. Não me surpreenderia se ele ficasse com o seu dinheiro. Estava pensando em dissolver a sociedade pouco antes de sua morte.

O Sr. Edwardson olhou para o estacionamento e se virou para sair. — Recupere meu dinheiro. Espero sua ligação nas próximas vinte e quatro horas. E sugiro que não me faça esperar muito. — Em seguida, saiu furioso, deixando Gorson parado sozinho.

Mason começou a sentir o peito queimar e não tinha percebido que estava prendendo a respiração. Respirou fundo, esperou até que pudesse sair em segurança e foi direto para o carro. *Isso está ficando cada vez melhor. Primeiro Stella, depois Roland, agora Gorson... Quem será o próximo, pai?*

Estacionou em frente à CC's Simply Cupcakes. A placa fosca em tons de rosa, marrom-chocolate e branco acima da porta e as molduras das janelas em rosa-claro combinavam com a vibração dos anos 1950. O lugar era uma colmeia em atividade. As pessoas faziam fila para comprar cupcakes. Olhou para o saco que estava segurando e sentiu o estômago roncar alto. — Por que comprei isso, quando poderia alimentar meu desejo por doces aqui?

O interior da loja combinava com o exterior. Paredes com listras rosa e marrom-chocolate. Quadros de menu escritos a giz, com moldura dourada e lindas fotos de cupcakes estrategicamente posicionadas. Balcões de vidro abrigavam os cupcakes mais incríveis e criativos que ele já tinha visto. *Quem*

diria que cupcakes eram tão populares? Nunca imaginei.

Prendeu a respiração quando Clair apareceu do outro lado do balcão, conversando e rindo com Suzi. Ficou parado observando seus olhos verde-esmeralda brilharem enquanto falava. Era uma bela visão. Uma beleza doce e deliciosa, e fora de seu alcance. Afinal, que mulher se interessaria por um nerd obcecado por computadores vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana?

Ignorando a pontada de esperança, Mason abriu caminho entre os clientes até Clair. Pigarreou e ela se virou, lhe presenteando com um sorriso que rivalizaria com qualquer nascer do sol.

— Espero não estar interrompendo — disse, enquanto colocava o pacote e os dois cafés no balcão.

Clair encerrou a conversa no mesmo instante. — Claro que não.

O aroma de frangipani e chocolate fez cócegas em seu nariz. Não tinha certeza se era a loja ou Clair, mas de qualquer forma o cheiro era divino e bom o suficiente para abrir o apetite.

— Uau, está movimentado hoje. É assim o tempo todo? — perguntou Mason, olhando ao redor.

— Quase sempre. Às vezes, a correria antes do almoço me deixa exausta — disse Clair, pegando um café. — Mas fomos abençoadas. Charlotte e eu trabalhamos duro nos primeiros anos para construir o negócio. Bem, Charlotte, principalmente. Agora temos uma ótima equipe e um chef confeiteiro em meio período na loja, o que a deixa livre para trabalhar nos designs e eventos especiais, e eu para administrar a CC's Cupcake Haven.

— Como o jantar de gala do Dia do Fundador, no sábado à noite.

— Como sabe disso?

— Além de ser o principal assunto dos fofoqueiros da cidade, lembro dos poucos que participei quando era mais jovem. Por acaso, também vi o cartaz na cafeteria, hoje cedo.

— Ah, é claro. Suponho que vá dizer que é o evento mais popular nesta época do ano. Todas as pessoas importantes vão estar presentes e isso dá a oportunidade para nós, pessoas normais, usarmos um traje formal por uma noite.

Uma pontada de ciúme ricocheteou por seu corpo. Sabia, a julgar pelos comentários do buquê de casamento de Lincoln, que Clair não estava saindo com ninguém, mas devia ter um par para um evento como o jantar de gala. Afastou os pensamentos, sabendo que se não conseguissem provar sua inocência, Clair não iria a nenhum evento pelos próximos vinte anos. A ideia transformou seu sangue em gelo. — Existe algum lugar onde possamos conversar?

Clair empalideceu. — Sim, por aqui.

Liam a seguiu pela cozinha e entraram em uma sala que parecia um escritório. Ela se virou e apontou para uma chaise longue dourada com estofado cor de vinho no canto. — Vamos nos sentar?

— Claro. — Liam assentiu, sentindo as costas enrijecerem.

— Quer falar primeiro ou posso começar?

— Primeiro as damas — respondeu Mason, ignorando a frequência cardíaca acelerada.

— Está bem. — Clair passou a perna por baixo do corpo e se acomodou em uma posição mais confortável. — Acontece que Christina estava na delegacia, então eu a confrontei sobre a matéria no jornal e as coisas esquentaram um pouco.

— Pode ser mais específica?

— Ah, nada que eu não pudesse lidar, mas o suficiente para alertar o detetive Anderson. Pensei: que melhor maneira de fazer Christina dizer a verdade do que ouvir os últimos detalhes em primeira mão? Acontece que a mensagem que ouvimos no escritório de Trent foi gravada um dia antes dele ser assassinado, então isso me livra das acusações, mas também deixa a pergunta em aberto. Se não era comigo que ele ia se encontrar, então quem era essa pessoa?

— Meu palpite é Stella — disse Mason, confiante. — Sabemos que se conheciam. Algo mais?

Clair assentiu. — Não sabiam sobre o casamento, então tenho certeza de que Christina terá muito o que fazer com essa informação. Os dois homens foram mortos de maneira semelhante, com um objeto redondo. Na noite em que encontrei o corpo, notei que faltava um objeto na mesa perto da entrada que se encaixa na descrição da arma do crime e isso significa que provavelmente se trata do mesmo assassino. Acontece que revistaram os escritórios e computadores do seu pai e não encontraram nada, mas estão interessados no celular dele. Não conseguiram localizá-lo. Se encontrarmos o telefone, podemos ter a prova que falta para a minha inocência. — Clair enrubesceu e Mason observou seu pescoço esguio enquanto ela bebia água de uma garrafa. — Agora é a sua vez.

— Quando estava saindo do Tea 4 Two Café, ouvi uma conversa muito interessante entre dois moradores da cidade.

— É mesmo? — Clair estava ansiosa, trocando as pernas de posição para se acomodar melhor.

Incapaz de manter a informação em segredo, Mason começou a falar, mal respirando entre as frases. — A ameaça de Edwardson pareceu bem séria.

— Encontrei Norman Gorson algumas vezes e não conheço muito bem o Sr. Edwardson e a esposa. Compraram a Fazenda Stewart no ano passado, quando se mudaram para a cidade. — Ela fez uma pausa. — Pensando bem, ele fez grandes aquisições para a fazenda e, semana passada, ouvi Mavis Stevenson falando sobre novos planos de construção. Algum tipo de extensão habitacional na fazenda.

Mason não conseguia se livrar da tensão na base do pescoço. — O que não entendo é porque matá-lo, se queria o dinheiro de volta. Não se pode reaver dinheiro de um homem morto. Como você disse, temos mais perguntas do que

respostas.

Os dois ficaram em silêncio, refletindo. Clair aborrecida era tão fofa que o fazia sorrir.

— Pensei uma coisa. — Clair pulou do sofá e seus olhos brilharam como se uma lâmpada tivesse acabado de acender em sua cabeça. — É só uma ideia, mas vamos supor que Stella seja inocente e a mensagem do telefone não tenha nada a ver com a morte dele. E se Edwardson não tivesse a intenção de matá-lo?

— Como assim? Tipo um acidente? — perguntou Mason, confuso.

— Não um acidente, mas uma retaliação impulsiva que resultou em assassinato. Um assassinato que Edwardson encobriu e me usou como bode expiatório. E se ele tivesse ido encontrá-lo para recuperar o dinheiro e, em um momento de fúria, o atacou e o golpeou com mais força do que pretendia?

Satisfeita com suas deduções, Clair deu um sorriso que desarmou Mason.

Por que ela tem que ser tão linda?

— Se o que está supondo é verdade, por que matá-lo na Sweets Mansion? Existem outras formas de se livrar de um corpo.

Clair se juntou a ele no sofá outra vez, borbulhando de excitação. — Pense nisso, com nossa reunião marcada para as 19h, eu dei a Edwardson a solução perfeita. Existem várias maneiras pelas quais ele poderia ter descoberto sobre nosso encontro. Não era segredo. Estava tão empolgada em fechar o negócio que contei para todo mundo no último mês. James estava sempre correndo contra o tempo, e provavelmente convenceu Roland a encontrá-lo na casa por conveniência. Discutiram e talvez com raiva... — Clair bateu com o punho na palma da mão — ...o golpeou com o objeto que estava em cima da mesa.

Suas palavras faziam algum sentido, mas poderia ser assim tão fácil?

— Finalmente, uma pista sólida — vibrou Clair, jogando os braços em volta do pescoço dele.

Mason sentiu o coração acelerar e caiu para trás na chaise longue, com os braços ao redor dela. Por um momento permaneceram imóveis, se olhando. Sentia o calor que irradiava de seu corpo e o aroma de frangipani de seu perfume. Clair corou e mordeu o lábio inferior, fazendo Mason reprimir um gemido profundo. Seus lábios estavam muito próximos. *Ousaria beijá-la? O que está esperando cara? Faça isso.* De repente, ele se sentiu como um colegial, tímido demais para dar o primeiro passo.

Tarde demais.

— Desculpe. Acho que me empolguei. — Clair se afastou e começou a se recompor.

Mason pigarreou e empurrou os óculos no nariz com o indicador direito. Seu corpo lamentou instantaneamente a perda do contato. — Não precisa se desculpar. — Ele deu um sorriso forçado. — Estou feliz por termos uma pista a seguir, mas ainda precisamos descobrir a conexão entre Stella e Roland Trent para descartá-la. Talvez devêssemos nos concentrar em provar sua inocência antes de comemorar.

Clair passou as mãos pela calça jeans, evitando encará-lo. — Claro. — Levantou-se como se tivesse sentada em brasas, pegou a bolsa e se dirigiu para a porta. — Nada melhor do que agirmos logo. Quanto mais cedo falarmos com o Sr. Edwardson, mais cedo conseguirei me livrar das acusações e você poderá retomar sua vida na Gold Coast.

Mason sentiu o coração apertar. Nos últimos anos, ficou claro que não tinha espaço para uma mulher em sua vida, mas a ideia de voltar para casa e não ver Clair todos os dias o apavorava. Ela era uma lufada de ar fresco, penetrando lentamente em cada poro de seu corpo nerd. O fato dela não se sentir atraída por ele não o impediria de vê-la ser inocentada.

— Não acha que deveríamos ligar para o detetive Anderson e contar sobre Edwardson?

Clair se virou e seu olhar penetrante o deteve. — Esta pista é nossa. Se estiver certa, ficarei feliz em servi-la em uma bandeja para nosso querido detetive.

— Ao menos sabe onde ele mora?

— Se me lembro bem, Charlotte fez uma entrega para a esposa dele há um mês ou dois, então o endereço deve estar no arquivo.

Era óbvio que não havia como fazê-la mudar de ideia, então ele nem tentou. — Devo dirigir desta vez? Estou de carro.

— Por que não? Mas preciso resolver algumas coisas antes de sair. Vou demorar dez minutos, no máximo. Importa-se de esperar?

— De jeito nenhum, espero-a perto da saída. *O lugar perfeito para observá-la enquanto trabalha.*

Capítulo Oito



Clair ergueu a cabeça por trás do balcão e olhou para a saída. Mason estava encostado na parede do lado de dentro da loja, parecendo pecaminoso. *Como pude entender errado?* Uma nova onda de constrangimento a fez enrubescer. Fingiu verificar o livro de pedidos, depois contou os pacotes de açúcar de confeiteiro sob o balcão. Qualquer coisa para ter um momento para se recuperar.

Não tinha ideia do que a tinha possuído para ter se jogado nos braços de Mason. A única maneira dele ter sido mais claro sobre suas intenções seria se tivesse ‘não disponível’ pintado na testa para todos verem. As batidas constantes de seu coração eram suficientes para deixá-la louca.

Não era a primeira vez que não despertava o interesse de um homem e não seria a última. *Ele não está interessado e posso lidar com isso.* Já havia adiado aquilo por tempo suficiente. Anotou o endereço de Edwardson e guardou no bolso. Seus olhos encontraram Suzi quando ela entrou novamente na área principal da loja. — Suzi, estou saindo. Charlotte chegará mais tarde para começar a preparar os cupcakes do jantar de gala de sábado.

Os olhos dourados de Suzi se iluminaram como topázios amarelos brilhando à luz do sol. — Ah, mal posso esperar até sábado à noite. Vai ser o melhor jantar do Dia do Fundador.

— Sério? Por que diz isso?

— Porque, pela primeira vez, não irei sozinha. Daniel vai comigo.

— Daniel? Do *The Chronicle*? — Clair parecia intrigada. O brilho tímido nos olhos de Suzi respondeu à sua pergunta. — Não sabia que eram um casal.

Suzi corou. — Não somos. Pelo menos ainda não, mas estou trabalhando nisso.

— Que bom. — A felicidade de Suzi era como levar um chute no coração com uma bota de chumbo. Arriscou outro olhar na direção de Mason. *Não é como se eu tivesse um acompanhante para o jantar. De qualquer modo, não terei tempo para diversão, pois estarei focada na exposição de cupcakes, ou na cadeia.*

— Estou indo. Tenha um bom dia e se você ou Pierre precisarem usar algum dos suprimentos reservados para o fim de semana, anote no livro de pedidos para que eu possa repor o estoque antes de sexta-feira.

— Pode deixar. Tchau — disse Suzi, enquanto voltava para atender o próximo cliente.

— Tchau. — Clair se dirigiu para a saída. Estreitou os olhos e a

determinação a encheu de energia. *Não vou ser incriminada por esses assassinatos e distrações masculinas não vão me atrapalhar.*

— Pronta para irmos? — perguntou Mason, quando ela se aproximou.

— Pode apostar. — respondeu Clair, enquanto passava por ele em direção ao carro, boquiaberta.

Mason apressou o passo e estava ao lado dela em um instante. — Muito bem, vamos agir.

— Quer bancar o bom policial ou o policial mau? — perguntou, enquanto Mason dirigia para o sul em direção à fazenda Stewart.

— O quê? — perguntou Mason, com um tom questionador.

Clair revirou os olhos e suspirou. — Um de nós tem que bancar o vilão. Quero definir o plano de jogo antes de chegarmos à fazenda.

— Acho que nenhum de nós deveria bancar o policial mau. Ele provavelmente não dirá nada se aparecermos exigindo informações. Precisamos ter cuidado. Se ele for o assassino e perceber que descobrimos, pode decidir fazer algo a respeito. — Mason agarrou o volante com mais força ao virar na estrada de terra.

— Está bem, entendo o seu ponto de vista. — Clair suspirou e uma lufada de ar escapou de seus lábios. Mason parecia preocupado. *Qual o sentido de tudo isso?* Imaginou. A tensão aumentou quando viraram na entrada da propriedade de Edwardson.

— Acho que a melhor abordagem é sermos honestos, sem fazer acusações. Estamos aqui para tentar provar sua inocência, não para acusá-lo de assassinato.

— Tem razão. — Clair cedeu diante da estratégia.

Mason desligou o motor e olhou Clair direto nos olhos. — A última coisa que queremos é virar estatística. Há muitos lugares em uma fazenda para se esconder um corpo, então vamos ter cuidado.

Sem distrações, sem distrações, sem distrações, Clair mentalizava enquanto sentia um aperto no peito, perdida na profundidade daqueles olhos azuis. *Foco.*

— Tive uma ideia. Por que não me deixa conduzir a conversa? Direi ao Sr. Edwardson que estou investigando os clientes do meu pai com a perspectiva de assumir o negócio. Dessa forma, se ele realmente estiver procurando pelo dinheiro, terá prazer em compartilhar informações na esperança de que eu possa ajudá-lo. Se for o nosso assassino... Acho que logo saberemos.

Lindo e inteligente. Certamente fará alguma mulher muito feliz algum dia. Clair foi invadida por uma onda de ciúme. — Boa ideia — concordou, forçando um sorriso.

O entusiasmo de Clair diminuiu quando as batidas persistentes na porta de Edwardson ficaram sem resposta. Estava quase desistindo quando ouviu um barulho vindo do lado da casa.

— O que foi isso? — perguntou Mason, o olhar disparando em direção à fonte do ruído.

— Não sei, mas parece estar vindo do quintal. — Clair deu de ombros e seguiu Mason em direção às batidas contínuas. O barulho martelava dentro de sua cabeça como o estalo estrondoso de alguém acertando uma bola de sinuca em uma caçapa, porém vinte vezes mais alto. Avistou um homem alto, musculoso, sem camisa, com ombros do tamanho de um boxeador. Ele segurou um machado no ar enquanto o descia de uma só vez, partindo uma tora de madeira ao meio. Clair não percebeu que Mason havia parado até que ele a segurou antes que ela caísse de costas.

— Você está bem?

Sua pele queimava sob o toque e ela congelou por um momento, hipnotizada pelo olhar de Mason. Abriu a boca, mas as palavras não saíram.

Minha nossa, lá vem ele outra vez, me distraíndo quando eu deveria estar focada em provar minha inocência. E agora também tenho que lidar com um homem seminu, fazendo sua melhor representação de um modelo masculino em um concurso de lenhador? Sem distrações masculinas. — Sim, claro que estou bem. Perdi o equilíbrio no terreno irregular, só isso.

Mentirosa.

— Ah. — Mason fez uma pausa e sorriu enquanto ela alisava a blusa, tirando os vincos imaginários. — Pensei que poderia ter algo a ver com o homem suado e seminu perto do celeiro.

Clair arregalou os olhos e foi traída pelo rubor que surgiu em seu rosto. Se ao menos o chão se abrisse e a engolissem inteira... — Não seja ridículo. Já vi homens cortando lenha.

— Homens seminus?

— Vamos questionar o Sr. Edwardson, ou ficar aqui discutindo sobre as roupas do homem ou a falta delas? — perguntou, aborrecida enquanto cruzava os braços.

— Está bem, está bem. — Mason ergueu as mãos.

Clair passou por ele e se dirigiu para o celeiro. Ao se aproximar da pilha de lenha, perguntou-se como seria o corpo de Mason seminu cortando lenha. Seus ombros largos e bronzeados brilhando sob o sol escaldante da Austrália, o suor escorrendo por seu abdômen definido. *Pelo amor de Deus, terá tempo de sobra na prisão para esses pensamentos se não se concentrar.* Apagou todas as imagens masculinas de sua mente, respirou fundo e olhou para o homem à sua frente. O possível assassino.

Sentiu um calor subir pelas costas e sabia que Mason estava próximo. A presença dele a tranquilizou. Talvez fosse o Super-homem disfarçado. Um pouco de magia extraterrestre seria muito bem-vinda nesse momento.

O Sr. Edwardson se virou e a encarou com os olhos escuros, fazendo Clair se sentir desconfortável em sua presença.

— O que estão fazendo aqui?

Clair engoliu em seco. — Sr. Edwardson, sou Clair McCorrson. Não tenho certeza se fomos devidamente apresentados, mas gostaria de falar com o senhor sobre James Hapworth.

Um sorriso malicioso se espalhou em seu rosto. — Você é a McCorrson a quem devo agradecer por ter matado aquele homem mentiroso e sem caráter?

— Não matei James Hapworth. — Clair sentiu o estômago revirar. *Por que todo mundo acha que eu seria capaz de fazer uma coisa tão horrível com outro ser humano?* — Mas alguém está tentando me incriminar.

De repente o homem enrijeceu as costas e a fuzilou com o olhar. — Isso não é problema meu.

Aquelas palavras a enfureceram. — Acho que o senhor tem informações que podem ajudar a provar minha inocência.

Um arrepio percorreu sua espinha enquanto o homem se movia lentamente em direção a eles. Sentiu o corpo tenso e em segundos Mason estava à sua frente, protegendo-a de um homem que poderia quebrá-la em duas sem tirar um fio de cabelo do lugar. Respirou fundo e fez um esforço consciente para afastar seus medos.

Mason pigarreou. — Sr. Edwardson — cumprimentou, estendendo a mão. — Meu nome é Mason Hapworth. James Hapworth era meu pai. — Edwardson parou, intrigado. — Esperávamos que o senhor tivesse alguma informação que pudesse ajudar a entender o que aconteceu a tempo de impedir que uma mulher inocente fosse presa por um crime que não cometeu.

— Kent Edwardson. — Ele se apresentou e finalmente apertou a mão de Mason.

Mesmo sem perceber, Clair baixou o olhar para as linhas definidas de seu tórax.

Mason estreitou os lábios. — Se não for muito incômodo, poderia vestir uma camisa? Homens seminus não fazem muito o meu gênero.

— Me desculpe, cara. É difícil não suar, ainda mais com o sol tão quente a esta hora do dia — disse Edwardson enquanto se vestia. — Sinto muito por sua perda, mas, no que me diz respeito, James Hapworth era um canalha.

Clair contornou Mason, ansiosa. — É mesmo? Por que diz isso, Kent? Posso lhe chamar de Kent, não é? — perguntou, pestanejando.

— Claro.

Clair olhou para Mason, que arregalou os olhos azuis. Sentiu-se frustrada. *E se tivesse que flertar para obter respostas? Seria capaz de tudo para ficar fora da prisão. Quase tudo.*

— Além de ajudar Clair a provar sua inocência, estou investigando os negócios e nem tudo é o que parece ser. Qual era a natureza de sua relação com meu pai?

A expressão de Kent endureceu. — Fizemos uma transação comercial, mas descobri que ele é um ladrão, ou devo dizer que *era* um ladrão. Me roubou cento e cinquenta mil dólares. Fez um grande discurso sobre um investimento em alguns apartamentos à beira-mar que trariam milhões para os investidores e eu me interessei.

— Apartamentos? — Clair parecia desconfiada.

Kent bufou. — Aparentemente, era um negócio reservado e James me

convenceu dizendo algo sobre ser divulgado apenas para algumas poucas pessoas selecionadas.

— Então, por que mudou de opinião de repente? — perguntou Mason.

— O pai da minha esposa está doente. Câncer. Precisamos do dinheiro para o tratamento. O problema é que minha esposa não sabe que dei o dinheiro a James. — Kent pegou as toras de madeira cortada e começou a empilhá-las perto da cerca. — Sei que foi uma coisa estúpida de se fazer.

— Então, não está expandindo a fazenda? — perguntou Clair, desapontada por sua informação estar incorreta.

A risada calorosa de Kent invadiu o ambiente. — De jeito nenhum. De onde tirou uma ideia maluca como essa?

Clair ficou constrangida. *Isso vai me ensinar a não acreditar em tudo que ouço.*

— Então você pediu seu dinheiro de volta ao meu pai?

Kent jogou outro tronco na pilha. — Óbvio que pedi. Semana passada. Ele teve a ousadia de inventar uma história sobre o negócio não ter dado certo e os empreendedores não terem devolvido o valor investido. Disse que não podia fazer nada. Na verdade, foi ele que embolsou o dinheiro.

Clair pressionou por respostas. — Então, você decidiu fazer justiça com as próprias mãos e, quando não obteve as respostas que queria, teve um ataque de raiva, retaliou e James acabou morto.

— O quê? — Kent explodiu em gargalhadas e deixou cair o tronco de madeira que segurava. — Essa é a coisa mais absurda que já ouvi. Não o matei. Gostaria de ter matado, acredite em mim, mas não o matei.

Clair sentiu a adrenalina percorreu seu corpo. — Talvez não tivesse intenção de matá-lo.

— Está enganada. Por que o mataria? Não posso receber meu dinheiro de volta se ele estiver morto. Além disso, eu nem estava na cidade. Fui ver minha esposa em Blue Mountains. Ela está com os pais enquanto o pai faz o tratamento. Nós o acompanhamos na primeira fase do tratamento e várias pessoas podem confirmar minha presença, incluindo a equipe do Hospital Nepean. Cheguei em casa ontem à noite.

Clair sentiu o corpo murchar como se tivesse sido atingida por uma das toras de madeira de Kent. *E agora?* Olhou para Mason, que parecia tão desapontado quanto ela.

— Conhece um homem chamado Roland Trent?

— Não. É o outro homem que encontraram morto?

— Sim. — Mason assentiu.

— Se quiser apontar o dedo para alguém — disse Kent, enquanto continuava a empilhar lenha. — Eu ficaria de olho no sócio dele, Norman Gorson. Ele afirma não saber nada sobre o negócio. Quando conversei com ele para saber o que havia acontecido com meu dinheiro, ele disse que não fazia ideia do que eu estava falando. É impossível sócios não falarem sobre os negócios.

— Não sabia que meu pai tinha um sócio.

Ou uma esposa, pensou Clair.

Kent bufou. — Você é a maior parte da cidade. Se eu tivesse que adivinhar quem tinha mais a perder, seria Norman. Talvez ele o tenha matado.

A mente de Clair acelerou enquanto as peças da informação se encaixavam. Talvez a mulher que ele estava indo se encontrar tivesse algo a ver com este negócio imobiliário. James enganou as pessoas para que investissem em um falso esquema imobiliário e depois lhes roubou o dinheiro. Norman descobriu que James estava desviando dinheiro, decidiu confrontá-lo e o matou.

— Obrigado pelo seu tempo, Kent — disse Clair, estendendo a mão para cumprimentá-lo. — Vamos deixá-lo voltar ao trabalho.

Edwardson retribuiu o gesto, estendendo a mão calejada. — Imagina. Boa sorte. Espero que encontrem o culpado antes que seja tarde demais. — Em seguida se virou para Mason e apertou sua mão. — Odiaria que a prisão separasse os dois pombinhos.

Clair congelou e sentiu o sangue sumir do rosto. *Pombinhos?* Estava prestes a corrigi-lo quando o timbre profundo da voz de Mason atingiu seus ouvidos.

— Não somos um casal — corrigiu Mason, enquanto se afastava de Clair. — Apenas não admito que uma mulher inocente seja presa por um crime que não cometeu.

As palavras esmagaram o coração de Clair, assim como a distância repentina que Mason colocou entre eles. *Não há necessidade de parecer tão feliz com isso*. Suas ações e palavras confirmavam o que ela já suspeitava na loja. Ele não estava interessado.

Clair não aguentou mais um segundo daquela conversa. — Obrigada mais uma vez, Kent. — Deu meia-volta e caminhou em direção ao carro, ignorando o chamado de seu nome que se misturava com o farfalhar das árvores ao redor.

Capítulo Nove



— O que está acontecendo com você? — perguntou Charlotte, enquanto pesava a farinha para a terceira fornada de cupcakes. Ambas concordaram em ir para a loja mais cedo para começar os preparativos para o jantar de gala do dia seguinte. — Está insuportável e mal-humorada desde que Mason a deixou em casa.

Por que Charlotte teve que mencionar o nome dele? Clair sentiu um frio no estômago ao se lembrar da atitude adolescente. Tinha se comportado como uma colegial apaixonada pelo astro nerd do clube de xadrez. Mason deixou claro que não estava interessado, caso contrário, por que não a beijou quando ela o abraçou por impulso?

— E então? — insistiu Charlotte.

Clair bufou e a encarou. — Então, o quê? — Charlotte sabia que sua vida amorosa era uma piada, e não havia necessidade de colocar mais lenha na fogueira.

— Não me ignore como se eu não estivesse aqui. Sabe que vou continuar insistindo até saber a verdade — disse Charlotte, acrescentando um ingrediente de cada vez à tigela.

— Está bem, se quer mesmo saber, ainda não descobri a ligação entre Stella e Roland Trent e não consegui falar com Norman Gorson, o sócio de James Hapworth. Estou ficando frustrada. — Clair foi até a porta e espiou dentro da loja. Suzi parecia ter tudo sob controle. *Ótimo*. — Tentei ligar várias vezes e cai direto na caixa postal. Até fui ao escritório dele, mas estava fechado.

Charlotte parou de misturar os ingredientes e estreitou os olhos. — Você já me contou isso. Tem mais alguma coisa a incomodando. Algo a ver com um belo programador de computador de Surfers Paradise que não dá notícias desde que a deixou em casa?

Clair congelou e falhou miseravelmente ao tentar conter o rubor que subia do pescoço até seu rosto.

— Ah, eu sabia. Tem algo a ver com Mason. — Charlotte empurrou a tigela para o lado, agarrou a mão de Clair e a arrastou para o sofá do escritório. — Conte-me o que aconteceu.

— Charlotte, por favor, temos muito trabalho a fazer.

— Nada que não possa esperar. Estamos adiantadas — disse Charlotte, enquanto acariciava o ombro da irmã.

Clair sentiu a pulsação acelerar e ficou tensa ao lembrar do perfume de

Mason. Estava sentada no mesmo lugar onde ele havia estado há alguns dias.

— Desembucha. Sabe que sou uma ótima ouvinte.

Clair sabia que a irmã era a rainha da persistência. — Não é nada. Por acidente, e talvez um pouco inconscientemente, me joguei em cima de Mason. Na verdade, foi bem aqui, e ele se afastou o mais rápido possível.

Charlotte se afastou, erguendo as sobrancelhas. — O quê?

— Não foi nada demais. — O coração de Clair disparou.

— Espere, espere, espere um minuto. — O rubor no rosto de Charlotte a teria feito rir se não fosse por causa do estado sombrio de sua vida amorosa. — Estou um pouco confusa. Acho melhor explicar desde o início.

Clair olhou para os olhos azul-safira de Charlotte. Demonstravam preocupação, e a destruiu saber que a irmã se preocupava tanto. Clair deu um sorriso reconfortante. — Estou bem, sério. Mason esteve aqui no escritório outro dia para me contar sobre a conversa que ouviu entre Gorson e Kent Edwardson. E posso ter ficado um pouco animada. Estávamos sentados no sofá quando ele me contou o que ouviu e entre as boas notícias, o perfume inebriante e o fato de ele estar sentado tão próximo, eu meio que o abracei e de alguma forma acabei caindo em cima dele.

Charlotte ficou boquiaberta.

Clair ficou constrangida e agarrou as mãos de Charlotte. — Foi o momento perfeito para me beijar, e eu queria beijá-lo. Seus lábios estavam a centímetros dos meus, tudo que eu tinha que fazer era me inclinar, mas ele parecia mais assustado do que qualquer outra coisa e eu sabia que tinha cometido um grande erro.

Charlotte ficou imóvel, encarando Clair.

— Diga alguma coisa. Qualquer coisa, por favor — Clair implorou.

— Não acredito que minha própria irmã esperou tanto tempo para confiar em mim — disse Charlotte, as palavras misturadas com mágoa. — Por que não me contou?

Clair baixou a cabeça. — O que você acha? Estava envergonhada. Gosto dele. Gosto muito e pensei que ele podia sentir o mesmo, nem que fosse só um pouco. Ele tem sido incrível e me ajudou muito na semana passada. De qualquer forma, beijar Mason é a última coisa em que eu deveria estar pensando quando minha liberdade está em jogo.

— Querida, só porque ele não a beijou não significa que não goste de você.

Clair se levantou, os nervos à flor da pele. — Não quero mais falar sobre esse assunto.

— Já pensou que ele pode estar tão nervoso quanto você? Pode estar esperando que *você* dê o primeiro passo.

Dar o primeiro passo? Eu? Clair arregalou os olhos e se deixou cair de volta no sofá, o coração murchando como uma bola de praia furada. — Acha mesmo?

— Acho. Não conversamos muito, mas pelo que pude perceber ele parece ser tímido e reservado. Um programador de computador que passou mais

tempo em frente a uma tela do que com qualquer mulher real. Lembra como ele parece o Clark Kent? — Charlotte sorriu.

Clair assentiu.

— Talvez ele esteja se escondendo atrás do disfarce, mas e se o verdadeiro homem nunca se aventurou fora de sua zona de conforto? — perguntou Charlotte, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Acho que ele sente alguma coisa e você não deve desistir.

— Está falando sério?

— Muito sério. Acho que você deveria dar o primeiro passo e convidá-lo para o jantar de gala amanhã à noite. Que mal pode haver nisso? Tenho certeza de que você não gostaria de ir sozinha.

Definitivamente, não. A lembrança de estar nos braços de Mason lhe causou arrepios. No passado, teve relacionamentos em que o homem sempre tomava a iniciativa. Talvez fosse a hora de virar o jogo. — Acho que você tem razão. Vou pensar sobre isso. No momento, acho que a melhor coisa a fazer é voltar para ver se consigo encontrar Norman Gorson. Se for preciso, vou acampar do lado de fora do escritório até ele voltar.

— Acha sensato ir sozinha? — perguntou Charlotte, preocupada. — Talvez fosse melhor ligar para Mason. Ele poderia ir junto, só por precaução.

A ideia de ver Mason outra vez a fez se contorcer por dentro. Meia empolgada e meio apavorada. — Tem razão. Talvez eu ligue para ele no caminho. Tem certeza de que ficará bem aqui sem mim? — perguntou, enquanto abraçava a irmã.

— Claro, agora vá! — respondeu Charlotte arrastando Clair para fora da sala enquanto se levantava.

— Obrigada por me ouvir. Alguém já disse que você é a melhor irmã do mundo?

Charlotte balançou os cachos ruivos de um lado para o outro e sorriu. — É claro que sou a melhor irmã do mundo, mas não deixe Cassidy ouvi-la. — As duas riram e saíram do escritório de braços dados.

— Quando nossa irmã vai voltar para casa?

— Semana passada ela disse que pretendia ficar por mais alguns dias. Então, pelos meus cálculos, acho que deve chegar na semana que vem. — Clair sentia muita falta de sua outra irmã. Deu outro abraço em Charlotte, pegou a bolsa e se dirigiu para a porta. — É melhor eu me apressar, se quiser receber Cassidy usando minhas roupas em vez do uniforme verde da prisão.



A ligação foi direto para a caixa postal. — Pelo menos eu liguei. Não tenho culpa se ele não atendeu — Clair murmurou para si mesma enquanto estacionava em frente ao escritório de Norman Gorson. Sentiu uma pontada de satisfação quando viu a porta ligeiramente aberta. *Obrigada, Senhor.* Quando se aproximou, seu coração estava acelerado. — Olá — disse, enquanto abria a porta devagar. — Sr. Gorson, meu nome é Clair McCorrson.

Observou o escritório vazio, e notou na parede acima do balcão da

recepção um enorme retrato de um homem que parecia estar preso na década de 1970. O nome Gorson estava gravado em negrito na parte inferior.

Silêncio.

— Que ótimo, ele não está aqui. Então, por que a porta está entreaberta? — Não adiantava ficar em um escritório vazio. Ao se virar para sair, seu coração disparou com o súbito murmúrio vindo de um escritório dos fundos.

— Sr. Gorson? — chamou novamente, olhando na direção do som. Sentiu um frio na espinha quando a voz ficou mais alta. *Finalmente, posso obter algumas respostas.*

Recusando-se a perder a oportunidade, Clair deu um passo à frente, com a mão pronta para abrir a porta, a respiração presa na garganta.

— Não se atreva a desligar na minha cara, ou juro que sua vida não valerá a pena ser vivida. Você me prometeu que ninguém seria capaz de associar meu nome ao negócio.

Minha nossa. É a voz de Norman Gorson? O que ele quer dizer com 'sua vida não valerá a pena ser vivida'?

— Tínhamos um acordo. Você me ajuda com os esquemas e eu faço de você um homem muito rico. Estou muito perto de sair desta cidade caipira, e nem você, nem a morte de James vão me impedir. E não me chame de Normy.

Clair levou a mão à boca para abafar um suspiro. *Que esquemas? Os assassinatos?*

Aquilo era ouro puro. Não podia acreditar em sua sorte, mas tudo seria em vão se fosse pega espionando. Uma enorme palmeira artificial em um vaso ao lado da porta chamou sua atenção. *Perfeito.* Grande o suficiente para se esconder, enquanto ainda lhe dava uma visão clara do escritório através da janela de vidro.

— Disse que não me importo como fará isso. Apenas faça. — Ele fez uma pausa, e ficou ouvindo. Claramente frustrado, o Sr. Gorson andava de um lado para o outro no escritório, a aparência estava um pouco pior do que o quadro acima do balcão da recepção. O suor escorria de sua testa e o estômago de Clair se revirou ao olhar as enormes manchas de suor sob as axilas. *Que nojo.*

— Fazer o quê? — sussurrou.

O homem gesticulava em todas as direções, acenando para a esquerda e para a direita. Seu rosto ficou com o tom mais brilhante de vermelho que ela já tinha visto, como uma beterraba, e parecia que ele estava prestes a romper um vaso sanguíneo.

— Pare de dizer isso. Não pode ser. O dinheiro deve estar lá. Você disse que estava tudo certo e que não haveria contratempos.

Clair sentiu um calafrio. *Dinheiro, que dinheiro? Estavam falando sobre o dinheiro do Sr. Edwardson? Por que o Sr. Gorson estaria com o dinheiro, se tivessem entregado a James?*

A informação revirou dentro de sua mente como um redemoinho fora de controle, finalmente chegando à única conclusão possível. Gorson roubou o dinheiro.

O Sr. Gorson desviou a verba da empresa, incluindo o dinheiro de James, por isso, quando ele encontrou o Sr. Edwardson esta manhã, ele disse que não sabia do dinheiro porque não *havia* dinheiro. A questão era: James sabia? E se soubesse, teria sido morto por isso?

Clair ficou atordoada por suas deduções inteligentes.

— É melhor encontrá-lo, caso contrário... A essa altura, na semana que vem, devo estar tomando sol em uma praia do outro lado do mundo. Se não conseguir encontrar o dinheiro, considere-se com sérios problemas. Estamos entendidos? — Gorson desligou o telefone e se deixou cair na cadeira.

Clair balançou de um lado para o outro. O canto abafado em que se escondeu, de repente, pareceu sufocá-la. Combinado com a sobrecarga de informações, o cheiro almiscarado e o calor do escritório, era como estar enrolada em um cobertor de lã em um dia quente de verão.

Queria invadir o escritório e exigir respostas, mas não conseguia se mover. Se Gorson matou James, o que o impediria de matá-la agora? Não haveria testemunhas. Charlotte era a única que sabia onde ela estava, e de que adiantaria? Tudo o que ele precisava fazer era esconder o corpo e alegar que nunca esteve no escritório.

O medo a dominou. Seu cérebro enviou mensagens para suas pernas para que fosse embora, mas não conseguia se mexer. Apertou os olhos e rezou para conseguir se controlar. Um clique agudo da mesa a fez abrir os olhos. O Sr. Gorson jogou várias pastas de papel pardo dentro da maleta e a fechou. *Estava indo embora.*

O tempo havia se esgotado. Era sair ou ser pega. A adrenalina corria por suas veias enquanto disparava em silêncio para a porta da frente, com cuidado para não alertar sua presença. Sentiu o coração disparar, assim que fechou a porta. Em seguida, ouviu a porta do escritório do Sr. Gorson bater. *Será que ele me viu?*

O letreiro luminoso da farmácia ao lado chamou sua atenção e ela correu para dentro, saindo da linha de visão. Fechou os olhos e esfregou a mão na testa, aliviada pelo calvário ter acabado.

— Está tudo bem, Clair? — perguntou uma mulher com uma voz vibrante.

Clair se engasgou e abriu os olhos. — Mary-Jane, não a vi. Sim, está tudo bem, só estou com dor de cabeça e meus analgésicos acabaram. — Clair não podia contar a verdade e se sentiu como Pinóquio por mentir, o nariz crescendo a cada segundo.

— Veio ao lugar certo — disse a mulher, enquanto caminhava em direção ao balcão. Você toma Panadol, se não me engano.

— Sim, isso mesmo.

Clair pagou e pegou o pacote. Não estava mentindo, pois sentia uma dor de cabeça se aproximando. Quem poderia culpá-la? Sem tempo a perder, ligou para Mason, ansiosa para descobrir onde ele estava e informá-lo sobre suas descobertas.

Capítulo Dez



— Em primeiro lugar, o que te deu para ir lá sozinha? — perguntou Mason, enquanto colocava uma das caixas de seu pai na mesa da cozinha. — Se tivesse sido pega, só Deus sabe o que poderia ter acontecido.

Mason estava separando os pertences do pai, esperando encontrar o celular, quando Clair ligou. Insistiu que fosse direto encontrá-lo, mas agora que estava recebendo uma bronca, gostaria de não ter ido. — Não sou tão frágil assim. Sei me defender.

A expressão magoada no rosto dele a destruiu.

— Não foi isso que eu quis dizer — Mason suspirou.

— Eu tentei ligar para que você pudesse vir comigo, mas caiu direto na caixa postal. — Clair ignorou o frio no estômago quando ele se inclinou e colocou a mão sobre a dela.

— Desculpe, eu precisava retornar algumas ligações de trabalho, mas se soubesse que você estava em perigo... — Ele fez uma pausa, apertando os lábios. — Só quero que tome cuidado. Me sentiria muito mal se algo acontecesse com você.

Sentiria? O calor da mão dele fez o corpo de Clair esquentar. Sua mente voltou à realidade. *Ele está apenas ajudando, nada mais. Ele não gosta de você desse jeito, lembre-se.*

Clair soltou a mão e fingiu examinar uma pilha de papéis espalhados sobre a mesa. Mudando de assunto, perguntou: — Então, o que é tudo isso afinal? — Não pode deixar de perceber que ele tinha puxado a cadeira para mais perto dela antes de se sentar, e estremeceu.

— Os documentos do meu pai. Stella está fora da cidade hoje à noite visitando a irmã em Budgewoi, então pensei em começar a organizar essas coisas. Espero ter sorte e encontrar o celular.

— Quer ajuda? — Seus lábios se abriram antes que ela tivesse a chance de colocar sua mente em movimento. O cheiro picante da loção pós-barba invadiu suas narinas e ela não tinha percebido o quanto queria que a resposta dele fosse sim.

Ele sorriu e o coração de Clair deu uma cambalhota. *De novo.*

— Adoraria, mas insisto que fique para o jantar como minha convidada. É noite de pizza congelada, nada sofisticado, mas é o mínimo que posso fazer.

— Preciso comer e isso me pouparia de cozinhar quando chegasse em casa.

— Perfeito — disse Mason, enquanto colocava uma caixa na frente dela.

— Pode começar por esta aqui.

— O que exatamente estou procurando?

— A princípio, o telefone, mas qualquer coisa incriminadora pode ajudar. Não tenho intenção de seguir os passos do meu querido e velho pai. Por mim, Stella pode ficar com a empresa, mas espero encontrar algo que nos aponte na direção certa para ajudar a encontrar o verdadeiro assassino.

Permaneceram sentados em silêncio, vasculhando caixa após caixa, separando os documentos em pilhas. Clair fechou os olhos por um momento e girou o pescoço em movimentos circulares para aliviar a tensão.

— Você está bem?

— Estou — respondeu Clair, enquanto colocava outra folha de papel em uma das pilhas.

Mason olhou na direção da cozinha e um suspiro agudo encheu a sala. — Meu Deus, são 19h. O tempo voou. Prometi lhe fazer o jantar.

— Mason, não se preocupe. Estou bem, sério.

— De jeito nenhum. Que tipo de anfitrião eu seria se não servisse o jantar à minha convidada como prometido?

— Um anfitrião preocupado. — Clair riu ao ver Mason se movendo agitado pela cozinha. — Faz ideia de como está parecendo um louco agora?

Mason fez uma pausa, encostando-se na bancada da cozinha, o olhar comovente e constrangido. — Acho que pareço meio bobo, correndo feito um maluco.

Claire sorriu. — Demora só vinte minutos para a pizza ficar pronta, então coloque no forno. Isso nos dará mais algum tempo para continuar trabalhando e depois faremos uma merecida pausa para o jantar. O que me diz?

Aquele sorriso radiante fez o corpo dele estremecer. — Bela e inteligente, como tive tanta sorte? — Mason congelou, atordoado com o que havia acabado de dizer.

O quê? Clair não sabia o que pensar. *Estava sendo educado demais ou será que ela tinha interpretado mal o incidente no escritório?* Mason era como um ioiô, brincando com o coração dela.

Sem distrações, sem distrações. O silêncio prolongado aumentou um pouco a tensão entre os dois. Clair bufou e fez um gesto de desdém. — Aposto que diz isso para todas as garotas. — Em seguida voltou a separar os papéis.

— Para todas as garotas — respondeu ele, em um tom irreverente.

Clair sentiu um frio na barriga e mudou de assunto. — Então, como é morar em Surfers Paradise?

— Normal, acho. — Mason deu de ombros e se juntou a ela na mesa.

Normal? Clair fez uma pausa, parecendo decepcionada. — Acha apenas normal? Não deveria ser uma cidade emocionante e agitada que nunca dorme? Muitas festas, mulheres, e coisas do tipo.

Mason ajeitou os óculos e Clair percebeu um rubor na base do pescoço dele. — Não sei, não gosto muito dessas coisas.

— E do que você gosta?

— Do meu trabalho, programação de computadores. Ocupa praticamente a

maior parte do meu tempo. — Ele fez uma pausa para pegar alguns documentos de uma caixa no chão. — E você. O que gosta de fazer?

— Eu?

— Sim, você. Por que está tão surpresa com a pergunta?

— Hum... — Clair se viu hipnotizada por aqueles olhos azuis convidativos.

— Gosto da sua companhia. É fácil conversar com você e no meio em que vivo isso é um achado raro.

Ele gosta de mim. Clair queria pular e dançar.

— A maioria das mulheres em Surfers quer apenas se divertir. É ótimo conhecer uma mulher legal que consegue manter uma conversa que não é apenas focada na aparência ou em computadores.

Legal? Agora eu sou legal?

A cabeça de Clair estava prestes a explodir com o constante corte e mudança de pontos de vista. E dizem que as mulheres são difíceis de entender. Se ao menos conseguisse manter o foco em provar sua inocência, em vez de ser desviada pelo lindo homem sentado ao seu lado... Suspirou e pegou outro documento. Arregalou os olhos, e foi como se as palavras saltassem da página e entrassem em seu cérebro. Levantou-se da cadeira, com o coração acelerado.

— Encontrei algo. — Ergueu o olhar, mal conseguindo acreditar em sua sorte. — Acho que pode ser uma evidência incriminatória.

Mason se levantou e em menos de um segundo estava ao lado dela. — Do que está falando?

— Está bem aqui nesta folha de papel. Uma apólice de seguro de vida para o seu pai.

— O quê?

— No valor de três milhões de dólares e veja quem é o beneficiário — disse Clair, apontando para o nome no final da página.

Mason arregalou os olhos. — A viúva. — A mão de Clair tremia quando lhe entregou o documento e o canto de seu lábio se curvou em um sorriso malicioso. — Emitida duas semanas antes de sua morte. Veja a outra assinatura — continuou, apontando para o nome.

— Roland Trent. Acho que agora sabemos a conexão entre os dois. O arquivo vazio em seu escritório está conectado com essa apólice e talvez ao casamento.

— Parece que minha querida madrastra tem muito o que explicar.

— É um bom motivo para cometer um assassinato. Talvez Stella o tenha matado pelo dinheiro?

— Tudo se resume a dinheiro. Assassinato por dinheiro. Depois, tudo o que você ouviu no escritório do Sr. Gorson e agora isso. Ambos têm um motivo, mas a questão é: qual deles cometeu o crime?

— De qualquer forma, acho que devemos contar ao detetive Anderson. Se Stella está guardando segredo sobre isso, só Deus sabe o que mais está escondendo.

O sorriso de Mason preencheu toda a cozinha. — Com certeza. Você conseguiu, Clair. — Ele a pegou no colo e girou.

Clair engoliu em seco, o coração pulando de alegria. Agarrou os ombros largos enquanto seu corpo se fundia à sua estrutura musculosa. Seu coração queria mais do que apenas os braços dele ao seu redor, mas sabia que era apenas reação à sua descoberta. A campainha do forno tocou. *Salva pelo gongo.*

A realidade interrompeu o momento de euforia quando Mason a colocou no chão. Por um momento ficaram em silêncio, olhando um para o outro. Seu pulso disparou. — A pizza está pronta — disse Clair, com um sorriso.

— Sim.

Ótimo. Lá estava eu, nos braços de um homem lindo e tinha que estragar tudo mencionando comida. Por que não podia ter a confiança de Charlotte quando se tratava de homens? As palavras de Charlotte ecoaram em sua mente: 'Talvez ele esteja se escondendo atrás do disfarce, mas e se o verdadeiro homem nunca se aventurou fora de sua zona de conforto? Acho que ele sente alguma coisa e você não deve desistir. Acho que você deveria dar o primeiro passo e convidá-lo para o jantar de gala amanhã à noite. Que mal pode haver nisso?'

Clair o observou fatiar a pizza, servindo-a em dois pratos. Ignorou o nervosismo, respirou fundo e arriscou. — Está livre amanhã à noite?

Mason fez uma pausa, segurando os dois pratos. — Amanhã? Não é a noite do jantar de gala? — perguntou, colocando um prato na mesa.

— Sim, e estava pensando que se você não tiver nada melhor para fazer, talvez pudesse ir comigo.

— Como um encontro?

Um encontro? É tudo o que eu quero. — Bem, como um encontro de negócios. Toda Ashton Point estará presente, então seria o momento perfeito para observar Stella e ficar de olho em qualquer comportamento suspeito dos moradores da cidade.

— Entendi — disse Mason, dando uma mordida na pizza.

Entendeu o quê? Pensou Clair.

— Tem razão. Seria o momento perfeito para confrontar Stella sobre a apólice de seguro. Será difícil negar ou mentir na frente de testemunhas. — Mason fez uma pausa como se estivesse considerando o convite. — Com uma condição.

— Que condição? — Mason se mexeu na cadeira e Clair podia jurar que viu uma gota de suor em sua testa.

Mason mordeu o lábio inferior. — Que aceite meu convite para um encontro de verdade depois que tudo isso acabar.

— Quer sair em um encontro... comigo? — Clair sentiu os joelhos fraquejarem e ficou de queixo caído.

Mason se recostou na cadeira e suspirou, os olhos focados na pizza em seu prato. — Sei que não sou como os caras normais que devem fazer fila na sua

porta, mas gostaria de levá-la para sair.

— Gostaria? — Clair ficou atordoada. Ele assentiu e a dor em seu olhar lhe esmagou o coração.

— Namorar não é algo fácil para mim. Quero dizer, tive algumas namoradas, mas nunca me senti tão à vontade com elas quanto me sinto com você. Gosto da sua companhia. É fácil conversar com você, o que nunca aconteceu comigo antes. Para ser honesto, gosto muito de você.

As borboletas queriam saltar do estômago de Clair, enquanto absorvia as palavras de Mason. — Pensei que você não gostava de mim.

— De onde tirou essa ideia?

Clair deu de ombros sentindo o rosto corar. — Naquele dia, quando fiquei um pouco empolgada na loja e joguei meus braços em volta do seu pescoço, parecia que você estava querendo se afastar de mim, então achei que havia passado dos limites. — Ela franziu a testa enquanto Mason ria de suas palavras.

— Está falando sério? Eu queria mantê-la em meus braços e dizer como estava me sentindo, mas não tinha certeza se era apropriado ou não, e a última coisa que você precisa agora é uma distração.

Uma distração como Mason era exatamente o que não precisava no momento, mas também era o que queria desesperadamente. Charlotte estava certa. Devia aprender a confiar nos instintos da irmã.

— Mason, escute...

Antes que Clair pudesse terminar, Mason pegou o prato vazio e começou a jogar as sobras de pizza no lixo. — Tudo bem, Clair, eu entendo. Sei que passei dos limites.

— Mason?

— Eu disse que não era muito bom nessa coisa de namorar.

— Mason? — Clair chamou mais alto em um esforço para quebrar a barreira que ele ergueu.

— Já entendi. Tudo bem. Não deveria ter dito nada. Prometo que assim que ajudá-la a provar sua inocência, ficarei fora de seu caminho para sempre — continuou Mason, enquanto colocava os pratos na lava-louça.

Clair sentiu a frustração se infiltrar por todo o seu corpo. — Mason! Pare de falar.

Mason se virou e arregalou os olhos, atordoado com o comportamento explosivo dela.

A frequência cardíaca de Clair disparou, mas ela não conseguiu conter a risada. — Adoraria sair com você. Na verdade, gostaria que continuasse me abraçando naquele dia.

— Está dizendo o que acho que está querendo dizer? — perguntou Mason, atordoado.

Clair estava com a boca muito seca para responder, então simplesmente assentiu. Eles ficaram em silêncio, os olhos fixos um no outro enquanto a tensão aumentava. Duas pequenas palavras repetidas em sua cabeça como

sinos de igreja batendo. *Sem distrações.*

— Gosto de você, Mason, mas preciso me concentrar em encontrar o assassino antes de pensar em namorar alguém.

— Tem razão e pode contar com a minha ajuda — disse Mason, enquanto se aproximava.

Clair lutou contra o impulso de abraçá-lo e beijar aqueles lábios exuberantes. Sabia que se o provasse, não ia querer parar. — Então, isso é um sim para amanhã à noite?

Mason afastou as mechas do cabelo desgrehado do rosto dela e sorriu. — Temos um encontro, e garanto que vou causar inveja a todos os homens no jantar.

Capítulo Onze



Clair passou a maior parte da manhã agitada. O dia tinha sido repleto de tarefas a serem concluídas antes do grande evento da noite. Felizmente, estavam fechando a loja mais cedo, na esperança de evitar qualquer drama ao terminar os cupcakes e levá-los ao Ashton Point Resort a tempo de voltar para casa e se arrumarem para o evento.

— Não se importa mesmo em entregar os cupcakes? — Clair perguntou a Charlotte enquanto virava a placa de ‘fechado’ antes de trancar a loja.

— Contanto que pegue meu vestido com Kelly na Snip ‘n’ Sew — respondeu Charlotte, indo em direção ao carro.

— Pode deixar. Agora vá e nos vemos em casa.

Clair sorriu para si mesma. — Quem decide o vestido que vai usar em um jantar de gala na véspera do evento? — *Charlotte, é óbvio.* Clair balançou a cabeça. Não acreditava como Kelly tinha sido tão compreensiva quando Charlotte resolveu trocar o vestido no último minuto.

Protegido por uma capa transparente de plástico, Clair pendurou no braço o vestido tomara que caia azul-cobalto de lantejoulas quando saiu do Snip ‘n’ Sew. Sua irmã sempre gostou de adicionar um pouco de brilho às roupas, e esta noite não seria uma exceção. Por outro lado, Clair tinha grandes esperanças de impressionar Mason com um vestido justo de veludo preto, sem mangas. Era simples, mas elegante, com uma fenda na lateral da coxa. Junto com as pérolas, com certeza causaria impacto.

— Onde estão, chaves? Sei que estão aqui em algum lugar — murmurou, procurando pelas chaves do carro na bolsa, alheia à movimentação ao redor.

— Ei, cuidado por onde anda! — disse uma mulher com voz rouca enquanto Clair fazia malabarismos com o vestido de Charlotte e a bolsa, rezando para que nenhum dos dois acabasse caindo na calçada imunda.

— O que disse? — perguntou Clair, recuperando o equilíbrio. *Que ousadia da mulher me culpar pelo que claramente tinha sido culpa dela.*

— Ah, é você — disse Stella em tom sarcástico.

O sangue de Clair começou a ferver diante da presunção da mulher. A descoberta da apólice de seguros na noite anterior inundou sua mente. — Desculpe, Stella. Não vi você. Fui buscar o vestido de Charlotte para o jantar. É fascinante, não acha?

Stella estreitou os lábios e deu de ombros.

— Vai ao jantar de gala do Dia do Fundador esta noite, não vai? Porque Mason adoraria ter uma conversinha com você.

Stella empalideceu e negou com a cabeça. — Não, acho que não consigo mais suportar essa situação.

— O que... Por que não?

— Não sei por que isso seria da sua conta, mas se quer mesmo saber, tenho me sentido indisposta nos últimos dias e o médico me aconselhou a não sair à noite. — Stella colocou a bolsa no ombro e se virou para ir embora.

Mentiroso. — Que interessante. Acho que mentir é algo natural para você. Sabemos que não está doente, a menos que tenha mentido para Mason sobre ter ido visitar sua irmã ontem à noite. Inclusive mentiu sobre conhecer Roland Trent.

Stella congelou e se virou lentamente. Clair sentiu uma imensa satisfação.

— Não sei do que está falando — disse Stella, o rosto repentinamente contraído pelas rugas.

— É mesmo? — perguntou Clair, ajeitando o vestido nos braços. — Então mentir, enganar e matar faziam parte do seu plano?

— Matar? — Stella engoliu em seco, mortificada. — Não tive nada a ver com o assassinato de James ou Roland Trent. Mal conhecia aquele homem.

— Ah, mas o conhecia — disse Clair, balançando o dedo. *A Sra. Stevenson estava certa.*

Stella suspirou resignada. — Está bem, está bem, eu o conheci através de James. Eram sócios, apenas isso.

— Então, não a incomoda que a assinatura dele esteja ao lado da sua na apólice de seguro de vida de James, na qual você é beneficiária?

Stella engoliu em seco e ficou boquiaberta. — Que apólice de seguro?

— Ah, por favor, como se você não soubesse. A apólice que assegura que a esposa recebe três milhões de dólares em caso de morte. Convenientemente assinado por seu advogado, Roland Trent, que não pode ser questionado. Se for provado que você matou James por dinheiro e Roland para manter o segredo, a apólice será cancelada. A polícia está de posse do documento, então tenho certeza de que vão querer interrogá-la muito em breve.

Stella empalideceu, o choque estampado no rosto. — Não, você entendeu tudo errado — O tom sincero desconcertou Clair.

— Pode não comparecer ao jantar esta noite, mas sugiro que não saia da cidade.

A mudança repentina de comportamento pegou Clair desprevenida. Dor. Medo. Não sabia o que pensar, até que Stella quase desmoronou na sua frente, se debulhando em lágrimas.

— Está bem — falou Stella, entre soluços. — Menti para Mason sobre várias coisas, incluindo aquela bobagem de maldição, mas não sobre o assassinato. Jamais seria capaz de matar James. Acredite ou não, eu o amava, mas não era sua esposa. Pelo menos, não oficialmente.

O que... O coração de Clair estava prestes a saltar do peito.

— O que está querendo dizer com ‘oficialmente’?

— Quero dizer que vivemos juntos nos últimos doze meses e nos

amávamos, mas ele se recusou a casar. Disse que já havia se casado com o amor de sua vida. Eu sabia que não teria direito a nada e tudo iria para Mason. Depois de todo o tempo que dediquei a ele, acabaria de mãos vazias. E entrei em pânico. A apólice é real, mas encobri o nome de Mason e falsifiquei meu nome. Sabia que questionariam Roland Trent, então fui vê-lo, para pedir que não dissesse nada, mas ele se recusou, até que lhe ofereci metade do dinheiro. Para completar toda a farsa, ele providenciou uma nova apólice, citando-me como a única beneficiária e falsificou uma certidão de casamento.

Clair ficou imóvel, atordoada com o que tinha acabado de ouvir. Era como se estivesse vivendo uma cena de novela.

— Mas não vale a pena arriscar minha vida, nem mesmo por James — continuou Stella, entre suspiros.

— Arriscar sua vida? Do que está falando?

— Fui visitar minha irmã ontem à noite e quando voltei pela manhã, o carro de Mason não estava na garagem. Então, imaginei que estava na casa de algum amigo ou fazendo o que quer que os jovens fazem hoje em dia e não precisaria encontrá-lo. Quando entrei em casa, levei o maior choque da minha vida. O lugar parecia uma zona de guerra. Alguém tinha invadido a casa. Havia almofadas cortadas em pedacinhos, quadros quebrados, armários e gavetas abertos com o conteúdo espalhado por todo o chão.

Clair enrijeceu. As palavras de Stella a deixaram apavorada. *E se tivessem invadido a casa na noite anterior, quando ela e Mason estavam lá?* Sentiu um calafrio só de pensar.

— Não faço ideia do que estavam procurando, mas, a julgar pelo estado em que deixaram a casa, não encontraram nada. Sinto muito, querida, mas não vou esperar que voltem. Pelo que sei, estão pensando que tenho o que procuram e virão atrás de mim.

O celular. Seria o celular de James que estavam procurando?

— Pense, Stella, pense bem. Sabe o que estavam procurando? James mencionou alguma coisa? Talvez tenha lhe mostrado algo?

— Não, e estou dizendo a verdade. Era raro conversarmos sobre trabalho, especialmente nos últimos meses. James andava mais reservado do que o normal. — Stella verificou a hora no celular. — Isso é tudo o que sei, e agora, se me der licença, minha irmã está me esperando. Vou voltar para a casa dela.



Clair colocou os brincos de madrepérola, o último complemento que faltava. Passou o dia inteiro tensa, mesmo depois de ter contado a Mason sobre a invasão à casa de Stella. Ele prometeu encontrar o detetive Anderson antes de voltar para casa e se arrumar, o que só a deixou ainda mais preocupada. Uma batida na porta do quarto a assustou.

— Está pronta? Liam chegou para me buscar e quero ver seu vestido antes de sair.

Clair deu uma última olhada no espelho e sorriu. O vestido se ajustava perfeitamente ao seu corpo e com a gargantilha de pérolas e os cabelos ruivos

rebeldes presos em um coque francês, estava se sentindo como uma princesa indo para o baile.

Satisfeita com a aparência, respirou fundo e abriu a porta. — Uau, Charlotte, você está incrível! — Clair se inclinou para abraçar a irmã. Ficou encantada com o vestido de Charlotte e a maneira como realçava suas curvas. — Caprichou no visual.

As duas riram. Charlotte deu um passo para trás e seus olhos brilharam. — Parece que puxei a você, irmã. Está absolutamente deslumbrante. Mason não faz ideia do que vai encontrar quando você abrir aquela porta daqui a pouco.

— Espero que sim. — Clair enrubesceu.

— Ele não vai conseguir tirar os olhos de você. Está parecendo a Audrey Hepburn de *Bonequinha de luxo*, com cabelo ruivo.

— Para com isso. Acha mesmo que pareço com Audrey Hepburn? — Clair começou a rir, virando-se para o espelho mais uma vez, torcendo os cachos soltos em volta do rosto.

— Muito mais bonita. Liam e eu encontraremos vocês lá. — Charlotte deu um beijo de despedida na irmã.

— Está bem. — Clair sentiu um frio na barriga quando Charlotte a deixou sozinha. Estava com os nervos à flor da pele. Parecia que não comia há uma semana. Cada vez que um vislumbre de esperança se infiltrava em seu coração, era esmagado com a mesma rapidez pela nuvem escura que pairava sobre seu futuro.

Duas palavrinhas ressoaram dentro de sua cabeça feito um tambor. *Sem distrações*. Era bom manter isso em mente durante a noite. O som da campainha a fez pular.

Lá vamos nós!

Capítulo Doze



Mason acompanhava os passos de Clair com o coração disparado. Não acreditou que tinha conseguido chegar a tempo, depois do dia terrível que teve. Já era ruim não poder alugar um terno, e precisou comprar um novo. Depois esteve a maior parte da tarde com a polícia, lidando com o arrombamento da casa de seu pai. Passou as informações sobre Stella para o detetive Anderson, mas não sabia se seria de alguma utilidade na investigação. Anderson não estava nem perto de encontrar o assassino. *Será preciso acontecer outro assassinato antes que percebam que estão perdendo tempo?*

Tocou a campainha e esperou. Sentiu um calafrio. E se tivessem tentado invadir a casa quando ele e Clair estavam lá? Ela poderia ter sido gravemente ferida ou até mesmo morta. Ficou apavorado só em pensar naquela possibilidade. Não era expert em artes marciais, mas treinou o suficiente na academia para se defender. Seria capaz de fazer qualquer coisa para proteger Clair. Não conseguia mais se imaginar vivendo sem ver aquele sorriso caloroso.

A porta se abriu e Mason perdeu o fôlego. Clair era a imagem da pura beleza. — Ah, meu... — disse, mal conseguindo juntar duas palavras. Seus olhos verde-esmeralda brilhavam sob o tom alaranjado do pôr do sol. O coração de Mason disparou quando ela deu um pequeno giro.

— Onde estão seus óculos?

— Lentes de contato — disse, apontando para os olhos. — Se importa?

— De jeito nenhum. — Clair acenou com a cabeça em direção ao vestido.

— Gostou?

O brilho tímido em suas bochechas quase combinava com a cor de seus cabelos. — Por que não gostaria? — *Manter o foco durante a noite será mais difícil do que imaginei.* — Você está maravilhosa. — Mason estendeu a mão na direção dela.

— Obrigada — disse Clair, segurando a mão dele.

Mason se deixou levar pela emoção e a puxou para perto. Clair suspirou e entreabriu os lábios. Ele podia sentir o calor das mãos se tocando e rezou para que ela não o repreendesse pelo que estava prestes a fazer. Então se inclinou e a beijou.

A sensação dos lábios de Clair enviou tremores de prazer pelo corpo de Mason. Ela retribuiu ansiosa, enlaçando o pescoço dele. Mason sabia que devia ter esperado, como Clair lhe havia pedido na noite anterior, mas não

conseguiu evitar. Nunca conheceu uma mulher que o fizesse se sentir tão vivo. Depois que o verdadeiro assassino fosse pego, planejava ficar na cidade, se ela permitisse. O que significava que a atenção deles esta noite deveria estar focada nos convidados do jantar, e não um no outro.

Relutantemente, ele se afastou e seu coração disparou ao vê-la sob o brilho do pôr do sol. Era linda demais. Lutou contra o desejo de puxá-la e beijá-la mais uma vez. — Me desculpe, mas você está tão bonita.

Clair colocou o dedo sobre os lábios dele. — Tudo bem. Um beijo não vai doer e espero ganhar mais alguns quando tudo isso acabar.

— É uma promessa — Mason sorriu, estendendo o cotovelo. — Agora, que tal irmos para esta festa?

Clair fechou a porta e deu o braço a ele.

— Estou me sentindo um pouco malvestido ao seu lado — disse Mason, olhando para o terno cinza listrado de três peças enquanto se dirigiam para o carro.

— Sério? Acho que você está incrível! — Clair lhe deu um sorriso radiante. — Não se esqueça de manter os olhos e os ouvidos abertos para qualquer pessoa que aja de forma suspeita. A cidade inteira estará presente, então, se as pessoas pretendem fofocar, será esta noite.



Clair se sentou no banheiro feminino, colocando a bolsa preta ao lado, na cadeira, e tirou os sapatos, a exaustão se instalando em cada centímetro de seu corpo. Como Stella não era mais uma suspeita viável, esperava confrontar Norman Gorson esta noite, mas essa ideia foi logo descartada, já que ele não havia chegado.

Sorriu, cumprimentou as pessoas, comeu e até dançou a noite toda e, ainda assim, não estava nem perto de encontrar o assassino. Ah, é claro, Mason fez sucesso com as mulheres da cidade, mesmo as casadas.

Clair ficou tensa. *Eram aqueles óculos ou a falta deles.* As mulheres da cidade finalmente enxergaram o que ela tinha visto desde o início e não gostou nem um pouco. A realidade a atingiu como um caminhão de cimento. Estava com ciúmes. Sua mãe sempre chamava ciúmes de ‘monstro de olhos verdes’ porque despertava o pior nas pessoas, e tinha toda razão.

Clair repreendeu a si mesma. Mason não fez nada para que desconfiasse dele.

Uma mulher alta e loira saiu de uma das baias e observou Clair esfregando a sola dos pés. — Pés doloridos?

— Boa noite, Emmerson. Meus pés não doem tanto desde... — Clair fez uma pausa e olhou para o teto, pensativa. — Na verdade, nunca estiveram tão doloridos.

Emmerson riu e tirou um batom vermelho-escarlate da bolsa e começou a fazer caretas distorcidas no espelho enquanto retocava a maquiagem. — Como sempre digo, as mulheres deveriam usar saltos com mais frequência. Dessa forma, os pés estarão acostumados em ocasiões como esta.

— Concordo — disse Leah, juntando-se a Emmerson no espelho. — Outro dia estávamos conversando sobre abrir um negócio aqui na cidade, para ensinar moda e beleza para mulheres. Não é, Em?

— Ah, sim. — Emmerson assentiu. — É como sempre digo, se houvesse polícia da moda, algumas mulheres desta cidade acabariam na cadeia. Eu jamais usaria algumas roupas que vejo pela cidade. Leah e eu até começamos uma pós-graduação em moda, para comprovar que temos conhecimento técnico para a função.

Clair abaixou a cabeça para esconder o sorriso. As duas tinham boas intenções e corações de ouro, mas polícia da moda? Clair recolocou os sapatos e se levantou. — Acho melhor voltar para a festa — disse, percebendo que nem a ouviram falar. Era como se estivesse invisível. *Vou deixá-las com seus problemas de moda. Tenho assuntos mais importantes para resolver.*

— Veja aquela Christina Jacobs, por exemplo — disse Leah, indignada. — O vestido que está usando esta noite é lindo e ela tem um corpo incrível, mas a cor é horrível. Ninguém em sã consciência usa tangerina, ainda mais misturado com verde-vômito.

— A mulher é ridícula. Meu pai estava me contando esta manhã que ela teve a coragem de tentar sonegar impostos — interrompeu Emmerson.

Christina mentindo sobre os impostos? O que está acontecendo com as pessoas nesta cidade? A boa e velha moral foi jogada pela janela? Esqueceram o conceito de honestidade?

— Tentou declarar algum curso de relações públicas que deveria estar fazendo em Watson's Creek, sendo que não fez.

Clair congelou e seus ouvidos ficaram em alerta com as palavras de Emmerson. Sentiu um arrepio na nuca. Sua mente estava trabalhando duas vezes mais rápido. *Seria o mesmo curso de relações públicas que James Hapworth estava fazendo?* Pensando bem, Clair se lembrou de ter visto Christina saindo do escritório de James, em Watson Creek na semana passada, quando estava na cidade comprando suprimentos. Parecia ter ainda mais perguntas do que respostas.

Estavam fazendo o curso juntos? Talvez Christina fosse a mulher a quem James se referia na mensagem. Mas por que ele queria fazê-la mudar de ideia? E sobre o quê? E se tinha inventado toda aquela bobagem sobre a Sweets Mansion, por que publicou aquele lixo no jornal, apontando-me como uma assassina? Será que ela está acobertando o verdadeiro assassino? Um pensamento sombrio a atingiu. *Ela é a assassina? O celular desaparecido.* Graças ao detetive Anderson, Christina era a única outra pessoa que sabia sobre o celular de James. *Por que não publicou a notícia no jornal? Por que manter em segredo? A menos que tenha um motivo. O assassino poderia ser Christina Jacobs?* Os pensamentos de Clair estavam começando a se emaranhar. Embora não tivesse todas as respostas, havia muitas coincidências para deixar Christina escapar sem descobrir sua versão da história. A adrenalina disparou em suas veias ao sair do banheiro feminino. *Acho que*

precisamos ter outra conversa, Christina Jacobs. E, desta vez, vou conseguir as respostas de que preciso.

O coração de Clair disparou e suas bochechas doíam de tanto sorrir ao se esquivar de convidados, elogios e abraços em seu caminho de volta ao salão de baile. *Será que já tinham revelado a exposição dos cupcakes?*

Charlotte criou um cupcake exclusivo retratando Ashton Point há alguns anos, quando o velho Peaberry descobriu a cidade. Parecia que pelos inúmeros elogios que estava recebendo, a exposição tinha sido um enorme sucesso. Sucesso que Clair comemoraria depois de encontrar Christina.

Clair ergueu os braços desesperada. — Onde você está, Mason? — murmurou se esforçando para encontrar aquele corpo impressionante entre a multidão no salão lotado.

— O que está acontecendo? — perguntou Charlotte, preocupada, enquanto se juntava à irmã.

Clair sentiu o sangue escorrer do rosto quando avistou uma bola tangerina e verde-vômito em direção à saída. *Christina?*

— Clair, o que está acontecendo? Parece que viu um fantasma. Você está bem?

— Estou — respondeu, tranquilizando Charlotte. *Mas a minha chance de descobrir a verdade está prestes a ir embora.* — Você viu Mason?

— Não, já faz algum tempo. Estava na pista de dança com Emmerson e depois com Christina.

— Mason estava dançando com Christina Jacobs? — Clair ficou furiosa.

Charlotte assentiu. — Até que eu o resgatei.

Clair sentiu a raiva queimar e podia imaginar as mentiras que aquela mulher havia dito para Mason. Mentiras e decepções, alimentadas por assassinato. Com o pulso acelerado, virou-se para Charlotte e agarrou seus ombros, olhando diretamente nos olhos arregalados da irmã. — Ouça com muita atenção. Preciso ir embora e seguir uma pista. Diga para Mason me ligar, assim que encontrá-lo. Vou tentar ligar para ele no caminho.

— Que pista? Uma pista sobre o assassino?

— Sim.

Charlotte arregalou os olhos. — Você sabe quem é, não sabe?

— Acho que sim.

— Quem é? — perguntou Charlotte, ansiosa.

Clair balançou a cabeça, uma sombra de dúvida em sua mente. — Não tenho cem por cento de certeza. Preciso ir antes que perca a chance de descobrir. Diga a Mason para me ligar.

— Espere. Vou com você. Deixe-me avisar Liam — disse Charlotte, determinada.

— Não dá tempo. Além disso, posso estar errada. Nós duas não podemos ir embora. Sempre nos chamam depois dos discursos para dizer algo sobre a exposição dos cupcakes. Vai ser muito constrangedor se nenhuma de nós estiver aqui. Você fica. Afinal, foram suas incríveis habilidades que criaram

um design tão fantástico dedicado ao fundador de nossa cidade. Por favor, encontre Mason e diga a ele para me ligar e explicarei tudo.

— Está bem, vá. Eu aviso Mason, mas tenha cuidado. — Charlotte fez um gesto com as mãos para a irmã ir embora.

Clair assentiu e engoliu em seco enquanto abraçava a irmã antes de se virar para sair.

Capítulo Treze



Mason entrou em pânico. Não via Clair há mais de trinta minutos e estava fora de si de tanta preocupação. Ela tinha perdido a revelação da exibição de cupcakes. Haviam se dedicado tanto para criar o design perfeito para o evento, e ele sabia que algo estava errado quando Clair não apareceu.

Sentiu um arrepio na espinha quando avistou Charlotte, ansiosa, na porta, procurando entre os convidados. Foi direto até ela, percebendo que o observava com o olhar fixo enquanto ele se aproximava.

— Charlotte, onde está Clair? Não consigo encontrá-la em lugar nenhum.

— Mason, até que enfim. Ela foi embora.

O medo o dominou. *Foi embora? O que ela quer dizer com isso?*

— Saiu para seguir uma pista. — Mason lutou para acompanhá-la. — Estava dizendo que pode ter descoberto o assassino, mas não conseguiu lhe encontrar e falou algo sobre como alguém iria trocar verde-vômito por verde-prisão...

— Ei, ei, ei. Explique-me isso melhor. Você disse verde-vômito? — Mason estava com o coração acelerado.

Charlotte assentiu.

— Graças a Emerson e sua tagarelice irritante, existe apenas uma pessoa vestindo verde-vômito esta noite. Clair acha que Christina, do *The Chronicle*, é a assassina. Mas por quê?

— Christina? De jeito nenhum — disse Charlotte, em choque. — Na verdade, ela não afirmou, disse apenas que tinha uma suspeita.

— Por que ela foi embora?

— Não sei, mas pedi que você ligasse para ela.

Mason pegou o celular, cada toque sem resposta causando mais ansiedade.

— Vamos, Clair... Atenda — murmurou baixinho.

Nada. Seus dedos se moviam em ritmo acelerado, ligando mais uma vez. Isso é loucura, por que ir embora? Havia apenas uma razão pela qual poderia pensar que Clair iria embora. Se Christina também tivesse ido. Procurou por alguém vestindo verde-vômito ao redor do salão, mas não encontrou. Sentiu o corpo enrijecer. — Não atende.

— Acha que Clair está correndo perigo? — perguntou Charlotte, preocupada.

Acho. — Não vou ficar parado esperando para descobrir — murmurou Mason, enquanto fazia outra ligação, balançando o corpo para frente e para trás, esperando impacientemente. Uma voz rouca atendeu. — Detetive, aqui é

Mason Hapworth.

— Em que posso ajudar, Sr. Hapworth, estou extremamente ocupado.

— Estou com um problema e espero que possa me ajudar.

— No momento, meu problema é investigar uma invasão no escritório do seu pai em Watson's Creek. Parece que quem invadiu a sua casa, fez o mesmo no escritório. Estou seguindo uma possível pista. Tenho certeza de que está ligado ao assassinato.

Invasão? O sangue de Mason gelou. — Na verdade, estou preocupado com Clair McCorrson. Ela foi embora do jantar e não tenho certeza para onde foi. Esperava que você pudesse me ajudar a localizá-la. — Houve uma longa pausa e Mason sentiu um calafrio.

— Você disse Clair McCorrson?

— Sim, tentei ligar, mas ela não atende o celular — Mason estava impaciente.

— Recebi duas mensagens distorcidas dela, há cerca de vinte minutos, mas não consegui ligar para descobrir o que está acontecendo. — Explicou Anderson, parecendo frustrado.

Mason ficou nauseado ao ouvir aquelas palavras. — O que quer dizer com mensagem distorcida? O que ela disse?

— Por que não me encontra na delegacia em quarenta e cinco minutos e ouve as mensagens?

Quarenta e cinco minutos pode ser tarde demais. O suor escorria de sua testa e um calafrio percorria seu corpo. — Não. Você pode estar disposto a esperar, mas eu não estou. Por favor, detetive, preciso saber o que ela disse e você prometeu me manter informado de todas as atualizações do caso.

Anderson suspirou impaciente do outro lado da linha. — Sim, eu prometi. Clair não foi muito clara nas mensagens, mas era basicamente sobre um forte palpite sobre quem matou seu pai e Roland Trent, mas não disse quem era.

Isso é notícia velha. — Só isso? — perguntou Mason, o pulso acelerado.

— Sim, apenas isso. Na segunda mensagem, ela murmurou algo sobre o quanto era importante voltar para onde tudo começou e encontrar as respostas. Vou ficar preso por mais algum tempo aqui, mas tenho um policial de sobreaviso. Entrarei em contato se tiver alguma notícia — disse o detetive Anderson e desligou.

Mason bufou, a frustração agora substituída por preocupação. Guardou o celular no bolso e se virou para Charlotte.

— O que ele disse?

— Que recebeu duas mensagens de Clair, embora não fossem muito claras. Disse algo sobre como era importante voltar para onde tudo começou para encontrar as respostas. O que ela quis dizer com isso?

Charlotte deu de ombros e balançou a cabeça, os dedos, nervosos, tocando o fecho do colar de diamantes e safiras.

— Onde tudo começou — Mason murmurou para si mesmo, esfregando a têmpora em um esforço para aliviar o latejar.

Charlotte suspirou e ficou boquiaberta. Arregalou os olhos ao compreender a mensagem. — Ah, não. Não pode ser!

— Não pode ser o quê?

— Pense, Mason. Onde todo esse pesadelo começou? — Fez uma pausa e ele balançou a cabeça. — Tudo começou quando ela encontrou o corpo... Na Sweets Mansion. Clair voltou para onde tudo começou.

— Na Sweets Mansion..., mas por quê?

Charlotte deu um tapa na testa. — Como pode ser tão burra? Ela deve ter seguido Christina. Então, se Clair está na Sweets Mansion, Christina também está. Se o palpite de Clair estiver certo, ela está prestes a entrar em uma casa vazia, na calada da noite, com uma assassina.

O coração de Mason acelerou enquanto bloqueava as imagens de Clair em perigo de seus pensamentos. *Como a noite saiu do controle tão de repente?* Não havia tempo a perder. Precisava encontrar Clair, e rápido.

— Ei, o que está acontecendo? — perguntou Liam, ao se aproximar de Charlotte.

O medo fez Mason agir. — Estou indo encontrar Clair na Sweets Mansion. Vou ligar para o detetive Anderson no caminho, mas preciso que você ligue para a delegacia e peça para alguém me encontrar lá.

— Delegacia? — Liam parecia confuso.

Charlotte assentiu.

— E se não acreditarem em mim?

— Faça-os acreditar — disse Mason, aproximando-se da saída. — Não me interessa o que você vai fazer, vá até a delegacia e arraste-os se for preciso. Leve-os até lá. Isso pode significar a diferença entre a vida e a morte para Clair.



Clair respirou fundo, saboreando a brisa fria e salgada da noite que entrava pelo carro. — O que você está fazendo? — sussurrou, as mãos segurando firme o volante.

Seguiu Christina desde o jantar de gala até o *The Chronicle*, onde ela ficou por menos de cinco minutos. Depois, dirigiu pelas ruas residenciais e finalmente para a Sweets Mansion. — Então, você voltou à cena do crime.

Clair estacionou algumas casas à frente, fora da linha de visão de Christina. Olhou para a frente, os ombros rígidos e o maxilar cerrado. Até hoje o lugar tinha sido uma cena de crime. — Acho que está procurando aquela pequena evidência que a colocará atrás das grades. — *O telefone*. — Se a polícia não conseguiu encontrá-lo aqui, o que a faz pensar que vai encontrar?

Clair colocou a mão no metal frio da maçaneta, pronta para confrontar a única mulher que tinha sua liberdade na palma da mão. Uma onda de perigo a invadiu e seu estômago revirou.

Vou mesmo seguir uma assassina em potencial até uma casa vazia? De que outra forma descobriria a verdade? Se Christina encontrasse o telefone primeiro, poderia destruí-lo, acabando com qualquer chance de ligá-la aos

assassinatos. Clair saiu e trancou o carro, passando a alça da bolsa pela cabeça e cruzando no peito para que não caísse do ombro. Estremeceu. A noite estava fria, o aroma fresco da chuva de verão se aproximando. Olhou para o céu noturno, ainda claro. — Por favor, não chova. Pelo menos, não nesse momento.

Como não conseguiu falar com o detetive Anderson enquanto esperava no *The Chronicle*, tentou ligar mais uma vez. — Vamos, atenda — murmurou baixinho. A voz áspera de Anderson ecoou pela linha: *‘Aqui é o detetive Anderson, não posso atender sua ligação, mas, por favor, deixe uma mensagem e entrarei em contato assim que puder.’*

Outra mensagem? Mas será que ele vai ouvir a tempo? — Detetive Anderson, aqui é Clair McCorrson, outra vez. Acho que descobri quem é o assassino. Sei que não vai acreditar em mim a menos que eu possa provar. É onde estou agora, tentando conseguir as evidências. Entrarei em contato quando tiver as provas. Estou de volta onde tudo começou. — *O que quer que Christina estivesse planejando, talvez já fosse tarde demais para agir. É agora ou nunca.*

Um arrepio percorreu sua espinha quando a brisa fresca da noite tocou seu corpo. Suas pernas estavam tremendo, prontas para desmoronar a qualquer momento, mas continuou andando com o coração acelerado até chegar nos degraus da entrada.

O silêncio da noite ecoava tão alto, que era como se cada ruído minúsculo fosse amplificado em um bilhão de decibéis, incluindo as batidas de seu coração. *Por que seus pés não se moviam? A perspectiva de liberdade valeria o risco?*

Um estrondo repentino dentro da casa a fez perder o fôlego. Levou a mão à boca para conter um grito. O que foi isso? Permaneceu imóvel, o olhar fixo no fino feixe de luz de uma janela do andar superior. Uma onda de energia disparou em suas veias. Se entrasse agora, não haveria chance de Christina vê-la, já que estava no segundo andar.

Por favor, por favor, faça com que esse pesadelo acabe esta noite.

Clair subiu as escadas como se pisasse em ovos, o peito tão apertado de ansiedade que mal conseguia respirar. Lembrou-se de uma cena do velho clássico de Hitchcock, *Psicose*, quando o detetive Arbogast entrou na casa de Norman antes de chegar ao topo da escada onde sua vida terminou de forma abrupta.

Prendeu a respiração, olhando através da porta semiaberta, com espaço apenas o suficiente para se espremer. Manteve o corpo rígido e abriu caminho como se a porta e o batente fossem lava quente que desintegraria seu corpo ao menor toque.

Havia esquecido que estava prendendo a respiração até que ficou sem ar. Levou um momento para seus olhos se ajustarem à escuridão. A única fonte de luz era o luar que entrava pela janela, iluminando a base da escada. Podia ver a imagem de James Hapworth tão clara em sua mente quanto no dia em

que encontrou o corpo. O chão ainda tinha uma leve mancha de sangue. Levou a mão ao estômago. *Acho que vou passar mal.*

Passos no segundo andar a trouxeram de volta ao presente e esta pequena aventura seria em vão se Christina a encontrasse antes que pudesse obter as provas de que precisava. Uma onda de satisfação a atingiu quando viu várias caixas empilhadas à direita da escada. Não havia notado que estavam ali em sua última visita. Um esconderijo perfeito. Seguiu em direção às caixas, com cuidado para se manter fora da linha de visão das escadas. O cheiro de poeira e madeira mofada encheu suas narinas, arranhando sua garganta.

Seu pulso acelerou e os segundos passavam enquanto esperava, os passos de Christina continuaram batendo nas tábuas do assoalho. *Por que o telefone de James estaria na casa? Se foi ela quem o matou, não é como se fosse confessar voluntariamente.*

Um momento se passou e um pensamento lhe ocorreu. *Vou gravá-la com o celular. Por que não pensei nisso antes?* Sentiu vontade de chutar seu próprio traseiro. Sua distração poderia ter lhe custado caro. Enfiou a mão na bolsa, procurando o celular no escuro.

Seu coração disparou quando viu cinco chamadas perdidas de Mason. Sentiu um arrepio percorrer seu corpo. Verificou se o telefone ainda estava no modo silencioso por causa do jantar e o configurou para gravar.

— Agora, é só uma questão de tempo até você aparecer e eu estarei aqui para registrar tudo — sussurrou, orgulhosa de si mesma. Deveria ligar para Mason, mas um ruído abafado vindo do topo da escada lhe chamou a atenção. *Desculpe, Mason, você vai ter que esperar; é hora do show.*

— Vamos, James, sei que você fez isso de propósito. Onde está? — Christina murmurou para si mesma enquanto descia as escadas.

Clair congelou, esforçando-se para ouvir. *Fez o que de propósito?* Verificou mais uma vez se o telefone estava gravando antes de guardá-lo na bolsa. Olhou por trás da pilha de caixas, com cuidado para se manter fora da visão de Christina e observou ansiosa. Registrou cada movimento na memória. Em seu desespero para encontrar o item perdido, ela jogou objetos e espalhou alguns itens de antiguidade por todos os lados. Panos que cobriam os móveis restantes caíram no chão enquanto Christina ficava mais desesperada.

— O que você fez com o celular, James? Não estava na sua casa e nem no seu escritório. Não é como se pudesse levá-lo para o túmulo. — Christina abria gavetas, vasculhando o conteúdo item por item.

Clair apertou os olhos, esforçando-se para ver através da limitada luz do luar. *Eu estava certa, ela está atrás do celular.* As peças do quebra-cabeça pareciam se encaixar na velocidade da luz. *Ah, meu Deus, foi você.* Foi Christina quem invadiu a casa de Stella procurando o telefone e que melhor momento para vir procurar na cena do crime do que quando toda a cidade estava no jantar de gala do Dia do Fundador?

Clair sentiu a sala começar a girar e mal notou o tamborilar da chuva no telhado. Christina fez o possível para desacreditá-la e culpá-la. Tudo para

encobrir suas próprias ações perversas. Apoiou o cotovelo na caixa menor à sua frente, esperando manter Christina à vista enquanto ela continuava sua busca ao lado da escada. Em segundos, seu cotovelo atravessou a caixa vazia. Clair caiu com um baque, apoiando-se no osso do quadril, a dor subindo pela espinha. Deixou escapar um suspiro e sentiu seu estômago contrair.

Christina se virou, os olhos semicerrados disparando na direção de Clair. — Quem está aí? Vamos, apareça — exigiu, apontando a lanterna diretamente nos olhos de Clair.

— Está bem — falou Clair, enquanto erguia a mão para escapar da luz ofuscante. — Pode tirar essa lanterna dos meus olhos?

— Clair McCorrson? — disse Christina, atordoada. — O que está fazendo aqui?

A gravidade da situação a fez sentir um aperto no peito. Estava indefesa e a poucos metros de uma assassina. Se ficasse no chão, seria um alvo fácil. Ignorou a dor na parte inferior das costas e começou a se levantar devagar.

— Fique onde está! — gritou Christina.

Clair congelou por um momento, mas se recusou a ser a vítima daquele cenário. — Pare com isso, Christina, só estou de pé para que possamos conversar como pessoas civilizadas — disse Clair, acomodando-se em uma posição melhor.

— O que está fazendo aqui? — Christina a perfurou com o olhar, fazendo Clair se arrepiar.

— Eu poderia lhe fazer a mesma pergunta — disse Clair, cruzando os braços, rezando para que o telefone ainda estivesse gravando. — Observei você no jantar. Parecia tão nervosa quanto um potro dando seus primeiros passos e era óbvio que estava escondendo alguma coisa. Então, a segui quando a vi sair do jantar de forma abrupta, mas nunca em um milhão de anos eu teria imaginado que você seria capaz de matar alguém a sangue-frio.

— Não seja ridícula. Não sei do que está falando. — Christina balançou de um pé para o outro, nervosa.

A mente de Clair girava a mil por hora, apesar da tensão causada pelo comportamento arisco de Christina. Arregalou os olhos e o medo disparou por sua espinha quando a viu se aproximar da pequena mesa lateral, alternando o olhar entre Clair e a porta. — Acho que já é hora de a verdade vir à tona e, além disso, somos só você e eu. Quem mais está aqui para ouvir? — Clair quase podia ouvir seu coração batendo no silêncio, enquanto Christina refletia sobre sua oferta. — Sei que você matou James e Roland Trent, mas não sei o motivo.

Um riso malicioso brilhou no rosto de Christina, um som maligno que ecoou pela sala. As palavras seguintes fizeram Clair congelar. — Por que não? Você não é páreo para mim. Me livrei de um traidor. O que é mais um? — Ela deu de ombros.

Clair não podia acreditar em sua sorte. — Então, você admite que matou James?

Cristina bufou. — O bom e velho James. Sim, eu o matei e faria de novo em um piscar de olhos.

Meu Deus, ela confessou. Isso foi muito fácil.

— Aquele cretino mentiroso! — Christina estreitou os olhos. — Durante meses, ele teve a ousadia de me enrolar, dizendo que ia deixar aquela mulher, dizendo o quanto me amava e que eu era a única mulher com quem ele realmente se importava e com quem ia se casar. Então descobri que não tinha intenção de deixá-la. Eu era a amante e ele estava me deixando? De repente, não sou boa o suficiente? Sou o lixo descartado. Ninguém me usa e sai impune.

— Você o matou porque ele terminou o relacionamento? Não teve nada a ver com os impostos?

— Impostos? — perguntou Christina, em tom agudo. — Não seja idiota, meus impostos são a menor das minhas preocupações. Eu o matei porque ele ia fugir com o dinheiro que trabalhamos tanto para roubar. Ia dividi-lo com a mulher e aquele canalha, Roland Trent, e me deixar sem nada. É por isso também que precisei matar Roland. Não poderia deixar viva a única pessoa capaz de destruir tudo, se me entregasse à polícia.

Não acredito nisso. Essa mulher me incriminou por assassinato por causa de dinheiro e uma briga de namorados. Clair ficou paralisada e cerrou os punhos com tanta raiva que suas unhas cravaram nas palmas das mãos. O barulho crescente da chuva no telhado estava lhe deixando ainda mais irritada. — Não entendo. Por que me incriminar? O que eu fiz? E aquela bobagem sobre a maldição desta casa? Não existe maldição alguma, não é? — perguntou com os dentes cerrados.

— Golpe de gênio, se é que posso dizer. Mesmo que tivesse todo o tempo do mundo, não poderia ter planejado melhor. — Christina soltou uma risadinha abafada que irritou Clair. — Você foi a oportunidade perfeita. O clássico bode expiatório, tudo o que precisei fazer foi levantar algumas dúvidas na comunidade, inventar aquela bobagem, publicar alguns artigos que a fizeram parecer suspeita de assassinato, sentar e esperar que você fosse presa. Matar Roland e deixar o corpo atrás de sua loja, junto com a camisa manchada com cobertura dos cupcakes que deixou aqui foi apenas um bônus. O que não planejei foi o celular de James desaparecer.

— O que o telefone tem a ver com tudo isso? — Clair estava determinada a descobrir toda a verdade.

— Tudo — retrucou, pegando um castiçal da pequena mesa de madeira. Clair focou no objeto de latão em suas mãos. — Sabe o que é tão irônico?

Objeto redondo, a base do tamanho de uma garrafa de vinho. Clair balançou a cabeça, sentindo um calafrio percorrer seus braços. — O quê?

— É quase como o jogo de *Detetive*, com a história se repetindo. — Christina riu e aumentou o tom da voz como um trailer de filme de Hollywood. — James Hapworth, morto na mansão com o castiçal. Roland Trent, morto no beco com o mesmo castiçal. Parece que você terá a mesma

morte prematura. Afinal, não posso permitir que conte a verdade à polícia, posso? Estragaria meu final perfeito.

O coração de Clair disparou quando Christina levantou o castiçal acima da cabeça e deu um passo à frente. Então, ergueu as mãos e gritou: — Espere! Se vai me matar de qualquer maneira, o mínimo que pode fazer é me contar toda a verdade. O que tem de tão importante no celular?

— Ah, pelo amor de Deus — disse Christina, abaixando os braços. — Está bem, o que são mais alguns segundos?

Segundos... Segundos? O que posso fazer em segundos? Agora estava arrependida por não ter esperado por Mason. Seu sangue estava bombeando tão rápido que pensou que seu cérebro fosse explodir. Se tivesse um spray de pimenta na bolsa, poderia desarmar Christina tempo suficiente para escapar. Posicionou o lado direito do corpo longe da visão de Christina e fez uma pausa, esperando que ela estivesse tão envolvida no som da própria voz que não notaria o leve movimento. Colocou a mão na bolsa e sentiu o coração acelerar quando envolveu um pequeno cilindro semelhante a um frasco de desodorante no fundo da bolsa. Não era spray de pimenta, mas era a única coisa que podia usar. Sua única chance.

— Usei o outro castiçal para matar James e agora está no fundo do John's Cape. Atirei na água depois que me livre de Roland. Quanto ao celular, é minha passagem para a aposentadoria. Encontro o celular e estou pronta para aproveitar a vida. Não tem somente algumas fotos de nós dois em posições comprometedoras, mas também e-mails pessoais sobre algumas das nossas transações comerciais bastante duvidosas, que nem mesmo seu sócio tinha conhecimento. Mas a informação mais importante são as senhas e detalhes da conta na qual está o dinheiro que ele desviou da empresa. Cinco milhões de dólares e com você fora do caminho, tudo será meu. — Christina ergueu o castiçal e avançou na direção de Clair.

O coração de Clair batia acelerado. Christina enrijeceu o rosto e o brilho sinistro em seus olhos só foi superado pelas palavras maldosas. — Prepare-se para se juntar a James no inferno.

Clair prendeu a respiração e deu um passo para trás, batendo contra a pilha de caixas, acuada, a segundos do fim de sua vida. Sentiu o sangue gelar, o olhar fixo no castiçal de prata posicionado acima da cabeça de Christina, pronta para matá-la.

Agora! Clair tirou a mão da bolsa, apontando o cilindro na direção da mulher que avançava. Seu coração disparou quando apertou o gatilho. *Whoosh.* Um fluxo constante de glitter dourado metálico disparou nos olhos de Christina, que parou, levantando a mão para proteger os olhos, deixando o castiçal cair no chão, com um estrondo.

— Ahhhhhh — Christina gritou, incapaz de manter os olhos abertos por mais tempo. Perdeu o equilíbrio e caiu sobre as caixas. Clair conseguiu se afastar bem a tempo.

— Ai, meus olhos. Meus olhos — lamentou Christina, agitando os braços

como um peixe fora d'água. Clair correu para a porta da frente, sem se preocupar em olhar para trás, o corpo se movendo no modo automático. O som fraco das sirenes à distância lutava para atravessar a chuva que agora caía forte. Clair respirou fundo. O ar sufocante obstruía seu peito. A chuva tinha tornado a noite quente, abafada e úmida. Era como estar enrolada em um cobertor de lã em um dia de verão.

Clair se virou ao ouvir o grito da voz de Christina ainda dentro da casa. — Não adianta correr.

Como se eu quisesse correr de salto alto até a delegacia com Christina me perseguindo. Procurou o esconderijo perfeito e avistou uma jardineira abrigando um bambu alto e crescido no fundo da varanda. *Perfeito.* Esperou pelo que pareceu uma eternidade até que finalmente deu um suspiro de alívio ao ver as sirenes e luzes piscando nas viaturas, foi como a noite de abertura do Royal Show. Sentiu um alívio ao ver Robert e Mason saindo dos carros e vindo em direção à varanda. Mas antes que pudesse se levantar, Christina subiu ao palco mais uma vez.

— Ah, graças a Deus que estão aqui. Precisam me ajudar. — Christina soluçou, movendo as mãos como o vento soprando em seu rosto. — Pensei que fosse morrer. Clair McCorrson tentou me matar.

Eu o quê? Como ousa virar o jogo e me culpar?

— Do que está falando? — exigiu Mason, com os olhos arregalados.

— Calma — disse Robert, olhando para Mason de modo a fazê-lo deixar as perguntas para um profissional. — Agora, conte-me o que aconteceu.

— Estava voltando para casa depois do jantar porque não estava me sentindo bem e vi Clair McCorrson agindo de forma suspeita. Então, a segui até aqui e tive certeza de que ela estava tramando alguma coisa. Afinal, por que viria aqui, para este lugar, depois do que aconteceu, a menos que estivesse escondendo alguma coisa? Quando a confrontei, ela confessou ter matado James e Roland. E ia me incriminar pelas mortes. — Christina começou a hiperventilar, dando a impressão de ser a vítima perfeita.

Isso é loucura, essa mulher já não tornou minha vida um inferno o suficiente?

Mason recuou e cruzou os braços. — Isso é ridículo. Clair é a mulher mais incrível e maravilhosa que já conheci. É incapaz de fazer mal a alguém e acusá-la de tentar matá-la é simplesmente ridículo. Tem como provar o que está dizendo?

Clair parou por um momento e observou Mason enquanto ele a defendia ferozmente. Não conseguia parar de pensar em como ele estava bonito de camisa social branca e gravata. E confiava nela. Seria estúpida em deixá-lo sair da cidade sem lhe dizer como se sentia. Sorriu ao sentir um frio na barriga.

— Estou dizendo a verdade. — Christina continuou a tagarelar enquanto esticava o braço. — Vejam esses arranhões. Ela me atacou e quando tentei me defender, ela me empurrou contra uma pilha de caixas para escapar. Não deve

estar muito longe. Se saírem agora, conseguirão pegá-la.

Robert parecia estar começando a acreditar nas mentiras. Clair não podia mais deixar Christina controlar a situação.

— Vou lhe contar a verdade — sussurrou e tirou o telefone da bolsa, sentindo um alívio ao ver que ainda estava gravando. Interrompeu a gravação e voltou ao início, rezando para que fosse a confissão de Christina, quando apertasse o play.

Clair saiu devagar de trás da floreira e prendeu a respiração enquanto apertava o play e aumentava o volume.

‘Por que não? Você não é páreo para mim. Me livrei de um traidor. O que é mais um?’

‘Então, você admite que matou James?’

‘O bom e velho James. Sim, eu o matei e faria de novo em um piscar de olhos.’

Três pares de olhos se viraram em direção ao som da gravação enquanto Clair se aproximava lentamente. Encontrou os olhos azuis de Mason e sentiu um arrepio na espinha.

— O que é isso? — perguntou Christina, com o rosto pálido.

‘Aquele cretino mentiroso! Durante meses, ele teve a ousadia de me enrolar, dizendo que ia deixar aquela mulher, dizendo o quanto me amava e que eu era a única mulher com quem ele realmente se importava e com quem ia se casar. Então descobri que não tinha intenção de deixá-la. Eu era amante e ele estava me deixando? De repente, não sou boa o suficiente? Sou o lixo descartado. Ninguém me usa e sai impune.’

— Parece uma confissão — disse Robert, enquanto tirava as algemas do cinto.

O rosto de Christina ficou vermelho como beterraba. — Sua vadiazinha. De todas as mentiras, essa foi a pior. Como ousa me gravar sem minha autorização? Conheço meus direitos.

Robert ergueu a mão para silenciar Mason. — Então, está negando as acusações de assassinato?

— Claro que estou! — Christina cruzou os braços.

— Mesmo que as acusações sejam claras como o dia e pelo menos três pessoas a tenham ouvido confessar o crime?

Christina empalideceu enquanto sua confissão continuava a ser reproduzida.

‘Usei o outro castiçal para matar James e agora está no fundo do John’s Cape. Atirei na água depois que me livrei de Roland. Quanto ao celular, é minha passagem para a aposentadoria. Encontro o celular e estou pronta para aproveitar a vida. Não tem somente algumas fotos de nós dois em posições comprometedoras, mas também e-mails pessoais sobre algumas das nossas transações comerciais bastante duvidosas que nem mesmo seu sócio tinha conhecimento. Mas a informação mais importante são as senhas e detalhes da conta está o dinheiro que ele desviou da empresa. Cinco milhões

de dólares e com você fora do caminho, tudo será meu.’

Um sorriso surgiu no rosto de Robert, que piscou para Clair e bateu as algemas na palma da mão. — Veja bem, Srta. Jacobs, isso é o que chamamos de fonte confiável. E parece que há provas incriminadoras no celular das vítimas, sobre e-mails duvidosos e alegações de desfalque. E mais importante ainda, apontam você como a assassina e algo sobre um castiçal no fundo do mirante do farol, que pode ser a arma do crime. Não tenho dúvidas de que pode ser recuperado por mergulhadores da polícia.

Christina ficou boquiaberta e enrubesceu.

Robert continuou, o tom um pouco mais alegre do que deveria ao prender outro ser humano. — E agora, se me acompanhar até a delegacia, acho que o detetive Anderson provavelmente terá algumas perguntas.

Clair não sabia se era pelo constrangimento por ter sido desmascarada ou pela umidade da chuva, mas o suor escorria pela testa de Christina. De qualquer maneira, estava triunfante. Finalmente, o pesadelo tinha acabado.

— Nunca! — Christina deixou escapar enquanto desviava de Robert e descia correndo as escadas da varanda para enfrentar a chuva torrencial em seus saltos altos de camurça creme, em direção à rua. A fuga foi interrompida de forma abrupta quando outro carro da polícia chegou.

Robert suspirou e ergueu as mãos. — Por que eles sempre fogem? — perguntou, encolhendo os ombros e antes que pudesse persegui-la, o detetive Anderson saiu do carro e assumiu o controle. Christina correu para a direita e tentou escapar pela entrada da garagem em vez do portão do jardim, mas Anderson foi mais rápido e bloqueou a saída.

Clair deixou escapar uma risada e foi acompanhada por Mason. O som caloroso aqueceu seu coração.

— Ei, Loughlin, mexa esse traseiro e me ajude — chamou Anderson, enquanto tentava capturar Christina.

— O dever me chama — disse Robert, dando de ombros.

Era como assistir a um episódio de *Duas garotas em apuros* com Han Lee e Oleg perseguindo Caroline Channing pela lanchonete, na esperança de conseguir um beijo.

— Acho que não ria tanto assim há muito tempo — disse Mason, enquanto esfregava a lateral do corpo.

— Nem eu. É bom rir depois de uma semana horrível.

Mason entrelaçou os dedos nos dela e puxou-a para o balanço na outra extremidade da varanda. — Venha, sente-se aqui comigo. Vamos aproveitar o show.

Clair não podia negar a forma como seu estômago revirou quando suas mãos se tocaram. Podia sentir o calor da mão dele subir por seu braço e de repente estava mais consciente da presença dele do que jamais percebeu.

— Claro — disse, tentando disfarçar o nervosismo. Estava dividida entre a atenção carismática de Mason e o entretenimento no jardim.

O jogo de gato e rato parou de forma abrupta quando o salto de Christina

prende na grama encharcada e ela caiu de cara no canteiro lamacento do jardim. Clair sentiu o estômago tremer enquanto ria e uma dor aguda atravessou sua barriga. — Ah, isso é bom demais. Espere até eu contar a Charlotte. Ela vai rolar no chão de tanto rir.

Embora a chuva parecesse estar diminuindo, os três estavam encharcados, como se tivessem acabado de entrar em uma cachoeira. Robert algemou Christina enquanto falava com o detetive Anderson, e finalmente a levou para a viatura, ainda reclamando sem parar. Uma visão que Clair jamais esqueceria. *Isso vai lhe ensinar a não mexer com um McCorrson.*

Mason se levantou, com os ombros retos quando o detetive Anderson se juntou a eles na varanda. — Parece haver um novo direcionamento no assassinato do meu pai. Não concorda, detetive?

Anderson e Mason trocaram um olhar. — Parece que sim.

Clair enxugou as mãos úmidas nas coxas e deu um meio sorriso. — O momento não poderia ser mais ideal, detetive Anderson. Robert explicou o que aconteceu?

— Sim, e enquanto eu estava investigando a invasão no escritório do Sr. Hapworth, toda a ação estava acontecendo aqui. A Srta. Jacobs tem algumas explicações a dar. — Ele tirou a jaqueta, removendo as gotas de chuva com algumas sacudidas. — Robert me disse que tem uma fonte confiável que pode fornecer provas indicando que Christina esteve aqui neste local e que acreditava que havia evidências suficientes para incriminá-la pelos assassinatos. Foi isso mesmo o que aconteceu?

Clair engoliu em seco e assentiu. — Quem sou eu para contestar a palavra de um dos melhores policiais de Ashton Point?

— Entendo. Tem noção que se colocou em uma posição muito perigosa esta noite? — perguntou Anderson, deslizando os braços para dentro da jaqueta. — Você teve muita sorte.

Mason balançou a cabeça e disse: — Não chamaria isso de sorte, mas estou muito grato por ela ter saído ilesa. — Seus olhares se encontraram e ele afastou uma mecha de cabelo de seu rosto.

Clair sorriu e os dois ficaram em silêncio.

O detetive Anderson pigarreou. — Este é o segundo assassinato que uma de vocês, senhoritas McCorrson, resolveram inadvertidamente. Podemos considerar o último? Caso contrário, terei que pedir aposentadoria antecipada se considerarem fazer meu trabalho por mim.

Clair riu. — Acho que tenho talento para a investigação.

Mason se intrometeu. — Gostaria de mantê-la inteira por mais algum tempo.

— Tenho certeza de que sabe o que fazer agora. Preciso que vá à delegacia depor sobre os acontecimentos desta noite — continuou Anderson.

Mason franziu a testa. — Agora?

Clair envolveu a mão de Mason e esfregou o polegar na palma da mão dele. Sorriu ao ver sua expressão de surpresa. — Não me importo. Não é

como se eu estivesse com vontade de voltar para o jantar, mas não recusaria uma carona. Se não for incômodo.

Mal ouviu o detetive Anderson se despedir. Estava focada apenas no homem que poderia ser a resposta para seus sonhos. Se pudesse convencê-lo a ficar na cidade. Uma variedade de palavras tentava abrir caminho de sua mente até a boca, mas ela lutava para reunir todas em uma frase.

Mason pareceu pensativo por alguns segundos e Clair podia sentir o calor entre as mãos entrelaçadas. — Normalmente não sou tão extrovertido, mas se importaria se eu a beijasse de novo? — perguntou, com um brilho nos olhos.

Não. De jeito nenhum. Jamais recusaria. — Não consigo pensar em nada que eu gostaria mais do que ser beijada por você.

Mason enroscou os dedos no cabelo dela e a puxou para si. Seus lábios se encontraram, ansiosos, e Clair passou os braços ao redor do pescoço dele, pressionando-lhe o corpo. Os lábios dele eram quentes e tinham gosto de caramelo. *Humm.* Seu corpo ganhou vida sob o toque. Mason despertou algo que estava adormecido dentro dela há anos.

Com relutância, Clair se afastou, olhou para ele e seu coração acelerou ao se dar conta do quanto era bonito, ainda mais com aqueles óculos sexy. Lutou contra o desejo de puxá-lo e beijá-lo outra vez.

Ah Deus, por favor, não me deixe fazer papel de boba, faça com que ele goste de mim tanto quanto eu gosto dele. Respirou fundo e mordeu o lábio inferior. — O que vai fazer agora? Voltar para Surfers?

— Ah, não sei. Estava pensando em ficar aqui por um tempo. — Um sorriso malicioso surgiu em seu rosto. — Estou interessado em uma ruiva deslumbrante aqui na cidade. Ela é linda, inteligente, os cupcakes da irmã dela são deliciosos e eu estava pensando em convidá-la para sair. Mas não tenho certeza se ela aceitaria ou partiria meu coração.

Por dentro, Clair queria pular e dar cambalhotas, mas apenas sorriu e falou com calma: — Alguém me disse uma vez que, se não houver risco, não haverá recompensa. Acho que posso afirmar com segurança que se você arriscar, sua recompensa e seu coração ficarão muito gratos.

Mason deu uma risada. — Acho que também vou precisar falar com a querida madrastra. Ainda há muito o que resolver.

Clair abafou um suspiro e arregalou os olhos.

— O que foi? Qual é o problema?

— Sou uma idiota. Na agitação do dia só tive a chance de lhe contar sobre o arrombamento. Esqueci da parte mais importante.

— Contar o quê?

— Era tudo uma mentira. Stella inventou o casamento. Confessou que falsificou a certidão de casamento para impedir que você pusesse as mãos no dinheiro. Admitiu que conhecia Roland Trent e o subornou com metade do dinheiro para ele ficar calado.

Mason bufou. — O dinheiro sujo, você quer dizer. Não quero fazer parte disso.

— Não é sobre a apólice de seguro de vida. Os três milhões são todos seus.
— Ele fez uma pausa e o coração de Clair se aqueceu ao ver como o rosto dele se iluminou quando as palavras finalmente foram absorvidas. — Stella admitiu ter falsificado o nome dela na apólice. Você é o legítimo beneficiário e isso prova que seu pai o amava, do jeito dele.

— Acho que sim.

Clair assentiu. — Sabe o que isso significa, não é? — Antes que pudesse responder, Mason a abraçou e a girou na varanda.

— Mason, pelo amor de Deus, o que deu em você?

— Você — respondeu ele, afrouxando o abraço e colocando-a no chão. Inclinou a cabeça dela para trás e olhou diretamente em seus olhos. — Você mexeu comigo, Clair McCorrson, e como agora não preciso me preocupar com dinheiro, estou livre para morar onde quiser e escolho Ashton Point.

— Está falando sério? — Clair arregalou os olhos.

— Juro que estou. — Mason fez o sinal da cruz. — Com toda a agitação que acontece por aqui, é uma boa opção ficar na cidade. Embora, seria melhor se pudéssemos ficar longe de cadáveres de agora em diante.

— É uma promessa. — Clair se aconchegou, feliz. A vida estava definitivamente melhorando. Nos últimos meses, Ashton Point tinha visto drama suficiente para duas vidas inteiras, o que mais podia acontecer?



Vem aí Cupcakes e Cadáveres



Quando o assunto é design, a morte está nos detalhes.

Cassidy McCorrson trabalhou arduamente para desenvolver sua reputação como uma importante designer de interiores em sua cidade litorânea de Ashton Point. Desde que voltou para casa após visitar seus pais em Nova York, suas habilidades têm sido muito requisitadas. Entre o malabarismo com o design da nova loja de cupcakes de sua irmã e seu cliente particular, Cassidy mal tem tempo para se preparar para as próximas comemorações de Natal.

Cassidy está animada com a perspectiva de entregar designs dos quais possa se orgulhar, mas seu mundo vira de cabeça para baixo quando o corpo de um repórter local é encontrado morto no local de seu último trabalho. O que deveria ter sido um trabalho simples acaba se tornando a pior decisão de sua vida.

Para limpar seu nome e restaurar sua reputação, Cassidy precisa encontrar o verdadeiro assassino antes que acabe redesenhando o interior de uma cela de prisão. Será que ela conseguirá descobrir o assassino antes que seu tempo se esgote?



Melting Pot Café



LIVRO 1



9786580754946

Bruxas, gatos, tortas de abóbora e assassinato!

Eu sou Evelyn Grayson e se tivessem me dito quando eu tinha 23 anos, eu perderia ambos meus pais em um misterioso acidente, iria morar com a tia mais legal de todos os tempos, viveria em uma cidade mágica, e que eu era uma bruxa, eu teria dito que estavam loucos. O engraçado é que teriam razão.

Camille Stenson, a mulher mais mal-humorada de Saltwater Cove, está decidida a tornar as comemorações do Halloween deste ano, difícil para todos, mas quando ela aparece morta e minha melhor amiga está na lista de suspeitos, não tenho escolha a não ser descobrir o que aconteceu e limpar seu nome.

Entre esculturas de abóbora, casas abandonadas e Jogos de Pegar Maças, logo se torna aparente que a magia negra está presente e devo usar todas as minhas novas habilidades de bruxa para encontrar o assassino antes que outro feitiço seja lançado.

Entre no mundo mágico de Evelyn Grayson no primeiro livro da série Melting Pot Café, um divertido e romântico mistério paranormal onde os feitiços estão fluindo, e a aventura está apenas começando.

Se você gosta de bruxas espirituosas, gatos insolentes e mistérios mágicos de assassinato, então vai adorar a série Melting Pot Café de Polly Holmes.

LIVRO 2



9786554440707

Nunca imaginei que passaria a véspera de Ano Novo envolvida em confusão, magia e até mesmo assassinato!

Quando minha inimiga do ensino médio, Prudence McAvoy, escolheu o Melting Pot Café para sediar sua festa de Ano Novo, tive certeza de que não seria uma boa ideia assim que aceitei a reserva. Os problemas começam quando Prudence aparece afogada no lago e todas as evidências apontam para Jordi, minha melhor amiga e metamorfo.

Determinada a inocentar Jordi e encontrar o verdadeiro assassino, conto com a ajuda de Harriet, Tyler e meu familiar atrevido, Srta. Saffron, para descobrir o que aconteceu com Prudence.

O tempo parece estar se esgotando à medida que a contagem regressiva para a meia-noite se aproxima.

Será que conseguimos encontrar o assassino antes que outro corpo apareça? Ou Jordi terá que passar o ano novo na prisão?

Se você gosta de bruxas espirituosas, gatos falantes e assassinatos envolvendo mistérios mágicos, vai adorar a série Melting Pot Café da autora Polly Holmes.

LIVRO 3



O que uma bruxa deve fazer quando se depara com a necessidade de proteger aqueles que ama contra o mal?

Sabe daqueles dias em que tudo está indo muito bem? Quando temos tem aquela sensação de que a algo inesperado pode acontecer? Bem-vindos ao meu dia.

Chegou o dia do Festival Anual de Saltwater Cove, e este ano teremos muito mais atrações, shows, barracas de comida e competições. Bruxas de mundos próximos e distantes estão mais determinadas do que nunca a ganhar o prestigiado troféu de Melhor Bruxa Confeiteira.

Quando Seraphina Morgan, do Clã da Lua Noturna aparece morta, todas as evidências apontam para tia Edie, a atual campeã. A magia negra está à espreita, e estou determinada a descobrir quem está por trás desse crime e inocentar tia Edie antes que o pior aconteça, e ela seja considerada culpada.

Com a ajuda das minhas duas melhores amigas e do meu lindo namorado, preciso encontrar o verdadeiro assassino antes que seja tarde demais.

Se você gosta de bruxas espirituosas, gatos falantes e assassinatos envolvendo mistérios mágicos, entre no divertido mundo de mistérios paranormais da série Melting Pot Café, onde a magia acontece e os feitiços são garantia de novas aventuras.

Sobre a Autora



Polly Holmes é o pseudônimo atrevido e irreverente de P. L. Harris. Quando não está escrevendo seu próximo livro de suspense romântico como P. L. Harris, está planejando o próximo assassinato em um dos mistérios aconchegantes de Polly.

De acordo com Polly, a melhor parte de escrever um mistério aconchegante é a pesquisa. Encontrar a melhor maneira de fisgar o leitor, uma ótima maneira de matar alguém, uma infinidade de suspeitos e, é claro, guloseimas na medida certa.

Polly vive não muito longe da praia, no subúrbio norte de Perth, na Austrália Ocidental, com sua *bichon frisé*, Bella. Quando não está escrevendo, pode ser encontrada bebendo um café em sua cafeteria favorita, assistindo reprises de *Assassinato Por Escrito* ou *Psicose*, ou fazendo longas caminhadas pela praia aproveitando a brisa do mar.

Informações Leabhar



Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o **print da compra** para o E-mail **Leabhar Books®**